

2.º CICLO
[ESTUDOS DE MÉDIA E JORNALISMO]

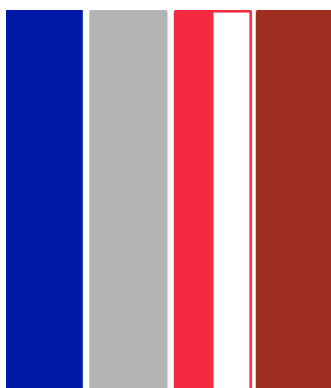
Os principais desafios do jornalismo cultural nos jornais generalistas

O caso do Jornal de Notícias

Bruna Filipa Durães Pereira

M

2023



Bruna Filipa Durães Pereira

Os principais desafios do jornalismo cultural nos jornais generalistas O caso do Jornal de Notícias

Relatório de Estágio realizado no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação,
orientado pelo Professor Doutor Paulo Frias da Costa

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2023

Índice

Declaração de honra	6
Agradecimentos	7
Resumo.....	8
Abstract	9
Índice de Tabelas.....	10
Glossário.....	13
Lista de abreviaturas e siglas.....	14
Introdução.....	15
1.Uma evolução paralela entre cultura e jornalismo cultural	18
1.1. O grande desafio de se definir Cultura	18
1.2. Como é que o jornalismo se encarrega de comunicar a cultura?	21
1.3. A condição atual do jornalismo cultural nos jornais generalistas	25
1.3.1. As fontes externas	29
1.3.2. O poder económico no jornalismo cultural	33
1.3.3. O papel do jornalista cultural	35
1.3.4. A descentralização do jornalismo cultural em Portugal	39
2.O Estágio	41
2.1. O Jornal de Notícias	41
2.2. Experiência de estágio.....	47
2.2.1. Uma análise crítica e reflexiva da experiência de estágio	55
3.Proposta de Investigação: a secção “Cultura” do JN	59
3.1. Questões de Investigação.....	60
3.2. Objetivos.....	61
3.3. Metodologia	62
4.Análise e discussão de resultados.....	63
4.1. Análise demográfica	66
4.2. Questão de Investigação 1	68
4.2.1. Hipótese 1.....	68
4.2.2. Hipótese 2.....	72
4.3. Questão de Investigação 2	76
4.3.1. Hipótese 3.....	76

4.3.2. Hipótese 4.....	81
Considerações finais.....	86
Referências Bibliográficas	91
Anexos.....	96

Declaração de honra

Declaro que o presente trabalho/tese/dissertação/relatório/ é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e autoplágio constitui um ilícito académico.

Porto, Maio de 2023

Bruna Filipa Durães Pereira

Agradecimentos

Primeiramente agradeço aos meus pais e à minha família, que me acompanharam durante todo o meu percurso académico e sempre acreditaram em mim, não deixando de dar os melhores conselhos.

Ao Filipe, que entrou na minha vida quando dei início a este mestrado e nunca mais saiu. Foi o meu grande pilar durante todo este caminho, motivando-me constantemente e tentando eliminar todas as inseguranças que me iam surgindo.

Ao meu orientador, o professor Doutor Paulo Frias da Costa, pelo constante acompanhamento, dedicação, exigência e por todos os conselhos dados durante todo este processo.

Ao meu editor, José Miguel Gaspar, e aos jornalistas Catarina Ferreira e Sérgio Almeida, por me darem a oportunidade de trabalhar em jornalismo e me desafiarem todos os dias a fazer mais e melhor. Nunca me senti tão acolhida e feliz por poder trabalhar a seu lado.

Por último, a este mestrado, por me ter permitido finalmente ingressar pelo jornalismo e fazer dele a minha profissão futura.

Resumo

O conceito cultura é bastante complexo e, se aplicado ao jornalismo, entra em todo um novo universo cheio de desafios e particularidades que são geridas todos os dias e vão passando por mudanças ao longo dos anos. O presente relatório surge no âmbito da realização de um estágio curricular, de três meses, no Jornal de Notícias, na sua secção de “Cultura”. É a partir desta experiência prática que surge a vontade de analisar os desafios do jornalismo cultural, principalmente os que foram identificados durante o estágio. Considerando o que já foi investigado na literatura, considerou-se essencial dar voz ao leitor, tentando tanto perceber a sua influência na existência de determinadas particularidades, como a sua perspetiva em relação às mesmas, colocando em comparação com o que foi analisado do lado de dentro, ou seja, na redação. Para isso, foi realizado um inquérito por questionário a 245 inquiridos e posteriormente procedeu-se à sua análise quantitativa. A mesma permitiu responder às duas questões de investigação e testar as suas respetivas hipóteses. Os resultados desta investigação permitiram mostrar que o inquirido que lê regularmente o jornal também lê a secção “Cultura” e tem mais interesse em artigos sobre cinema, música moderna e literatura. Para além disso, a maioria dos leitores tem a consciência de que a maior parte dos eventos culturais, cobertos pelo JN, acontecem muito próximo da sede do jornal, ou seja, ao redor do concelho do Porto ou então em grandes polos de urbanização, como Braga e Lisboa. Por fim, os inquiridos que consideram que os artigos do JN são aprofundados, também identificam uma vertente reflexiva, mas esta opinião não é assim tão unânime: constatou-se que existem diferentes perspetivas, fazendo com que este tema tenha de ser investigado mais aprofundadamente.

Palavras-chave: Jornal de Notícias; jornalismo cultural; jornais generalistas; cultura; consumo.

Abstract

The concept of culture is multifaceted, and when applied to journalism, it enters a realm filled with unique challenges and complexities that evolve over time. This report stems from a three-month curricular internship at Jornal de Notícias, specifically in its "Culture" section. Through this practical experience, the aim is to analyze the challenges of cultural journalism, particularly those observed during the internship. Building upon existing literature, it was deemed crucial to give voice to the readers and comprehend their influence on certain nuances, while comparing it with the internal analysis within the newsroom. To achieve this, a questionnaire survey was conducted with 245 respondents, followed by a quantitative analysis. The results of this investigation revealed that the majority of regular readers of the newspaper also read the "Culture" section and display a heightened interest in articles related to cinema, modern music, and literature. Additionally, the majority of readers are aware that most cultural events covered by JN primarily take place near the newspaper's headquarters, specifically in the Porto municipality or major urban centers such as Braga and Lisbon. Lastly, the respondents that considered JN's articles depth also identifies a reflective side, but this opinion is not unanimous: There are diverse perspectives, indicating the need for further investigation on this subject.

Keywords: Jornal de Notícias; cultural journalism; broadsheets; culture; consumption

Índice de Tabelas

TABELA 1 - TESTE DE NORMALIDADE DE <i>KOLMOGOROV-SMIRNOV</i>	65
TABELA 2 - EXEMPLO DE VARIÁVEIS BINÁRIAS DA QUESTÃO 10 (RESPOSTA MÚLTIPLA)	66
TABELA 3 - INFORMAÇÃO DESCRITIVA DA VARIÁVEL DEMOGRÁFICA “CONCELHO”	68
TABELA 4 - TESTE DE CORRELAÇÃO TAU-B DE KENDALL DAS VARIÁVEIS 5 E 6	70
TABELA 5 – ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS DA VARIÁVEL “COM QUE REGULARIDADE ACHA QUE O JN ABORDA OS EVENTOS CULTURAIS QUE ACONTECEM NO CONCELHO EM QUE RESIDE?”	77
TABELA 6 - TESTES DE CORRELAÇÃO PEARSON E SPEARMAN APLICADOS ÀS VARIÁVEIS 4 E 16	78
TABELA 7 - INFORMAÇÃO DESCRITIVA DA VARIÁVEL DEMOGRÁFICA “SEXO”	164
TABELA 8 - INFORMAÇÃO DESCRITIVA DA VARIÁVEL DEMOGRÁFICA “IDADE”	164
TABELA 9 - INFORMAÇÃO DESCRITIVA DA VARIÁVEL DEMOGRÁFICA “GRAU DE ESCOLARIDADE”	164
TABELA 10 - INFORMAÇÃO DESCRITIVA DA VARIÁVEL DEMOGRÁFICA “CONCELHO”	165
TABELA 11 - INFORMAÇÃO DESCRITIVA DA VARIÁVEL "COSTUMA LER NOTÍCIAS DA SECÇÃO ‘CULTURA’ DO JN?”	166
TABELA 12 - TABELA DE CONTINGÊNCIA DAS VARIÁVEIS 5 E 6	166
TABELA 13 - INFORMAÇÃO DESCRITIVA DA VARIÁVEL "COM QUE REGULARIDADE COSTUMA LER NOTÍCIAS DE CULTURA DO JN?"	166
TABELA 14 - INFORMAÇÃO DESCRITIVA DA VARIÁVEL “DENTRO DAS NOTÍCIAS CULTURAIS DO JN QUAIS SÃO AS ÁREAS QUE LHE DESPERTAM MAIOR INTERESSE?”	167
TABELA 15 - INFORMAÇÃO DESCRITIVA DA VARIÁVEL “DENTRO DAS NOTÍCIAS CULTURAIS DO JN QUAIS SÃO AS ÁREAS QUE LHE DESPERTAM MAIOR INTERESSE?” (CONTINUAÇÃO)	167
TABELA 16 - INFORMAÇÃO DESCRITIVA DA VARIÁVEL "NA SUA OPINIÃO, O JN ABRANGE TODAS AS ÁREAS CULTURAIS?"	167
TABELA 17 - INFORMAÇÃO DESCRITIVA DA VARIÁVEL "COM QUE REGULARIDADE ACHA QUE O JN ABORDA OS EVENTOS CULTURAIS QUE ACONTECEM NO CONCELHO EM QUE RESIDE?"	168
TABELA 18 - TABELA DE CONTINGÊNCIA ENTRE AS VARIÁVEIS 4 E 16	168
TABELA 19 - TESTE QUI-QUADRADO DE PEARSON APLICADO ÀS VARIÁVEIS 4 E 16	169
TABELA 20 - INFORMAÇÃO DESCRITIVA DA VARIÁVEL "NA SUA PERSPETIVA, DE 1 A 5, QUÃO APROFUNDADOS SÃO OS ARTIGOS JORNALÍSTICOS SOBRE CULTURA DO JN?"	169
TABELA 21 - INFORMAÇÃO DESCRITIVA DA VARIÁVEL "NA SUA PERSPETIVA, O JN INCLUI, NOS SEUS ARTIGOS, ESSA VERTENTE MAIS REFLEXIVA?"	170

TABELA 22 - INFORMAÇÃO DESCRITIVA DA VARIÁVEL "ACREDITA QUE A REFLEXÃO DO PRÓPRIO JORNALISTA SOBRE DETERMINADO EVENTO CULTURAL É ESSENCIAL PARA O LEITOR?"	170
TABELA 23 - TESTE DE CORRELAÇÃO DE SPEARMAN APLICADO ÀS VARIÁVEIS 13 E 15.....	171
TABELA 24 - TABELA DE CONTINGÊNCIA ENTRE AS VARIÁVEIS 13 E 15	171

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1 - INFORMAÇÃO PERCENTUAL DA VARIÁVEL DEMOGRÁFICA “SEXO”	67
GRÁFICO 2 - INFORMAÇÃO PERCENTUAL DA VARIÁVEL DEMOGRÁFICA “IDADE”	67
GRÁFICO 3 - INFORMAÇÃO PERCENTUAL DA VARIÁVEL DEMOGRÁFICA “GRAU DE ESCOLARIDADE”	68
GRÁFICO 4 - INFORMAÇÃO PERCENTUAL SOBRE A VARIÁVEL “COSTUMA LER NOTÍCIAS DA SECÇÃO ‘CULTURA’ DO JN?”	69
GRÁFICO 5 - INFORMAÇÃO PERCENTUAL DA CORRELAÇÃO ENTRE AS VARIÁVEIS 5 E 6	70
GRÁFICO 6 - INFORMAÇÃO PERCENTUAL DA VARIÁVEL "COM QUE REGULARIDADE COSTUMA LER NOTÍCIAS DE CULTURA DO JN?"	71
GRÁFICO 7 - INFORMAÇÃO PERCENTUAL DA VARIÁVEL "DENTRO DAS NOTÍCIAS CULTURAIS DO JN QUAIS SÃO AS ÁREAS QUE LHE DESPERTAM MAIOR INTERESSE?"	73
GRÁFICO 8 - INFORMAÇÃO PERCENTUAL DA VARIÁVEL "NA SUA OPINIÃO, O JN ABRANGE TODAS AS ÁREAS CULTURAIS"	74
GRÁFICO 9 - INFORMAÇÃO PERCENTUAL DA VARIÁVEL "COM QUE REGULARIDADE ACHA QUE O JN ABORDA OS EVENTOS CULTURAIS QUE ACONTECEM NO CONCELHO EM QUE RESIDE?"	77
GRÁFICO 10 - INFORMAÇÃO SOBRE A REGULARIDADE COM QUE O JN ABORDA OS EVENTOS CULTURAIS QUE ACONTECEM NO CONCELHO EM QUE RESIDEM OS LEITORES, DIVIDIDO PELOS RESPECTIVOS CONCELHOS....	80
GRÁFICO 11 - INFORMAÇÃO PERCENTUAL DA VARIÁVEL "NA SUA PERSPETIVA, DE 1 A 5, QUÃO APROFUNDADOS SÃO OS ARTIGOS JORNALÍSTICOS SOBRE CULTURA DO JN?"	82
GRÁFICO 12 - INFORMAÇÃO PERCENTUAL DA VARIÁVEL "ACREDITA QUE A REFLEXÃO DO PRÓPRIO JORNALISTA SOBRE DETERMINADO EVENTO CULTURAL É ESSENCIAL PARA O LEITOR?"	83
GRÁFICO 13 - INFORMAÇÃO PERCENTUAL DA VARIÁVEL "NA SUA PERSPETIVA, O JN INCLUI, NOS SEUS ARTIGOS, ESSA VERTENTE MAIS REFLEXIVA?"	83
GRÁFICO 14 - INFORMAÇÃO PERCENTUAL DA CORRELAÇÃO ENTRE AS VARIÁVEIS 13 E 15	85

Glossário

Press Release: “notícia ou informação promocional enviada aos órgãos de comunicação social com o objetivo de ser divulgada ou tratada como fonte de informação produzida por esses órgãos” (Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa, [s.d.])

Lista de abreviaturas e siglas

FLUP FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

UP UNIVERSIDADE DO PORTO

JN JORNAL DE NOTÍCIAS

Introdução

“Jornalismo, independentemente de qualquer definição académica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespetadores ou ouvintes” (Rossi, 2017, p. 7)

O conceito “jornalismo” tem trazido muita discussão académica e não académica. É uma profissão e uma prática profissional que está sujeita a avaliação de todos e, por isso mesmo, cada um de nós expõe as suas críticas, sugestões e elogios. Outro termo muito comentado é a “cultura” – um conceito que pode estar associado a entretenimento, mas também a cultura laboral, cultura de plantação, entre muitas outras.

Ao interligar “jornalismo” com “cultura”, chega-se ao termo jornalismo cultural. O mesmo é visto como uma especialização jornalística que tem como fim comunicar notícias sobre todo o tipo de cultura – arte, cinema, música, literatura, entre outros (uma grande generalização do que pode ser considerado cultura). Mas já alguém parou para pensar nas características do jornalismo cultural? Que tipo de conteúdo comunica? De que forma é transmitido? Como é a prática jornalística? É importante aos olhos do jornalismo? E do leitor? O que o diferencia das restantes editorias? Eu própria, admito que ainda não o tinha feito e olhava para o jornalismo cultural como se fosse mais uma especialização e encaixava-o simplesmente na palavra jornalismo e no que era discutido sobre o mesmo. Mas, na verdade, jornalismo cultural é muito mais complexo e merece ser analisado aos olhos do jornalismo, aos olhos da cultura e aos olhos do leitor.

O presente relatório surge no seguimento da realização de um estágio curricular no Jornal de Notícias, na secção Cultura. Tanto o relatório como o estágio têm como principal objetivo a conclusão do mestrado em Ciências da Comunicação – vertente de Novos Média e Jornalismo – na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O referido estágio proporcionou a presente reflexão neste relatório, ou seja, entender quais são os principais desafios do jornalismo cultural nos jornais generalistas, apresentando o caso particular do Jornal de Notícias. Alguns foram identificados durante a realização do estágio, outros surgiram no decorrer da investigação patente neste relatório. Esta

investigação surge da necessidade de entender o estado do jornalismo cultural no Jornal de Notícias; apurar se os artigos da secção “Cultura” são centralizados geograficamente, ou seja, se cinjam às regiões mais próximas da sede; entender se o leitor dá importância a que haja uma vertente mais reflexiva e crítica nos artigos do JN; se este considera os artigos jornalísticos sobre cultura aprofundados e, por fim, averiguar se lê as notícias da secção de cultura e quais as manifestações culturais que lhe são de maior interesse. Foram formuladas duas questões de investigação para responder a estas necessidades: “Que importância a secção “Cultura” tem para os leitores do JN?” e “Qual a perspetiva, do leitor do JN, das particularidades da secção “Cultura” do jornal?”.

Para isso, foi realizado um inquérito por questionário, aplicado posteriormente a 245 leitores do Jornal de Notícias, de modo a conseguir consolidar os objetivos já referenciados, responder às questões de investigação a tentar perceber se determinadas hipóteses eram corroboradas. Isto porque já havia um prévio conhecimento e uma experiência de estágio que permitiu retirar algumas ilações, surgindo assim este questionário para as sustentar empírica e quantitativamente.

Este relatório está dividido em quatro partes principais. A primeira parte é toda dedicada a uma reflexão teórica do que é Cultura e da sua evolução histórica, de como surge o Jornalismo Cultural e das principais características da sua prática ao longo dos anos, principalmente nos jornais generalistas – são abordadas as fontes externas, o jornalista cultural, a influência económica e a centralização geográfica em Portugal. A visão para a situação nacional está sempre presente, sendo que é o exemplo mais real e próximo da realidade vivida.

Numa segunda parte reflete-se sobre a experiência do estágio curricular, que se demonstrou bastante enriquecedor e esclarecedor. Se não fosse este estágio, muito provavelmente não tinha refletido sobre o jornalismo cultural e pensado nos principais desafios que ele enfrenta.

Já na terceira parte é apresentada a proposta de investigação, na qual estão presentes as respetivas questões de investigação, os objetivos e a metodologia que foi utilizada.

São secções essenciais para se definir o que realmente se vai estudar e o que se pretende alcançar.

Por último, na quarta parte são apresentados os resultados e a respetiva discussão, de modo a poder cumprir com o objetivo deste relatório. Não poderia deixar de faltar uma breve conclusão do que se retirou da investigação, a apresentação das referências bibliográficas utilizadas e dos anexos, que incluem as notícias publicadas, em meu nome, no decorrer do estágio no Jornal de Notícias.

1. Uma evolução paralela entre cultura e jornalismo cultural

1.1. O grande desafio de se definir Cultura

O conceito de cultura é algo bastante complexo, considerando as diferentes interpretações que já lhe foram atribuídas ao longo dos anos. De acordo com Fernandes (2020); Lourenço (2016); Silva (2009) e Teixeira (2020), cultura pode ser considerado um conceito polissémico – esta característica é entendida como uma consequência da mudança de paradigma no século XX e que irá ser explicada posteriormente. Martín (2019) ainda considera o conceito de cultura “extenso y heterogéneo” e explica que o mesmo se altera de acordo com o país e a época.

A cultura, como atividade, está presente na sociedade desde a Grécia antiga. Contudo, a mesma era vista como inferior às restantes atividades. De acordo com Siqueira e Siqueira (2016), a “arte e a técnica formavam uma unidade” e Aristóteles inferiorizava a cultura à “ciência teológica e às ciências da práxis” (Siqueira e Siqueira, 2016, p. 109).

Teixeira (2020) acrescenta que as primeiras definições de cultura surgiram de antropólogos evolucionistas, sendo eles Tylor, Morgan e Frazer. A palavra cultura vem do termo latino *Colere*, que significa cultivar (Martín, 2019), mas neste caso não a terra, mas sim o “espírito humano e as faculdades intelectuais dos Homens” (Fernandes, 2020, p. 23). Até ao século XIX, a definição de cultura esteve associada às artes e ao “espírito humano”, até que a partir da metade do século XX começaram a surgir outros significados associados ao termo, principalmente os referentes ao quotidiano – associa-se a cultura, cultura laboral, modo de vida, entre outros. Silva e Silva (2017) indicaram, no capítulo do livro “A Cultura na Primeira Página: Uma Década de Jornalismo Cultural na Imprensa em Portugal”, que a obra “*Culture: A Critical Review of Concepts and Definitions*” de Kroeber e Kluckhohn, expõe 164 definições de cultura, que envolvem contextos geográficos, disciplinas e perspetivas diferente.

O conceito cultura existe em diversos contextos e, mesmo dentro de cada contexto, torna-se difícil definir o seu significado e associá-la a algo.

É a partir do Renascimento que a cultura começa a ser valorizada, considerando também a valorização de um conhecimento mais subjetivo. No entanto, a arte surge neste altura como um conceito separado dos restantes e era restrito, ou seja, tudo o que era considerado arte [Os autores Siqueira e Siqueira referem que estava incluído na arte “coreografia, livro, pintura, espetáculo, partitura” (Siqueira e Siqueira, 2016, p. 109)] só podia ser usufruído pelas classes privilegiadas.

Assim, até à metade do século XIX, estava presente uma designada “cultura clássica” que estava associada ao “erudito e às artes superiores” (Silva, 2009, p. 92) ou “belas-arts” (Lourenço, 2016, p. 7). Só no início do século XX é que o panorama se altera, devido principalmente ao crescimento da sociedade de massas. Começam a surgir variados estudos sobre este novo paradigma e consolidam-se duas conceções: uma proveniente do pensamento marxista e outra do liberalismo norte-americano.

Segundo Lourenço (2016), Martín (2019) e Silva (2009), a conceção Marxista recai sobre a Escola de Frankfurt, destacando Theodor Adorno e Max Horkheimer, que criaram o conceito “indústria cultural”, descrito na obra dos dois autores “A Dialética do Esclarecimento”. Este conceito surge como consequência da cultura de massas, uma vez que a obtenção de lucro começa a sobrepor-se ao valor cultural, ou seja, a cultura começa a ser vista como uma indústria. Lourenço (2016) conclui que a “cultura está tomada pela lógica de mercado”(Lourenço, 2016, p. 9) e todos os objetos culturais tornam-se semelhantes entre si. É aqui que começa a surgir a ideia de que o consumidor de cultura está a perder a sua autonomia e o seu poder de escolha, deixando de ser autor de determinado bem cultural, para ser um simples objeto do mesmo.

O conceito “indústria cultural” começou a ser indissociável do conceito de cultura a partir dos anos 80, sendo ainda bem atual e estudado por muitos autores. Estes veem uma cultura cada vez mais massificada e que o jornalismo inevitavelmente acompanha.

Ainda na mesma linha de pensamento, os *cultural studies* também contribuíram para quebrar a distinção entre cultura de elite e cultura popular, assumindo a cultura como uma unidade que pode ser assistida por todos. De acordo com Silva (2009), esta é uma visão antropológica que já tinha sido explorada por Edward B. Taylor.

T. S. Eliot, abordado por Pires (2006), opõe-se à solução que defendiam os teóricos marxistas, mostrando-se preocupado com o desaparecimento de uma cultura mais tradicional em mercê da cultura de massas. Contudo, defende, no seu poema designado “*Wasteland*”, que a cultura pode ser vista “como um modo de vida” acessível a todos (Pires, 2006, p. 49 *apud* Eliot, 1996[1948], p. 25). O autor diferencia três dimensões da cultura, sendo elas o indivíduo, o grupo e a sociedade.

É nesta passagem de uma cultura de elite ou clássica para uma cultura de massas ou popular que se verifica uma mudança de paradigma. Os autores referenciados não representam nem metade dos que já tentaram definir cultura. Todos eles assumem uma perspectiva diferente e, apesar de acharem que se opõem a determinadas ideias, todas elas se complementam.

Dora Santos Silva (2009) refere que, nos finais dos anos 90, a cultura que era indissociável das indústrias culturais passa a sê-lo das indústrias criativas. Um conceito que evoluiu com o de cultura, considerando que determinadas atividades culturais ainda não eram consideradas como tais e passaram a ser.

Hoje, a Direção-Geral das Atividades Económicas (DGAE) assume o conceito indústrias culturais e criativas, tendo a seguinte definição:

“O conceito de Indústrias Culturais e Criativas (ICC) é vasto e diverso e abarca um conjunto de atividades que têm em comum a utilização da criatividade, do conhecimento cultural e da propriedade intelectual como recursos para produzir bens e serviços com significado social e cultural” (Direção-Geral de Atividades Económicas (DGAE), [s.d.])

Entende-se assim que o conceito de cultura e todos os associados entre si (indústrias culturais, indústrias criativas, indústrias culturais e criativas) estão em constante mutação, não só por uma evolução inevitavelmente histórica, mas principalmente antropológica. A mudança de pensamento foi o mote para uma mudança de paradigma. Esta continuará a acontecer numa área tão difícil de definir, considerando as diferentes aceções, em que nenhuma pode ser considerada errada.

Atualmente uma definição de cultura terá de estar de certa forma relacionada com a cultura de massas vigente e mais intensa com o crescimento do mundo digital. É a UNESCO, na Declaração Universal sobre Diversidade Cultural, que altera, em 2001, a sua definição de cultura para algo mais lato, de modo a incluir as diferentes interpretações:

“A cultura deve ser vista como um conjunto de características espirituais, materiais, intelectuais e emocionais diferenciadoras de uma sociedade ou de um grupo social, e que compreende, para além da arte e da literatura, os estilos de vida, as formas de viver em conjunto, os sistemas de valores, as tradições e as convicções.” (UNESCO, 2001)

1.2. Como é que o jornalismo se encarrega de comunicar a cultura?

A cultura, como foi possível comprovar anteriormente, já foi alvo de várias definições e passou também por diversas transformações ao longo dos anos. Os jornais são vistos como um mediador cultural, sendo muito importantes para a divulgação de informação relacionada com todo o universo cultural (artistas, objetos, locais, obras, entre outros).

Mas de que forma o fazem? Definir jornalismo cultural é tão desafiante como definir cultura e, cada vez mais, torna-se difícil entender estes dois conceitos se estivermos presos ao passado. Isto quer dizer que estão em constante evolução e vêm passando por diferentes transformações. Dora Santos Silva e Marisa Torres da Silva referem:

“A definição de jornalismo cultural evolui paralelamente à de cultura – são conceitos fluidos, complexos e híbridos, cujo âmbito se redefiniu consoante a própria evolução da sociedade” (Silva & Silva, 2017, p. 89).

As autoras sustentaram-se em outros teóricos, de diferentes épocas temporais, comprovando que o que se espera do jornalismo cultural acompanha a definição de cultura, tal como já foi referido anteriormente neste relatório.

De acordo com o jornalista Daniel Piza, citado por Fernandes (2020), o jornalismo cultural surge em 1711 com a criação da revista *The Spectator*, tendo o objetivo de “tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e a levar para clubes e

assembleias, casas de chá e café” (Fernandes, 2020, p. 27 *apud* Piza, 2003). O que vemos nesta época é uma associação da cultura ao cânone, ou seja, recorre-se a autores e obras, em que os seus ideais e pensamentos são considerados uma norma. Consequentemente, a cultura era nesta altura exclusiva às elites, tal como já referido. É a partir da segunda metade do século XIX que o povo também começa a ter acesso a esta informação e surge então a designada cultura popular ou cultura antropológica.

É perante esta passagem que o jornalismo cultural começa a ser estudado entre duas conceções: uma cultura clássica ou ilustrada e uma cultura popular ou antropológica. Basso (2006), Ferreira (2015), Lourenço (2016), Martín (2019), Ribeiro (2008), Silva (2009), Silva & Silva (2017) e Teixeira (2020) abordam esta evolução do termo ao longo dos tempos, com o objetivo de levantar questões atuais.

De acordo com Lourenço (2022), até 1960, o jornalismo cultural era quase inexistente na Europa, principalmente nos jornais generalistas. Não havia editorias de cultura e o conteúdo sobre cultura era muito raro. Quando havia, o foco estava numa designada cultura clássica e era associada a esta “a música clássica, a ópera, a literatura, o teatro, as artes plásticas ou a dança”(Lourenço, 2022, p. 40). É a partir de 1960 que todo este contexto se altera e começam a surgir secções de cultura, que passam a ganhar popularidade. Esta acaba por ser a consequência de surgirem novos temas culturais, mais relacionados com consumismo, lazer e entretenimento. Para além disso, a cultura começa a ser vista e encarada pelos jornais de uma forma mais descontraída e livre, considerando que o próprio conceito de cultura se altera e é incluído num contexto mais quotidiano e não elitizado.

A literatura e a música são dois tipos de cultura que continuaram a ser cobertos pelos jornais, mas começam a surgir outros temas – o cinema e a música; apesar de esta última já estar presente anteriormente na imprensa, altera-se de um género mais clássico para o “pop-rock” (Lourenço, 2022). Depois de 1990, o teatro e a música clássica deixaram de ser tão mencionados nos jornais, devido também ao seu pouco consumo – os órgãos de comunicação começam a moldar-se aos interesses da maioria da população: a chamada cultura de massas. Nos anos 2000, a secção cultura já existe em quase todos os jornais e a televisão começa também a incluir este tema.

É nesta altura que os teóricos começam a dividir-se: para Faro (2006) continua a estar presente a dicotomia jornalismo clássico e jornalismo popular. O autor vê, por um lado, o jornalismo cultural como uma adaptação à cultura de massas e, por outro, considera que está bem presente uma cultura mais intelectual, analítica e até crítica, mantendo os valores clássicos.

Por outro lado, Basso (2008) já olha para o jornalismo cultural de uma forma mais integradora e abrangente, tendo em conta que se deve incluir em cultura tanto as belas-letras e as belas-artes como “os modos de vida, os sistemas de valores, as tradições e as crenças” (Silva & Silva, 2017, p. 91 *apud* Basso, 2008, p. 69). O objetivo passa por deixar de haver uma separação entre o que é cultura popular e cultura clássica. Contudo, Kristensen (2010) volta a trazer uma divisão do jornalismo cultural, mas de uma forma mais abrangente e atual: “arte, cultura popular, *lifestyle* e consumo” (Silva & Silva, 2017, p. 91 *apud* Kristensen, 2010, p. 69). As autoras reconfiguram a divisão, tendo em conta não só as transformações do conceito de cultura, mas também a visão de consumidor.

O jornalismo sobre “*lifestyle* e consumo” começa a ser algo muito comum, tal como referido anteriormente, e olha para o leitor como um mero consumidor, ou seja, é transmitida informação sobre “viagens, moda, gastronomia, música, cinema, artes e outros objetos culturais que são tratados na lógica de consumo” (Silva & Silva, 2017, p. 92). O jornalista passa a escrever sobre determinado bem cultural numa perspetiva consumista e comercial, dando, por exemplo, conselhos sobre o mesmo.

Atualmente, a divisão tradicional (cultura popular *versus* cultura clássica) já se demonstra insuficiente para alguns autores, tal como foi referido anteriormente. O jornalismo cultural já vai muito além do que se considerava cultura há umas décadas atrás e torna-se até difícil fazer divisões, havendo quem fale de “esbatimento de fronteiras entre o domínio do consumo, do entretenimento e do jornalismo” (Lourenço, 2022, p. 41) ou que o jornalismo sofreu uma expansão natural, resultado da lógica de consumo e mediática.

Na mesma linha de pensamento, Kristensen (2019) expõe que os estudos sobre jornalismo analisam o jornalismo de celebridades, o jornalismo sobre *lifestyle*, o

jornalismo cultural, o jornalismo artístico, o jornalismo de moda, o jornalismo gastronómico, entre muitos outros neste meio cultural; porém, na prática, esta divisão não acontece e os diferentes tipos de cultura sobrepõem-se. O jornalismo cultural passa a ser visto como “todo um modo de vida” (Kristensen, 2019, p. 14 *apud* Williams, 1958). A autora Fürsich (2012) acrescenta que, muitas vezes, o jornalismo de *lifestyle* acaba por ser encaixado no jornalismo popular, por teóricos e académicos, tendo em conta as transformações por que o mesmo também passou e os tais esbatimentos de fronteiras entre diferentes manifestações culturais e entre tudo o que é considerado cultura.

Como foi referido, surgiu um grande debate entre teóricos sobre como definir jornalismo cultural e que áreas se poderão encaixar nele. Em contrapartida, os mesmos teóricos recorrem sempre à definição de Jorge Rivera do conceito de jornalismo cultural, considerando que o mesmo assume uma perspetiva heterogénea e complexa do termo, para além de definir novas fronteiras, que vão mais além do lado artístico:

Uma zona muito complexa e heterogénea de meios, géneros e produtos que abordam com objetivos criativos, reprodutivos e informativos os terrenos das belas-artes, as ‘belas-letras’, as correntes de pensamento, as ciências sociais e humanas, a chamada cultura popular e muitos outros aspetos que têm a ver com produção, circulação e consumo de bens simbólicos, sem importar a sua origem e o seu destino (Silva, 2009, pp. 93-94 *apud* Rivera, 2003, p. 19).

Desta definição destaca-se a “produção, circulação e consumo de bens simbólicos”: é uma frase que atualmente se enquadra perfeitamente, tendo em conta a lógica de consumo a que o jornalismo cultural está associado.

Definir jornalismo cultural, nos dias de hoje, é uma tarefa muito difícil, uma vez que cada órgão de comunicação opta pela abordagem que considera a mais adequada ao seu contexto, ou seja, uma mais clássica, ou outra que abrange todos os produtos incluídos nas indústrias culturais e criativas. De acordo com Lourenço (2022), os tipos de cultura que ainda se encontram na maioria das secções dos jornais são a música moderna, a literatura e o cinema, que coexistem com uma cultura de *lifestyle* (viagens, moda, gastronomia, entre outros bens de consumo) e de celebridades.

O contexto passa a ser de consumo e entretenimento, mas as artes mais tradicionais também não podem ser esquecidas, tendo o jornalismo esse mesmo papel — mediatizar todas as artes e promover a reflexão, algo que os autores Lourenço (2022) e Silva & Silva (2017) defendem.

Contudo, as crises que o jornalismo enfrenta acabam por afetar principalmente o jornalismo cultural, que acaba por ser obrigado a seguir uma agenda definida por terceiros. Os mesmos estão ligados às indústrias culturais e muitas vezes tendem para um imediatismo da informação, algo que vai ao encontro de uma sociedade de consumo. Esta situação tem levado a grandes debates, principalmente como não descurar de uma liberdade cultural e como abranger todos os tipos de cultura, algo que nem sempre acontece.

Um desafio que o jornalismo cultural enfrenta e que se irá tratar posteriormente neste relatório, pretendendo aprofundar o tema e entender o porquê de determinadas decisões.

1.3. A condição atual do jornalismo cultural nos jornais generalistas

Foi possível constatar, até agora, que o jornalismo cultural se pode desdobrar entre várias vertentes, lembrando a definição de jornalismo cultural de Jorge Rivera (2003, p. 19). Cada jornal opta pela vertente que considera a mais adequada, mas, tendo em conta o título deste relatório e o tema aqui a ser tratado, torna-se necessário refletir sobre que posição os jornais generalistas optam perante o jornalismo cultural.

Os jornais generalistas não abordam uma só especialização jornalística, mas várias, dividindo o conteúdo por secções ou editorias. De acordo com Martín (2019), especialização jornalística “é a disciplina que organiza os conteúdos informativos, proporcionando uma síntese globalizante”¹ (Martín, 2019, p. 146).

A cultura é considerada uma secção ou editoria dos jornais generalistas e o jornalismo cultural é uma especialização. A mesma tem o papel de informar sobre produtos ou

¹ Tradução livre de “es la disciplina que ordena los contenidos informativos proporcionando una síntesis globalizadora”.

serviços culturais, aliando determinadas características próprias e diferentes das restantes especializações.

No jornalismo generalista, a cultura não é considerada uma das secções mais importantes, mas é uma das que têm mais prestígio e que poderá ter alguma influência política. Martín (2019) recorre a artigo de Llano (2008) para destacar que a Cultura é uma editoria que raramente chega à primeira página, mas que ganha esse prestígio “das facções ideológicas que cada meio apoia”² (Martín, 2019, p. 148). Kristensen (2019) refere que um estudo nórdico concluiu que o jornalismo cultural consegue dar uma visão alternativa do mundo que outras especializações não conseguem, principalmente em temas “politizados”, tais como a “etnia, raça e nacionalidade”³ (Kristensen, 2019, p. 9). Assim, os jornalistas culturais têm a capacidade de cobrir ideologias e valores culturais que estejam em debate em situações políticas, tais como eleições, conflitos internacionais, entre outros.

O jornalismo cultural ganha o seu lugar, apesar de pequeno, nos jornais impressos e no online. Para isso, tem de seguir a conjuntura dos jornais generalistas e as suas rotinas. Deste modo, o caminho que é definido para o jornalismo cultural tem como ponto de partida a cultura de massas. Os jornais direccionam a sua produção para um público-alvo, sendo este conhecido através da sua interação com determinados artigos ou através de assinaturas.

Atualmente, a própria internet é um fator muito importante na seleção deste público: se este se pronunciar positivamente ou negativamente nas redes sociais, já será alvo de avaliação para entender se determinado assunto vale a pena ser tratado ou não (Fernandes, 2021). Para além disso, o crescimento do online trouxe ao de cima um designado “jornalismo cidadão”, que se baseia em o próprio público ou leitor considerar que pode ter o papel de jornalista e partilhar determinadas informações em blogs ou nas redes sociais. No caso do jornalismo cultural, os mesmos realizam resenhas e artigos referentes a bens culturais em blogs, o que não é favorável para os órgãos de

² Tradução livre de “de las facciones ideológicas que apoya cada medio”.

³ Tradução livre de “Etnicity, race and nationality”.

comunicação credibilizados (Kristensen, 2019). Contudo, este não é um tema a aprofundar, sendo só essencial ressaltar haver outros fatores a afetar todo o contexto do jornalismo cultural.

Para além disso, o jornalismo cultural tem mais facilidade de cair num círculo vicioso de comunicar unicamente informação que vá de encontro às exigências de mercado e aos próprios interesses dos proprietários dos jornais. O lucro começa a ser a principal preocupação destes proprietários, que acabam por ceder às designadas “pressões das indústrias culturais”⁴, tal como aborda (Martín, 2019, p. 148).

Lourenço (2016) apresenta o caso português, em que a cultura está cada vez menos presente na imprensa portuguesa e, na que o está, o seu conteúdo não abrange todas as áreas culturais. O autor acredita que o futuro do jornalismo cultural em Portugal está ameaçado por estas condições. Esta situação está relacionada com a atual crise financeira que o jornalismo enfrenta, o que leva a que os jornais diminuam o espaço reservado à secção da cultura, para além de diminuírem os recursos humanos.

A música, a literatura e o cinema são as manifestações culturais com mais destaque na imprensa portuguesa, tal como acontece nos restantes países da Europa – privilegia-se “os óbitos de personalidades ligadas à cultura, festivais de música e cinema, as estreias de filmes e os lançamentos de discos e livros” (Lourenço, 2022, p. 41).

Silva (2009) já só destaca o cinema e a música e refere que os mesmos se encaixavam e encaixam no modelo de marketing que as agências querem implementar com a divulgação de conteúdo. Resumidamente, no cinema era e é alimentada uma cultura de celebridades e na música os concertos e os espetáculos ganharam e ganham muita relevância na agenda jornalística. Quanto à cultura urbana, esta surgiu mais recentemente e acabava por não ser vista, por vários jornais, como “cultura”, o que levava a que raramente surgissem nos diários portugueses.

Em 2017, Silva e Silva já apresentaram outra perspetiva do jornalismo cultural em Portugal. As fronteiras que existiam, até há pouco tempo, entre o *lifestyle* e o consumo,

⁴ Tradução Livre de “las presiones del entorno industria-cultura”.

a cultura popular e a arte (recuperando as definições atribuídas por Kristensen, 2010), deixaram de existir. A notícia de um objeto cultural passa a incluir a informação necessária, uma reflexão crítica ao mesmo, uma perspectiva de consumo — ao explicar onde se compra, qual o preço, horários, entre outros.

Não obstante, ainda se verifica alguma divisão e uma preferência por determinadas manifestações culturais — as notícias sobre cinema, literatura e espetáculos de música continuam a estar em maioria, como se pode concluir do projeto “Cultura na Primeira Página” (Silva e Silva, 2017). Para além disso, a inclusão de todos os géneros jornalísticos numa só notícia nem sempre acontecem e o género “crítica” nem sempre é incluído, dando-se preferência a um “jornalismo de serviço”, ou seja, a um discurso mais consumista e de *lifestyle*, abraçando novos géneros — a “*review* (resenha)” e o “roteiro” (Silva e Silva, 2017, p. 95). Chong (2017) acrescenta que as resenhas apresentam um discurso opinativo e, por essa razão, são vistas como subjetivas e muito pessoais, ou seja, é uma “questão de gosto” — este “discurso opinativo” não é o mesmo que o género “crítica” ou um discurso reflexivo, que é essencial no jornalismo cultural, uma vez que neste não é trazido uma visão pessoal, mas puramente profissional e cultural. O tipo de discurso praticado pelo jornalista, neste “jornalismo de serviço”, deverá ser muito motivador, para que o leitor vá consumir determinado bem cultural, tal como por exemplo, “o concerto que não pode perder” (Lourenço, 2022, p. 41).

No entanto, recuperando a questão do esbatimento de fronteiras, o Jornal de Notícias ainda divide a sua informação cultural em “Cultura” e “Pessoas” no seu jornal impresso. Para além disso, criou a revista “Evasões”, um suplemento dedicado a gastronomia, turismo e viagens e a “Notícias Magazine” dedicado ao bem-estar, estilos e histórias de vida. Os suplementos foram outra forma que os jornais generalistas encontraram para aprofundar a informação cultural, redirecioná-la para algo mais específico, principalmente na área do *lifestyle*.

De acordo com Fátima Ribeiro (2008), a imprensa generalista portuguesa dedica algumas “páginas diárias à cultura, mas os trabalhos mais críticos e interpretativos fazem parte dos suplementos semanais” (Ribeiro, 2008, p. 42). Isto quer dizer que as notícias mais aprofundadas e com uma vertente mais crítica e reflexiva não são tão

regulares, uma vez que o número de artigos mais informativos sobre cultura e relacionados com o imediatismo sugam o tempo dos jornalistas.

E quando existem textos jornalísticos com um carácter mais reflexivo, acabam por ser superficiais. A imprensa generalista acaba assim por criar “suplementos culturais” e incluir nestes o género “Crítica”, mas estes apresentam uma regularidade semanal e direccionam-se a um público muito específico. O leitor é obrigado a comprar o suplemento para poder informar-se de uma determinada manifestação cultural, uma vez que no jornal generalista as notícias sobre cultura são muito reduzidas e quase sempre de divulgação.

Os artigos jornalísticos deixam de corresponder à realidade cultural, contudo os motivos pelo qual isto acontece não são só estes e os já referenciados necessitam de ser mais explorados.

1.3.1. As fontes externas

As fontes de informação ou fontes externas são essenciais no jornalismo e sem elas não haveria nem metade da informação a que se tem acesso. Para além de que é a partir das fontes que um jornalista verifica a veracidade de determinado facto (Abreu, 2014).

As fontes externas do jornalismo cultural são um pouco diferentes das restantes especializações jornalísticas: “as fontes são, na sua maioria, não oficiais, ou seja, são instituições não estatais – empresas que se servem dos média para divulgar os seus acontecimentos” (Ribeiro, 2008, p. 24).

Fátima Ribeiro está a referir-se a assessorias de imprensa, apesar de estas serem vistas como uma fonte indireta de chegar a produtores culturais ou a informações importantes, através da partilha de *press releases*⁵. Para além da assessoria, outros agentes de comunicação e relações públicas que trabalham na indústria cultural e os próprios consumidores são considerados fontes para o jornalismo cultural.

⁵ “Notícia ou informação promocional enviada aos órgãos de comunicação social com o objetivo de ser divulgada ou tratada como fonte de informação produzida por esses órgãos” (Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa, [s.d.])

Apesar de a maioria das fontes ser não-oficial, também existem algumas oficiais, como instituições públicas e privadas: de acordo com Fernandes (2020) e Ribeiro (2008), exemplos dessas instituições são ministérios da cultura, museus, centros de arte, fundações e câmaras municipais. Para além disso, as próprias agências de comunicação assumem esse papel, mas são pagas para tal – ajudar o jornalista a tratar determinada informação. Em Portugal, a maior e a única agência noticiosa estatal é a LUSA.

As fontes são um elemento essencial em qualquer área jornalística, contudo o jornalismo não pode depender só delas para fazer o seu trabalho. O paradigma atual indica que cada vez mais o jornalismo, incluindo o cultural, depende de fontes para escrever a notícia.

A intermediação cultural é a base de toda a produção jornalística e apresenta diferentes perspetivas. Kristensen (2017) levanta o conceito de “*Churnalism*” e explica-o recorrendo à definição do autor Harcup’s (2014):

“A form of journalism that relies on recycling press releases and agency copy and which involves little or no independent reporting or attempt at verification” (Kristensen, 2017, p.2168 *apud* Harcup’s, 2014).

Este conceito concluiu que o jornalismo depende mais das fontes quando recorre unicamente às informações que as mesmas partilham. Kristensen (2017) refere que existe um “entrelaçamento de artistas, produtores culturais e jornalistas”⁶ (Kristensen, 2017, p. 271), de modo até a criarem uma amizade, devido a compartilharem objetivos e paixões pela área cultural. Assim, o papel de adversário deixa de existir e passa a haver pedidos de divulgação por parte de produtores e artistas.

Lourenço (2016) também aborda a questão de que muito raramente os jornais são os impulsionadores de determinada notícia, considerando que a informação chega até eles e não são eles a procurar por informação. Recuperando os *press-releases*, estes chegam à redação com antecedência e com grande qualidade, facilitando assim o trabalho do jornalista e poupando-lhe tempo.

⁶ Tradução livre de “the intertwinement of artists, cultural producers and journalists”.

Torna-se também necessário olhar para o papel que os jornalistas praticam, consciente ou inconscientemente, de promotor desses produtos ou artistas culturais. E este *churnalism* acaba por acontecer no jornalismo cultural, devido aos jornalistas dependerem de “datas de publicação, lançamento ou abertura do campo cultural”⁷ (Kristensen, 2017, p.2171).

Os assessores de imprensa e outros agentes culturais acabam por ter influência na agenda ou planeamento do próprio jornal, considerando que os mesmos enviam informações de interesse à imprensa, montando uma estratégia para divulgação do seu conteúdo.

É essencial trazer para esta reflexão a “hipótese de *Agenda-Setting*” (agendamento em português), utilizado pela primeira vez num artigo de McCombs e Shaw, trazendo para o mundo mediático um novo conceito que analisa a relação entre agenda pública e agenda mediática ou jornalística – foi possível concluir que as notícias dizem às pessoas “sobre o que pensar” e “como pensar nisso” (Traquina, 2001, p. 33). Isto porque os jornais selecionam os temas que irão noticiar e definem como o vão noticiar, em que muitas vezes os mesmos entram na agenda pública ou já lá estão, mas ganham outra importância. Entende-se assim que a agenda jornalística influencia a agenda pública. Este conceito, porém, é bastante complexo e já foi estudado por vários autores, apresentando cada um novas perspectivas e novos exemplos.

A perspectiva que se quer aqui destacar é a que acontece no jornalismo cultural, ou seja, a influência que os assessores têm na agenda jornalística. De acordo com Carvalho (2016), esta influência foi abordada por Zélia Leal Adghirni, Francisco Sant’anna e Joyce Russi, no qual o autor designou de “contramovimento na hipótese de *Agenda-Setting*” (Carvalho, 2016, p. 30), uma vez que acaba por ser montada de fora para dentro das redações: o conceito de agendamento refere que a agenda jornalística influencia a agenda pública, neste caso a agenda cultural influencia a agenda jornalística.

⁷ Tradução livre de “publication, release or opening dates of the cultural field”.

Fátima Ribeiro (2008) enfatiza esta dependência pela agenda cultural, em que todos os autores apresentam a mesma opinião, sendo uma delas Guedes (2007), que acaba por censurar as estratégias que são utilizadas para poder manipular a agenda, fazendo que sejam publicados os eventos de interesse.

Em contrapartida, Kristensen (2017) conclui que os jornalistas são acusados de “fazer recados para as indústrias culturais”⁸ (Kristensen, 2017, p. 2168). Os profissionais admitem que isso acontece, mas ao mesmo tempo também estão a servir o consumidor com a divulgação de conteúdo cultural.

Verifica-se assim uma troca de favores entre o jornalista e os assessores. Entende-se que o poder não está só na mão dos assessores, mas também na dos jornalistas, tendo os mesmos o papel de selecionar o que é mais relevante e interessante para o público.

Carmo (2006) e Piza (2003) são mais dois dos autores que se desdobraram sobre este assunto, conjuntamente com Ribeiro (2008), destacando que cada vez mais o marketing está presente no jornalismo cultural e que os jornalistas se subordinam às agendas de eventos pré-definidas, não refletindo sobre determinado conteúdo e não podendo meter o seu cunho. Acaba por ter uma visão mais publicitária e a maioria dos eventos culturais, que são divulgados previamente, muito raramente voltam a ser abordados quando já estão a decorrer, tendo como fim poder refletir sobre o produto final.

Cida Golin (2009) vai mais longe e remete também para uma maior generalização dos textos jornalísticos, limitando-os unicamente à informação que é partilhada:

“O jornalismo cultural move-se, em sua maior parte, pela dinâmica do mercado, pela estrutura de lançamentos e distribuição, cedendo à sedução da linguagem publicitária, à limitação dos enunciados, aos processos de generalização e segmentação de públicos e veículos”
(Golin, 2009, p. 8).

⁸ Tradução livre de “running errands for the culture industries”.

A associação à publicidade é uma das grandes críticas ao jornalismo cultural, tirando-lhe a sua credibilidade. Os jornalistas são vistos como divulgadores e acabam por não deixar o leitor ter uma reflexão crítica do que está a ler.

Tudo o que vimos até agora são consequências da grande dependência de fontes que o jornalismo cultural sofre. Torna-se necessário explorar mais estas consequências e também as suas causas.

1.3.2. O poder económico no jornalismo cultural

O jornalismo, por si só, já é visto como uma atividade subordinada aos interesses dos grandes grupos empresariais, em que os mesmos se preocupam principalmente pelo lucro e pelo seu valor e posicionamento no mercado. Por esta razão, muitos autores afirmam que a produção jornalística está a perder qualidade.

Esta situação acaba por se alargar também ao jornalismo cultural. Faro (2006) refere que a maioria das coberturas jornalísticas são dominadas por “pressões das assessorias de imprensa, relações de poder estabelecidas pelas empresas jornalísticas e pelo oportunismo publicitário” (Faro, 2006, p. 147).

Esta questão já foi brevemente abordada na secção anterior, contudo considera-se importante explorar um pouco mais estas questões económicas, empresariais e financeiras, que estão relacionadas com a atual crise jornalística – a mesma é descrita por Hellman e Jaakkola (2012) como um significado de grandes mudanças no panorama jornalístico, tais como o aumento da competitividade entre meios de comunicação, o foco no negócio e no lucro, a ascensão do meio digital, que contribuiu para um menor número de leitores do jornal impresso.

Toda esta conjectura alia-se ao facto de a questão económica sobrepor-se à questão intelectual. O lucro torna-se o principal objetivo da maioria dos jornais e, por isso, todo o conteúdo produzido é pensado nas vendas e nas parcerias comerciais. Este foco no lucro provém do capitalismo e, ao mesmo tempo, da tentativa de fazer sobreviver economicamente o seu meio de comunicação.

Fátima Ribeiro explica que, neste contexto de capitalismo, o tipo de produção jornalística que é imposto ao profissional demonstra-se bastante exigente e com critérios que não deviam estar incluídos. Isto é, um artigo para além de ter de ser “interessante, atual, de fácil leitura e acessível”, também tem de ter um “baixo custo de produção” (Ribeiro, 2008, p. 38) e, ao mesmo tempo, gerar lucro.

De acordo com Fernandes (2021), Kristensen (2017), Lourenço (2016) e Silva (2009), a escassez de recursos humanos sentida nesta secção (jornalismo cultural) – tanto por ser considerada menos importante que as restantes (incluem mais jornalistas noutras secções), como para conseguir obter mais lucro do que despesa – leva a uma falta de tempo para cobrir todos os eventos e produtos culturais e, consequentemente, os jornalistas acabam por ficar reféns da agenda cultural e principalmente do que os assessores de imprensa partilham dessa agenda. Recupera-se novamente os temas já discutidos no tema anterior sobre fontes externas, comprovando que as fontes e as questões económicas estão diretamente relacionadas.

Herom Vargas, referenciado no artigo de Faro (2006), volta a reforçar que o estado atual do jornalismo cultural – dependente de fontes, da agenda, abraçando um papel de mero divulgador da informação que lhe chega – não é só resultado da crise jornalística e volta à questão económica, principalmente à da lógica capitalista, cada vez mais associada à publicidade.

“.... como manter certo grau de profundidade e reflexão em um produto que teima em ser superficial, por conta das relações de determinação mútua travadas com seu entorno cultural e técnico?” (Faro, 2006, p. 148 *apud* Vargas, 2004)

E é esta a resposta a todos os outros autores e investigadores que criticam os jornalistas por não adotarem um papel mais crítico e reflexivo de determinado produto ou evento cultural. Assim, este autor, conjuntamente com Faro, considera que a crítica é um elemento que já não faz parte do jornalismo cultural e pertence ao passado, sendo que o paradigma atual não o permite.

Faro considera que o jornalismo cultural acaba por ser um “prestador de serviços” que oculta a sua natureza económica.

Ribeiro (2008), na sua tese, levantou também uma questão bastante pertinente: “A informação cultural é também publicitária?” (Ribeiro, 2008, p. 44). Esta pergunta tem dois pontos de vista, considerando o que analisamos até agora: o papel do jornalismo cultural como mero divulgador de informação e a questão do lucro e dos interesses económicos e empresariais. Juntando estas duas particularidades chegamos à questão publicitária, que poderá estar presente.

A mesma autora ressalta que estamos numa época de consumo e, se “a informação cultural é um recorte superficial da realidade, nem ela escapa à era do consumo”. (Ribeiro, 2008, p. 37). Assim, o importante passa a ser em incluir, na secção Cultura, artigos que vão ao encontro deste consumismo e assumam um papel de divulgação. No fim, quem sai beneficiado são as assessorias, porque conseguem obter publicidades gratuita ao seu evento ou produto cultural.

Carmo (2006, p. 4) ressalta que “o especialista de marketing e o jornalista cultural estudam nas mesmas universidades”. Isto quer dizer que se torna cada vez mais difícil distinguir a publicidade e o marketing de jornalismo cultural. Já Vargas (2004), citado em Faro (2006), acrescenta que o produto ou serviço cultural é visto como uma mercadoria e a cultura é vista como um negócio.

Esta questão fez levantar outras que merecem ser exploradas: De que forma esta lógica publicitária acontece na prática? É propositado? Que outros motivos estarão por detrás de determinadas escolhas numa redação?

Os autores abordam esta visão “economicista” do jornalismo cultural e justificam-na tanto por uma sedução das fontes, como por uma subordinação à agenda, por uma escassez de recursos humanos, uma obtenção de lucro e até a cultura de massas. Os autores sustentam-se no atual paradigma do jornalismo, marcado por uma grande crise económica e que o faz entrar neste *loop*.

1.3.3. O papel do jornalista cultural

Se até agora se reflete sobre jornalismo cultural, inevitavelmente também tem de se fazer com o próprio jornalista. O jornalista é o principal afetado nas pressões das indústrias culturais ou fontes externas, é o subordinado à agenda cultural e é o que não apresenta uma visão mais reflexiva e opinativa nos seus artigos.

Mas afinal qual é o seu principal papel, que desafios lhe são impostos e que capacidades necessita ter?

De acordo com Jaime Lourenço (2016), Dora Santos Silva (2012) confere ao jornalista três papéis no seu trabalho: o papel social, ou seja, o de mediador cultural; o papel de responsabilidade social, em que a cultura tem de ser tratada sem qualquer paradigma associado, e o papel reflexivo, onde alia a informação à crítica (Lourenço, 2016, p. 25 *apud* Silva, 2012, p. 84).

Este carácter reflexivo é dos mais importante para o jornalismo cultural e tem vindo a desaparecer ao longo dos tempos, tal como foi possível consolidar anteriormente. Ao contrário das outras especializações jornalísticas, na cultura os artigos deverão ter uma perspetiva mais crítica e reflexiva, ou seja, abraçar a subjetividade – uma característica negada pelos estudos jornalísticos, sendo o jornalismo cultural a exceção (Hellman e Jaakkola, 2012; Kristensen, 2019). Hellman e Jaakkola (2012) destacam a expressão de Forde (2003) “jornalistas com uma diferença” (Hellman e Jaakkola, 2012, p. 786 *apud* Forde, 2003, p.113) para se referirem aos jornalistas culturais, uma vez que são os únicos que não têm de ser 100% objetivos.

Para poder cumprir este papel, o jornalista tem de explorar aquele produto cultural, conhecê-lo, entender os seus propósitos e só depois poderá enquadrar a sua crítica.

No entanto, cada vez mais se assiste a uma divulgação de factos e informação, sem aliar a vertente mais crítica, aprofundando o texto jornalístico. Tal como vimos no tema das fontes externas, os jornalistas cingem-se, cada vez mais, aos *press releases* que são enviados pelos assessores e o tipo de discurso jornalístico praticado é baseado numa cultura de *lifestyle*, consumo e de serviço. Kristensen (2019) refere que o editor de cultura deixou de ser o que motiva a reflexão crítica nos artigos, para ser um mero

“administrador e protetor de orçamento”⁹ (Kristensen, 2019, p. 6 *apud* Sarrino, 2017, p. 673).

Para além de todas estas características, Bourdieu (Lourenço, 2016, p. 25 *apud* Bordieu, 2010) ainda destaca que os jornalistas devem ser especializados ou ter uma formação em cultura, de modo que a sua perspetiva cultural seja fundamentada, mais completa e consistente.

Golin (2009) chama a atenção de uma tensão entre um jornalista e um especialista, sendo que quem escreve artigos jornalísticos sobre cultura não são só repórteres, mas também profissionais de cultura e críticos culturais que não estão dentro do contexto jornalístico.

Hellman e Jaakkola (2012) acreditam que o trabalho de um jornalista é orientado pela arte e cultura e por isso consideram que o mesmo deverá ser “um representante do campo artístico no jornal, em vez de um representante do campo jornalístico nas artes”¹⁰ (Hellman e Jaakkola, 2012, p. 785)

Já Faro (2006) traz aqui alguma controvérsia: Se se afirma que “todo o jornalismo é cultural” quer dizer que todo o “jornalista é intelectual” (Faro, 2006, p. 150). Entende-se que esta particularidade não é um consenso entre os vários autores e levanta várias questões ainda não exploradas.

Para além disso, de acordo com Abreu (2014), o jornalista cultural deverá ainda somar aos seus artigos uma “função poética”, de modo a transmitir as sensações visuais, olfativas, auditivas e táteis daquele produto ou serviço cultural para o leitor.

A somar a esta “função poética” é necessário que o jornalista seja, para além de especializado em cultura na sua formação, participante assíduo de todo o tipo de cultura (literatura, cinema, música, teatro, entre muitas outras). Golin (2009) aborda esta

⁹ Tradução livre de “an administrator and budget keeper”.

¹⁰ Tradução livre de “a representative of the artistic field in the newspaper rather than a representative of the journalistic field in the arts”.

questão e explica que este contacto constante com a cultura aclara a realidade presente e afasta-o de visões superficiais e generalizadas.

Todos os autores mencionados estão de acordo que o jornalista cultural deve criar uma relação com o leitor, ajudando-o a criar uma reflexão crítica daquele produto ou serviço cultural. Deste modo, o objetivo não poderá passar por se cingir à agenda de eventos e, ao mesmo tempo, recorrer unicamente a informações disponibilizadas por assessores de imprensa e relações públicas.

Voltando a recuperar Kristensen (2017), com o seu artigo sobre “*Churnalism*”, os jornalistas são vistos como “subservientes às fontes”¹¹ (Kristensen, 2017, p. 2162) e são acusados de “fazer recados para as indústrias culturais”¹² (Kristensen, 2017, p. 2168). De entre os vários papéis de um jornalista cultural, o reflexivo, o poético e o de responsabilidade social não estão a ser cumpridos a 100%.

Teixeira (2020), ao assumir o termo “jornalismo sentado”, está a aludir à expressão “jornalista sentado”, referida, pela primeira vez, por Erik Neveu, em 2001. Isto para destacar que, cada vez mais, os jornalistas passam “mais tempo na redação e menos na rua (onde deveriam estar)” (Teixeira, 2020, p. 20). O contacto com as fontes passa a ser feito de forma indireta, em que existe uma tendência para seleccionar a informação e não a aprofundar e cumprir com todos os requisitos que deve ter um artigo sobre cultura.

Tulha (2012) também recai sobre o conceito jornalismo ou “jornalista sentado” e refere que esta situação está relacionada com cingir os jornalistas a seleccionar informação, para além de ter havido uma diminuição do número de colaboradores, resultado da redução de orçamentos. Mais uma consequência do poder económico no jornalismo.

Esta redução do número de jornalistas não tem acontecido só na editoria de cultura, mas esta consegue ser uma das mais fragilizadas. De acordo com Silva (2009), o jornalismo cultural ocupa um papel importante na imprensa brasileira, espanhola e

¹¹ Tradução livre de “subservient to sources”

¹² Tradução livre de “running errands for the culture industries.”

britânica, mas na portuguesa não é o caso. Esta editoria é deixada para segundo plano comparativamente a secções como a nacional, o desporto, o mundo. Kristensen (2019) explica que o jornalismo cultural é mais priorizado numa região do que noutras, dando o exemplo do Norte da Europa.

E por que é deixada para segundo plano? Mais uma vez pelo lucro, que é uma consequência do interesse da sociedade pela cultura. De acordo com a jornalista Clara Ferreira Alves (2012), a percentagem de população portuguesa que consome cultura é muita reduzida e a que consome não foge a uma cultura de massas. A mesma é praticada pelos jornais que olham para o mercado e são os jornalistas que têm de se seguir pelo número de leitores do impresso e do digital. “Portugal tem hoje uma pequeníssima elite que consome cultura, quase toda velha e sem sucessores” (Alves, 2012).

Assim torna-se quase impossível um jornalista não depender da agenda cultural para trabalhar, quando essa se torna importante para a lógica de mercado. Contudo, Kristensen (2019) afirma que os jornalistas culturais não deixam de adotar um papel ativo, sendo apaixonados e leais à indústria cultural, em vez de a verem como uma adversária. Para além disso, não escrevem só para o consumidor cultural, mas também para o cidadão.

1.3.4. A descentralização do jornalismo cultural em Portugal

Centralização da cultura e do jornalismo cultural foram dois conceitos que me despertaram o interesse no âmbito deste relatório. Assiste-se a uma grande centralização geográfica por parte dos jornais generalistas, ou seja, estes selecionam os artigos, a noticiar, mais próximos da zona em que se encontra a sua sede e onde estão alocados os jornalistas.

O exemplo português é o mais próximo e do qual também me sigo neste relatório. Lourenço (2022) afirma que a maioria do jornalismo cultural praticado está centralizado em eventos que acontecem na capital, em Lisboa. Seguidamente junta-se o Porto, também um grande polo de urbanização e que se torna também central (Ferreira, 2015). É nestas duas cidades que se encontram a maioria das sedes dos jornais, mas, conforme o que foi referido, (Ferreira, 2015) atribui um “caráter regional” ao Porto. Isto porque

focam-se em notícias daquela cidade, concelho ou até distrito e as restantes regiões mais afastadas do centro urbanístico acabam por ser descartadas.

Os produtos e serviços culturais já são centralizados e no jornalismo ainda o é mais. Esta centralização acontece, mais uma vez, por lucro e este provém dos próprios leitores. Ribeiro (2008) recorre à entrevista de um editor da secção cultura do Jornal de Notícias para justificar esta centralização:

“O Centro de Artes de Portalegre tem das melhores programações musicais do país. E nós pouco divulgamos, porque lá vendemos 10 exemplares. Se damos a abertura de cultura a Portalegre, que muitas vezes a merecia, vendíamos uma dúzia de jornais. O leitor do Porto, Lisboa ou de Braga pega no jornal, vê Portalegre e não lê, vira a página” (Ribeiro, 2008, p. 45 *apud* Carneiro, 2008).

E os leitores do Porto, Lisboa ou Braga são os que acabam por dar mais lucro aos órgãos de comunicação, por serem o principal público dos jornais, em que estes se encontram muitas vezes sediados nestas regiões, tal como já referido. A imprensa seleciona os eventos ou produtos culturais a noticiar de acordo com o seu público-alvo, considerando os interesses empresariais.

Contudo, Pedro Ferreira expõe outra perspetiva e ressalta que existe, na maioria dos distritos, uma preferência por jornais locais, em vez dos nacionais (Ferreira, 2015). O mesmo autor destaca que a ERC refere que a imprensa nacional não defende o seu nome. Se o fizesse, haveria uma cobertura local e regional, algo que não acontece.

A jornalista Fernandes (2021) ainda destaca os suplementos culturais, mais especificamente o Jornal de Letras e o Quociente de Inteligência do Diário de Notícias (DN), referindo que estes partilham o mesmo problema: a centralização geográfica. O Quociente de Inteligência tem os lisboetas como público-alvo, em que nem no Porto existia cobertura física. A autora destaca que a delegação do Porto do DN não tem nenhum jornalista alocado à secção de cultura, o que ainda dificulta ainda mais haver cobertura de eventos, por exemplo, na zona norte.

Para além disso, o Diário de Notícias chega a várias cidades do país, até às do interior, tal como Trás-os-Montes – as pessoas que ali vivem não vão ter interesse num artigo sobre algum evento que irá acontecer na capital. Isto não quer dizer que ele não seja importante para outros leitores, mas para os que se encontram em regiões do interior de Portugal é mais apelativo ler algo que acontece próximo da sua região, uma vez que se podem deslocar até ao evento. Tal como a autora referiu, as próprias indústrias culturais já são vítimas de alguma centralidade, sendo que ainda é muito difícil que determinados projetos mais pequenos e mais locais tenham o destaque que merecem. Isto acaba por ser também um dos motivos para a centralização do jornalismo cultural. Apela-se à sua descentralização, de modo que a informação cultural abranja todo o país e não só algumas cidades.

2. O Estágio

No âmbito do mestrado em Ciências da Comunicação, na vertente de Novos Média e Jornalismo, foi realizado um estágio curricular no Jornal de Notícias. Com a duração de três meses, correspondeu à fase de conclusão do mestrado, colmatando com este relatório de estágio.

2.1. O Jornal de Notícias

A entidade acolhedora do estágio curricular realizado foi o Jornal de Notícias. O jornal forneceu as ferramentas necessárias para que, durante o estágio, fosse possível aplicar as competências desenvolvidas ao longo do mestrado e, ao mesmo tempo, elaborar o presente relatório.

O Jornal de Notícias (JN) nasceu a 2 de junho de 1888, no Porto, para ser um jornal diário português, mantendo-se assim até aos dias de hoje. De acordo com Lima (2018), o país e a cidade encontravam-se numa época áurea e de crescimento económico, urbano, demográfico e de desenvolvimento industrial.

A cidade do Porto começava a abrir novas ruas e a construir edifícios que nos são conhecidos até hoje: “Palácio das Cardosas, Palácio de Cristal, Estação de São Bento” (Lima, 2018, p. 239). No entanto, ainda havia muitos elementos a melhorar na cidade e

que a direcionavam para uma imagem de ruralidade, tais como a iluminação, o policiamento e principalmente as “infraestruturas sanitárias”. Todos estes problemas acabavam por ser motivo para uma notícia e quem estava lá para as cobrir era o Jornal de Notícias, conjuntamente com O Comércio do Porto e O Primeiro de Janeiro (Lima, 2018).

Estes eram os três principais jornais da cidade do Porto, que seguiram o “modelo da imprensa portuguesa da segunda metade dos oitocentos” (Lima, 2018, p. 240) e conseguiram aproveitar um momento de estabilidade política que lhes dava liberdade de expressão e liberdade de imprensa.

As publicações recaíam entre diferentes temas da sociedade, desde a política, a cultura, a economia, notícias da cidade, ente outros. Nesta época os “jornais eram vendidos por assinatura” (Lima, 2018, p. 240) e poderiam incluir alguma publicidade para conseguir pagar os custos de produção. Na monarquia parlamentar, esta venda por assinatura acabava por ser um privilégio da classe alta e dos que não eram analfabetos, o que era uma minoria.

A primeira publicação do jornal foi lançada a 2 de junho de 1888 (o dia em que nasceu para o país) e é nesta que são referidas as suas intenções, estando bem presente a sua defesa pelo Partido Regenerador, mas criticando valer-se disso para fazer jornalismo.

“O nosso jornal combate nas fileiras do Partido Regenerador. Nom representa qualquer individualidade, por muito que ella se imponha dentro do partido; nem favorece os agrupamentos parciaes, porque desadora qualquer fragmentação que roube a força que só uma completa unidade pode dar.” (Lima, 2018, p. 243 *apud* JN, 1888)

Inicialmente verificaram-se duas “linhas narrativas”, uma mais política e direcionada para a defesa do Partido Regenerador e outra com um conteúdo mais popular, que abrangesse todos os leitores. Como o JN surge mais tarde do que a maioria dos jornais, agarra uma vantagem e marca pela inovação: um jornal maior, com mais informação e com uma leitura mais fácil.

O jornal, situado na Rua de D. Pedro e com direção de José Diogo Arroio, indica Teixeira (2020), começou por ter inicialmente quatro páginas (mais tarde aumentou para oito) e, dessas quatro, uma era dedicada à literatura, na qual colaboravam grandes nomes da cidade do Porto, tais como Pinheiro Chagas, Gomes Leal, Oliveira Martins, entre outros (Lima, 2018).

No fim deste século e início do Século XX, os jornais políticos começaram a seguir o modelo da imprensa popular internacional. Apesar de em Portugal o sensacionalismo não ter chegado tão abruptamente como na imprensa anglo-saxónica, o Jornal de Notícias foi um dos impulsionadores deste formato, principalmente na inclusão de “*soft-news* ou *fait-divers*” (Lima, 2018, p. 242). Em contrapartida, a vertente mais séria do JN nunca se perdeu e foi sempre preenchendo as capas das publicações, para além das páginas seguintes.

De acordo com Lima (2008), com o crescimento do jornal, a nível de tiragens, os fundadores do JN tiveram a necessidade de criar, em 1907, a “Empresa Jornal de Notícias”, uma sociedade que tinha como sócios José Diogo Arroio, Aníbal de Moraes e Manuel Vaz de Miranda. Em 1911, o jornal mudou a redação para a Rua de Elias Garcia, indica, mais uma vez, Teixeira (2020).

O JN foi modernizando-se e elevando a qualidade, tal como prometeu. Contudo, houve determinados acontecimentos históricos que abalaram o órgão de comunicação: dois deles foi a Primeira Grande Guerra e as crises da Primeira República, que resultou numa perda de qualidade e numa redução da produção noticiosa.

Apesar das dificuldades, o jornal foi crescendo e em 1926 mudou-se para novas instalações, na Avenida dos Aliados. A partir daí, começava a fazer concorrência ao O Comércio do Porto. As grandes alterações deram-se com a morte do terceiro sócio, Aníbal de Moraes, em 1934. Já 2 anos antes, Manuel Pacheco Miranda tinha entrado como secretário da redação e em 1945 assume mesmo o diário portuense. De acordo com Helena Lima, Manuel Pacheco de Miranda “transformou o Jornal de Notícias no primeiro matutino da cidade e do Norte e o segundo em termos nacionais” (Lima, 2008, p. 321).

De acordo com Lima (2008), o JN foi passando por várias dificuldades económicas e a segunda guerra mundial não ajudou - durante muitos anos o diário registou números negativos. Só começou a recuperar a partir de 1956, ano em que Pacheco de Miranda já se encontrava na direção. O mesmo, para ultrapassar estas dificuldades, colocou a empresa em dívida com o empresário do O Primeiro de Janeiro (um dos principais concorrentes), Pinto de Azevedo, e abriu porta a empresas acionistas.

A situação económica começou a melhorar e a aposta na vertente gráfica começou a demonstrar-se insuficiente, considerando que a rotativa não cabia nas instalações onde se encontravam. É por este motivo que o JN se move, em 1971 para o atual edifício de Gonçalo Cristóvão, mandado contruir de raiz para esse propósito.

Foi entre a década de 80 e 90 que se verificou uma grande alteração do paradigma jornalístico, marcado por processos de privatização, investimentos tecnológicos e novas linhas editoriais. Processaram-se grandes alterações na visão de mercado e de público, tendo gerado uma nova hierarquia editorial e uma informação mais institucionalizada. Apesar de a capital ter sido a mais afetada, o Porto e o Norte não escaparam também a estas mudanças.

Lima (2008) volta a explicar que o Jornal de Notícias sempre assumiu um carácter mais radicalista, mas isso não o fez escapar a determinadas alterações. As empresas que detinham ações do JN ficaram todas englobadas no “Grupo Estado”, ou seja, o capital provinha maioritariamente do setor público. O partido comunista (PCP) ganhou alguma influência dentro dos órgãos internos da redação, apesar de Manuel Pina afirmar que isso não implicaria qualquer “controlo partidário” (Lima, 2008). Contudo, o leitor não o viu dessa forma, o que custou ao JN perdas nas vendas e várias críticas.

Pacheco de Miranda manteve-se na redação até 1978 e foi aí que começou a luta pela chefia, tendo levado a uma grande rotatividade. Freitas Cruz foi o nome proposto para dar seguimento a Pacheco, contudo o Conselho de Redação não o aceitou. A nova direção acaba por ficar nas mãos de Manuel Ramos, mas o mesmo demite-se do cargo em 1980 e sucede-lhe Alberto Carvalho. No entanto, a administração demonstra a sua insatisfação e em 1982 o então diretor demite-se (Lima, 2008).

Havia uma constante luta entre o Conselho de Administração e o Conselho de Redação. Entretanto passaram outros nomes na direção, tais como Sérgio Andrade, José Saraiva, Armando Fonseca e Frederico Martins Mendes (Lima, 2008). Esta luta só terminou com a mudança de governo, que define a “venda das ações à Lusomundo”, em 1988 – uma altura bastante áurea para o JN, sendo que era o que se encontrava em “primeiro lugar nas vendas” (Lima, 2008). Esta mudança levou também a que o edifício comesse a albergar a delegação do Diário de Notícias e a TSF, órgãos pertencentes à grande acionista, a Lusomundo.

A Lusomundo, ao fim de 11 anos (1999), decide vender “as suas posições na área da comunicação social à PT/Multimédia” (Lima, 2008). A partir de 2007, a “Controlinveste/Global Notícias” (de Joaquim Oliveira) passou a deter a maioria das ações do JN, dando início a uma nova era.

Dos três grandes jornais da Região Norte (O Primeiro de Janeiro, Jornal de Notícias e O Comércio do Porto) o JN foi “... o único que sobreviveu às grandes transformações da imprensa no final do século XX” (Lima, 2018, p. 239 *apud* Lima, 2012). O diário português conseguiu acompanhar e adaptar-se ao atual panorama jornalístico, tendo rapidamente avançado com o seu formato online, sendo o primeiro jornal generalista a criar o site digital. Nos próximos anos verifica-se que o JN assume uma visão mais generalista e nacional, enquanto os seus dois outros concorrentes optaram por uma viragem mais local e regional.

O JN nunca perdeu a sua “linguagem popular” e a diversidade temática do conteúdo que noticiava, características que se mantêm desde a sua criação. No entanto, a entrada no novo século trouxe um jornal menos interligado à cidade do Porto, assumindo a sua posição como jornal nacional.

Tal como já referido, o JN foi o primeiro diário a lançar o seu site, ou seja, a versão online. Molinos, Marques e Ferreira (2006) referiram que o site foi lançado a 27 de julho de 1995, mas a ideia remonta a 1994, onde a direção técnica olhava para a evolução da Internet, acompanhando a forma como esta estava a ser vista como o futuro da informação. A versão online do JN demonstrou-se um processo lento, em que

inicialmente só alguns jornalistas, os que se sentiam mais à vontade com as novas tecnologias, estavam encarregues de transferir as principais notícias que iriam sair na edição em papel do dia seguinte. Contudo, em pouco tempo o foco passou a ser em melhorar o site, torná-lo quase um espelho da edição em papel. Ficaram incumbidos os jornalistas Hélder Bastos e Nuno Marques de dar início a este projeto, com coordenação do diretor-adjunto, Fernando Martins.

O site do JN começou a dar frutos e a reposta dos leitores foi muito positiva (começaram a alcançar emigrantes), ao ponto de a liderança do projeto passar para a direção do JN. Em maio de 2005, o site teve o seu melhor desempenho desde a sua criação, alcançando 2,3 milhões de visitas (Molinos, Marques e Ferreira, 2006).

Hoje (2023), uma das editorias é designada de “Online”, estando nela jornalistas que estão todo o dia a alimentar o site do JN. Para além disso, os restantes jornalistas também têm acesso ao *BackOffice*, para poderem publicar aquilo que acharem relevante no site.

O JN online encontra-se disponível não só em computador, mas também no telemóvel e no tablet. Foram também criados alguns suplementos, de modo que seja possível aprofundar determinados temas. Alguns têm a sua fundação no impresso, outros no digital: “N-TV”, “Notícias Magazine” (com versão impressa aos domingos, desde 1973), “Evasões” (com versão impressa às sextas-feiras), “JN História” (com versão impressa trimestralmente) e “Uva de Ouro”.

Apesar de ser um jornal, o JN também começou a apostar na reportagem em vídeo, tendo lançado no site o JN Direto. As redes sociais também são uma aposta recente e futura, estando a cargo da secção anteriormente referenciada. Neste momento, o digital alcança “3,1 milhões de leitores mensais”, enquanto no papel são alcançados “427 mil leitores diários” (Global Media Group, [s.d.]).

A *Global Media Group* é o atual grupo empresarial detentor do JN. O grupo também detém outros órgãos de comunicação, tais como os jornais Diário de Notícias, O Jogo, Dinheiro Vivo, Açoriano Oriental, DN Madeira; as revistas Volta ao Mundo, Evasões,

Notícias Magazine, Delas, Açores, JN História, Men's Health, Women's Health, Motor 24, N-TV; a rádio TSF (Global Media Group, [s.d.])

Desde 2018 que Domingos de Andrade é o atual diretor-geral editorial do JN e faz-se contar com a ajuda da diretora Inês Cardoso, os diretores-adjuntos Manuel Molinos, Pedro Ivo Carvalho e Rafael Barbosa e o diretor de arte Pedro Pimentel (Global Media Group, [s.d.])

Neste momento, o JN tem 134 anos (celebra 135 este ano) e foi no dia em que celebrou o seu aniversário que deu voz aos seus leitores e aos vendedores dos jornais em cafés, papelarias, restaurantes, entre outros. Foi com eles que o JN tentou entender a importância do jornal na Região Norte e que mudanças acontecerem nestes anos que se passaram (JN, 2022). Também durante a conferência de comemoração dos 134 anos, o presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, referiu que o Jornal de Notícias nasceu como um ato de coragem” e “conseguiu nunca perder o pé, resistir e ser portador do futuro”. (Silva, 2022 *apud* Sousa, 2022)

Os membros da banda GNR, também para comemorar os 134 anos, puderam ser diretores por um dia e Rui Reininho não podia ir embora sem deixar algumas palavras:

“Fiel companheiro até à necrologia final, o jornal diz sempre a verdade, seja ela pravda ou parva. A luta incessante na redação, onde o ditado é proibido e a cópia é indecente; contrariamente às televisões que pespegam, insinuem e abafam, o que aqui se diz está e fica escrito, como nas maiores religiões "do Livro" em apostolados, epifanias e epístolas.” (Reininho, 2022)

2.2. Experiência de estágio

Como já referimos, o estágio decorreu no Jornal de Notícias, na secção de Cultura, de 3 de outubro a 30 de dezembro. Inicialmente estava previsto estagiar na secção “Mundo”, uma vez que foi indicado que a orientadora seria Sílvia Gonçalves, a respetiva editora. Contudo, Cultura necessitava de ajuda e, por essa razão, foi-me proposto trabalhar na

sua editoria. Desafio aceite, o orientador deste estágio e respetivo editor da secção “Cultura” passou a ser José Miguel Gaspar.

Tive a oportunidade de estagiar num dos maiores órgãos de comunicação do país e num jornal de referência e histórico para a Região Norte. Foi neste que surgiu a oportunidade de trabalhar em jornalismo e, ao mesmo tempo, estabelecer-me no mercado de trabalho. Em nenhuma altura se sente que por ser estagiária se fazia menos que os restantes colegas jornalistas, alcançando assim uma experiência real e completa.

Isso aconteceu também graças ao meu editor, José Miguel Gaspar, que desde o primeiro dia me pôs à prova e foi confiando cada vez mais em mim para ir evoluindo e crescendo como jornalista estagiária. Para além do meu editor, também pude contar com os dois jornalistas que integram a secção, Catarina Ferreira e Sérgio Almeida, tanto para esclarecer dúvidas, como para me entregarem tarefas em momentos que o editor não se encontrava na redação. A editoria conta também com jornalistas *freelancers*, que escrevem para o jornal quando lhes é pedido, mas estes não se deslocam à redação, enviando os seus artigos jornalísticos por *e-mail* a quem estiver responsável.

Durante os três meses de estágio foram publicados 103 artigos, em que, destes, 60 entraram na versão impressa e 56 na versão online, ou seja, no site do JN. Dentro dos 56, estão incluídos 13 artigos que entraram também na versão impressa e 8 reportagens em vídeo realizadas com o JN Direto. Todas as publicações estão incluídas nos “Anexos”.

No primeiro dia foi dado a conhecer todo o equipamento e *software* utilizado pelos jornalistas do JN, para além de regras de ortografia e gramática que integram o livro de estilo do jornal, entre outras regras mais laborais.

Foi dada a oportunidade de escolher o horário de trabalho entre dois turnos: 10 h às 18 h ou 14 h às 22 h. O escolhido foi o primeiro mencionado, embora este não tenha sido restrito e rígido. Houve alturas em que foi necessário ficar a trabalhar até mais tarde e houve outras em que houve a oportunidade de sair mais cedo. Também foi inevitável fazer o turno da tarde (14 h às 22 h) em dois dias e alguns fins-de-semana, devido a horários ou dias de determinados eventos culturais aonde necessitava estar presente.

A primeira função atribuída e que acabou por se prolongar durante todos os dias do estágio foi ler o jornal do dia, não só o do JN, mas de outros jornais, tais como Diário de Notícias, Correio da Manhã e Público. O objetivo de ler o JN passava inicialmente por nos familiarizarmos com o estilo de redação dos artigos e depois por acompanhar todas as notícias que saem na secção “Cultura”. Quanto à leitura dos outros jornais, tornava-se essencial estar a par dos artigos culturais que eram publicados e comparar com os do JN, até podendo surgir ideias a partir dos mesmos.

Em seguida, foi dado a conhecer como é organizada a versão impressa do jornal: é constituída por uma “Abertura” (o maior e o principal artigo da secção), pelas “Breves” e uma área de sugestões, em que é constituída por “Fora de Casa”, “TV” e “Palco”. Às sextas e sábados também é incluído um resumo/sugestão dos volumes das obras que são vendidas pelo JN, incentivando à sua compra. Dependendo do dia e da importância do conteúdo, poderá ser atribuída mais uma página à secção e nesse caso são incluídas reportagens, entrevistas, entre outros géneros que iriam ser publicados só na versão online. Neste caso, acabam por ter menos espaço no jornal do que uma “Abertura”.

Houve a possibilidade de escrever para todas estas áreas do jornal, tendo como primeira tarefa fazer três sugestões para “TV” – é nesta secção que se tem de seleccionar três programas que irão decorrer na televisão no dia em que o jornal é lançado. Um dos programas fica em destaque, sendo preferível escrever sobre um filme e as restantes duas podem ser um documentário, uma série ou um programa infantil. A “TV” não é assinada por nenhum jornalista, mas permitiu ter uma primeira impressão com o jornal.

Também foi no primeiro dia que deram a conhecer o software *Millenium* (um programa que permite desenhar cada uma das páginas e escrever dentro do mesmo, dando a visão estética de como irá ficar no jornal e já definindo o número de caracteres possíveis), para que pudesse começar a escrever. Disponibilizaram também o acesso a um programa online intitulado “*Media Vault*”, em que permitia ver as notícias publicadas pela agência LUSA, aceder às suas fotografias e às da *Global Media Group* (todo o trabalho dos fotógrafos era ali armazenado) e consultar as várias edições do jornal impresso. Por fim, foi criado um email em meu nome para que pudesse entrar em contacto com fontes de informação ou outros colegas de trabalho.

Tal como já referido, no dia 3 de outubro, a única tarefa atribuída foi escrever as sugestões de “TV” e a partir de dia 4 até dia 7 estive encarregada de continuar as mesmas e escrever também as três sugestões “Fora de Casa”. Estas sugestões apresentam o mesmo conceito que as da “TV”, com a diferença de serem sugestões de eventos culturais que aconteçam, no dia, no país (desde concertos a apresentações de livros, peças de teatros, entre outros).

As secções “TV” e “Fora de Casa” estão diariamente no jornal e assim pontualmente, durante os três meses, ficava encarregada das mesmas, tendo escrito um total de 9 publicações de TV (3 sugestões cada publicação) e 16 publicações de fora de casa (3 sugestões cada publicação).

Ainda na primeira semana, no segundo dia, surgiu a oportunidade de escrever um artigo para o online sobre a exposição da *Kioskzine* no Fórum da Maia ([Anexo 1](#)). Neste caso, como estagiária, não se tem acesso ao *backoffice*, o que levou a que fosse necessário escrever todos artigos que fossem para o site no Microsoft Word, para depois ser enviado ao editor ou a um dos jornalistas para ser publicado.

Neste primeiro artigo também surgiu a necessidade de falar com um dos fundadores da *Kioskzine*, José Farinha, para que tivesse mais informações sobre a exposição, para além de uma declaração oficial. Inicialmente, foi disponibilizado um *press realease*, mas ele demonstrou-se insuficiente e assim foi dada total liberdade para entrar em contacto, por telefone, com um dos fundadores. A notícia foi incluída no “Fora de Casa” de sábado (o dia da abertura da exposição), por indicação de José Miguel Gaspar, levando a ter de adaptar o artigo a algo mais compacto, considerando o reduzido número de caracteres ([Anexo 21](#)).

Ainda na primeira semana (7 de outubro) foi escrita a primeira sugestão da coleção que o JN disponibiliza para compra: “Portugal no século XX”, de César Santos Silva. Ao longo dos três meses, foram escritas 5 sugestões, tanto da coleção supramencionada, como da coleção de Júlio Verne ([Anexos 20, 29, 48, 57 e 60](#)).

Na segunda semana surgiu a oportunidade de escrever a primeira “Abertura”, tendo sido sobre o festival “Rock à Moda do Porto” no Super Bock Arena. Esta notícia já me

permitiu “sair à rua”, ou seja, foi possível entrevistar a banda GNR numa visita técnica ao espaço onde decorreria o evento (Anexo 1 e 28). Uma semana antes de decorrer o festival ainda propuseram fazer mais uma abertura, agora com as declarações dos Três Tristes Tigres, uma das bandas que iriam atuar (a entrevista foi realizada por telefone) (Anexo 61).

No próprio dia do evento deram a possibilidade de o ir cobrir e fazer a primeira reportagem. Foi uma experiência muito enriquecedora e que permitiu desenvolver as minhas capacidades jornalísticas, principalmente num momento de grande intensidade, em que tudo acontecia muito rapidamente. Esta reportagem era para ser mais uma “Abertura”, mas, à última hora, teve de se dar prioridade aos 10 anos da morte de Manuel António Pina. Acabou por ser publicada online e ser um artigo completo, não havendo limitação de caracteres (Anexo 1).

No dia 15 de outubro participei na primeira reportagem em vídeo, sendo acompanhada por uma jornalista do JN Direto (Anexo 1). Este dia era marcado pela comemoração do centenário do nascimento da escritora Agustina Bessa-Luís, estando a decorrer vários eventos e homenagens: a parede do muro exterior da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte tinha 12 artistas a pintar um mural com 12 personagens das obras da escritora, tendo sido possível entrevistar alguns dos artistas, o curador (Francisco Draw) e o dirigente da Cultura da CCDR Norte (Jorge Sobrado). Por iniciativa própria também foram abordadas algumas pessoas que por ali passavam, tendo sido possível, mais tarde, escrever um artigo sobre os seus depoimentos (Anexo 1)

No mesmo dia, foi possível estar presente na cerimónia da exposição em sua homenagem, no Museu de Serralves, acompanhando também a visita do presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, no que resultou numa “Abertura” da secção “Cultura” do jornal impresso. Esta peça foi também muito importante e permitiu entender o que é trabalhar em imprensa: considerando que o artigo teria de sair no dia seguinte, era necessário escrever o mesmo atempadamente, contudo, toda a cerimónia durou até muito tarde. Foi necessário sair desta mais cedo para ir escrever, utilizando o máximo de informação que tinha até aquele momento. Muitas vezes os artigos acabam

por ficar limitados, porque a peça tem de sair e, por mais que não tenhamos informação suficiente, tem de se encontrar uma solução. Nesse dia, passou por juntar as cerimónias que decorreram em Amarante e onde aí havia recolhido depoimentos do presidente da República (Anexo 32).

Ao fim de um mês no JN, comecei a ir a conferências de imprensa, nomeadamente à do festival “Meo Marés Vivas” para anunciar a primeira confirmação de 2023 (Anexo 1 e 37), a do festival de cinema “Porto/Post/Doc”, com a divulgação da programação 2022 (Anexo 38) e a da Casa da Música, para anunciar a programação de 2023 (Anexo 46). Estres três resultaram em artigos para o online e para o papel, tendo o festival de cinema e a Casa da Música entrado como “Abertura” (Anexo 1, 44 e 46).

Para além disso, também começou a haver a oportunidade de assistir a ensaios de imprensa de peças de teatro (“Cinderela, O Musical”, “Coisas”, “Pátria”), ao Circo do Coliseu do Porto, a exposições de arte (“Miragem”, “Sem corpo/Disembodied”), a concertos (“Zé Felipe”, “Rock à moda do Porto”), a todo um programa musical e histórico dos 81 anos do Coliseu do Porto e ao programa televisivo “Isto é gozar com quem trabalha” que decorreu ao vivo também no coliseu.

Foi com a peça de teatro de marionetas “Coisas” que escrevi o meu primeiro e único artigo para o “Palco” (Anexo 43). Esta secção no jornal impresso passa por ser um espaço mais reflexivo e crítico de um produto ou evento cultural ao qual um jornalista ou um crítico pôde assistir. Não se torna um processo fácil, considerando que é necessário ter alguma experiência cultural para escrever um texto com base no que se viu e, ao mesmo tempo, transmitir para o leitor essa perceção visual, de modo que o este sinta o que é estar lá e qual a experiência vivida.

Apesar de já ter sido referido uma entrevista por telefone (Três Tristes Tigres), esta não foi única e muitos dos artigos com artistas musicais e documentaristas resultaram desta forma: os músicos Rita Vian, L-Blues, Angélica Salvi, Mário Lúcio, Djavan, Remna, os cineastas Claudio Savaget, Luís Moya e Pedro Gil de Vasconcelos, o baterista Vinny May, da banda Kodaline, Antera, da banda Orfélia, Pedro Vidal, da banda Desconectados, a

presidente do Coliseu do Porto, Mónica Guerreiro, o comediante Guilherme Duarte e o promotor do festival *Discoveries*, Francisco Aurnaud.

A entrevista por telefone acaba por ser um grande auxílio para o jornalista, considerando-se as limitações geográficas e de agenda. Muitas vezes o artista não se pode deslocar à redação ou a outro espaço na zona circundante, neste caso, a área metropolitana do Porto, por não se encontrar na cidade ou por ter outros compromissos. Isto acaba por também ser delimitado pelo prazo que o jornalista tem para publicar o artigo, tornando-se tudo mais fácil com um telefonema. Em contrapartida, é sempre preferível a entrevista presencial para conseguir ter outras impressões.

Por esta razão, também houve a experiência de entrevistas presenciais, tanto em eventos culturais a que me desloquei, tal como já referido, como entrevistas de um para um. Algumas delas chegaram a acontecer nos estúdios do JN, nomeadamente com o CEO da *Comic Con*, Paulo Rocha Cardoso, tendo resultado numa reportagem em vídeo e numa “Abertura” do jornal impresso, que também foi incluída no site (Anexos 1 e 45), e com os fundadores da Orquestra Bamba Social, Pedro Pinheiro e Tomás Marques (Anexo 1). A entrevista presencial com a cantora Nena foi a única que se realizou fora do JN, tendo-nos deslocado para um espaço que tanto é um hotel como uma sala de espetáculos – “M.O.U.C.O” (Anexo 1).

Um dos maiores desafios deste estágio foi a *Comic Con*. Tendo começado com uma entrevista ao seu CEO, já referido, e a um *cosplayer* que iria integrar o júri dos concursos de *cosplay* (Leonardo Lucas) nos estúdios do JN. Esta última entrevista transformou-se também numa “Abertura”, somando os depoimentos da representante do mundo do *cosplay* da *Comic Con* (Angélica Pinho) (Anexos 1 e 48) Com dois artigos publicados, fui convidada para ir cobrir os quatro dias do maior evento de cultura pop do país no Parque das Nações, em Lisboa. Agarrei a grande oportunidade e fui com um jornalista do JN Direto fazer reportagens de vídeo, escrever artigos para o site e para o impresso. No total foram realizadas 4 videoreportagens, 3 artigos para o site e uma “Abertura” para o impresso (Anexo 2). Totalizando os três meses, este trabalho foi o mais desafiante, onde aprendi mais e em que pude sentir o que é ter de agir, independentemente de

termos algo preparado. Tive de passar todos os sentimentos que se viviam naquele festival para o leitor e ao mesmo tempo conseguir conteúdo inovador e que realmente fosse relevante e se enquadrasse no nosso propósito enquanto jornal.

Para além das entrevistas e reportagens, ainda foram escritos artigos para o site baseados em *press releases* enviados pelas assessorias de imprensa, em notícias de sites internacionais, como o “*Daily Mail*”, ou em notícias da agência Lusa. É da agência Lusa que muitas vezes são seleccionadas 3 notícias para o jornal impresso, em que estas entram como “Breves”. Cheguei a preencher 23 “Breves”, seleccionando a informação mais importante da notícia publicada pela agência, ou então aproveitando um artigo já realizado pela secção (por mim ou pelos restantes jornalistas).

Este tipo de texto jornalístico não é preferencial, mas muitas vezes, devido à agenda e aos escassos recursos humanos, torna-se necessário a ele recorrer. Alguns dos exemplos de notícias baseadas em *Press Releases* são o regresso dos Blink-182, o novo álbum dos Rolling Stones, a exposição da Frida Khallo, o Prémio Atores de Cinema.

Ressalta-se que algumas das notícias da secção Cultura ficam “responsáveis” pela secção Online do JN, em que o jornalista tem o papel de as procurar no arquivo da agência Lusa e “puxá-las” (termo calão utilizado) para o site. Estas notícias acabam por ser consideradas as menos relevantes em todo o contexto cultural, tendo em conta que o jornalista cultural não se consegue dedicar a todos os produtos e eventos culturais que surgem.

Ainda fui desafiada a fazer uma “Abertura” completamente diferente das outras: foi necessário criar um programa de eventos culturais que iriam decorrer no Natal, conjuntamente com um artigo que abordasse como se encontrava o mercado cultural em 2022. Apesar de parecer simples, tornou-se num dos trabalhos mais complexos, que me levou a ter de contactar vários programadores e agências, para conseguir falar com os artistas. No fim, conseguiu-se um programa bastante completo e um artigo que resume perfeitamente o estado atual da cultura no Natal: mais espetáculos por causa da Covid-19 e uma maior diversificação cultural, devido a uma ascensão de grandes celebridades das plataformas digitais no *Stand-up Comedy* (Anexos 1 e 8).

Em suma, esta experiência de estágio permitiu-me enriquecer profissionalmente, pessoalmente e academicamente. Para além de ter podido desenvolver as minhas capacidades e competências jornalísticas, também consegui aprender muito sobre temas que me eram desconhecidos e com os quais pude desafiar-me. Para além disso, permitiu-me tomar consciência de como uma redação funciona, quais as práticas jornalísticas, os principais problemas e desafios, principalmente no jornalismo cultural.

2.2.1. Uma análise crítica e reflexiva da experiência de estágio

No capítulo anterior foi descrita a experiência de estágio, indicando quais foram as principais aprendizagens daí resultantes. Contudo, torna-se também necessário refletir sobre determinadas situações que presenciei e que são o motivo para ter avançado com esta proposta de relatório de estágio – “Os principais desafios do jornalismo cultural nos jornais generalistas: O caso Jornal de Notícias”.

Esta análise crítica e reflexiva acaba por completar e materializar a revisão da literatura realizada e exposta anteriormente neste relatório. A primeira particularidade que me chamou à atenção foi o facto de a secção “Cultura” se encontrar quase no fim do jornal impresso, antecedendo à secção de “Pessoas” e de “Desporto”. “Desporto” estar em último surpreendeu-me, considerando que é uma editoria bastante procurada pelos leitores. No entanto, não foi nela que estagiei e por isso não foi dedicado tempo para essa reflexão. Em seguida, verifiquei que “Cultura” era das secções que menos jornalistas tinham alocados, apesar de haver grande volume de trabalho - fiquei logo a par do mesmo no primeiro dia.

Nos dias seguintes outras particularidades ressaltaram, sendo uma delas o facto de a secção só ter, na maioria dos dias, duas páginas disponíveis no jornal, em que uma era ocupada pela “Abertura”, tal como já referido, e a segunda por sugestões de “TV”, “Fora de Casa”, “Breves” e “Palco”. Nesta segunda página os conteúdos publicados são sugestões feitas pelo jornalista que disso fica encarregado, mas recorrendo sempre a *press releases*, notícias da agência Lusa ou à Internet para procurar sobre determinado evento cultural. O “Palco” era a exceção, trazendo um artigo em que o jornalista deixa a sua própria reflexão do que assistiu.

Quando havia a possibilidade de “Cultura” ter mais que duas páginas, a terceira era aproveitada ao máximo, incluindo artigos que muitas vezes não podiam entrar no papel e iam para o Online. No entanto, às vezes também acontecia metade dessa página ser preenchida com publicidade, o que retirava espaço à editoria. Em contrapartida, havia dias em que o conteúdo próprio não era suficiente para três páginas, o que levava a ter de recorrer a notícias da Lusa – dou o exemplo de dois casos, em que o meu editor me pediu para as adaptar e colocá-las na terceira página da versão em papel (ver no Anexo 5).

Esta falta de conteúdo não é por faltar informação cultural, mas sim por haver poucos jornalistas na secção. A secção ficava bastante limitada quando um dos jornalistas estivesse de folga ou entrasse de férias. Recorria-se muitas vezes aos jornalistas que se encontravam em *freelancer* para conseguir colmatar as necessidades.

Deste modo, consegue-se entender que a secção “Cultura”, no impresso, é colocada em segundo plano pelo jornal, sendo que o mesmo considera mais importante outras editorias. Para além disso, o facto de a segunda página ser constituída por conteúdo sugestivo comprova que aquele jornalismo de divulgação e sentido, referenciado por vários autores (Ribeiro, 2008; Lourenço, 2016; Kristensen, 2017; Teixeira, 2020; Tulha, 2012), existe no Jornal de Notícias. Porém, apesar de não se verificar uma presença muito forte do género “crítica” nos artigos do jornal impresso, algo que Faro (2006) e Silva e Silva (2017) defendem ser essencial, este está sempre presente no “Palco”. Presencia-se assim uma tentativa de inclusão deste género jornalístico particular do jornalismo cultural.

Neste seguimento, foram várias as peças escritas recorrendo a *press releases*, o que mais uma vez vai de encontro ao termo “jornalismo de divulgação” e comprova que os jornalistas estão dependentes da informação que os assessores enviam. Pude também presenciar que estes “enchem” a caixa de e-mail dos jornalistas, enviando mais do que um *press release* por dia, pedindo para que o mesmo seja divulgado. Claramente é impossível divulgar todos os casos, mas muitas vezes recorre-se a estes para estar a par da agenda cultural, podendo surgir conteúdo de interesse. Entende-se que os assessores facilitam muito a vida ao jornalista, tornando-os mais dependentes deles.

Muitas vezes também havia a sugestão, por parte do editor e dos restantes jornalistas de cultura, de entrar contacto com os produtores culturais, sempre passando pelos assessores, aprofundando assim mais o artigo em questão. Este aprofundamento do artigo, independentemente da origem da informação, era sempre pedido, tentando dar ao leitor toda a informação possível. Obtém-se, desta forma, depoimentos oficiais, mas acaba, mais uma vez, de se comprovar o jornalismo/ “jornalista sentado” (Teixeira, 2020; Tulha, 2012), considerando que não se sai da redação.

Por outro lado, existe, mais uma vez, a tentativa de contrariar este jornalismo de divulgação e sentado, uma vez que saí várias vezes para cobrir eventos culturais, conferências de imprensa, ensaios de imprensa, exposições, entre outros. É necessário ressaltar que o editor dava algumas dicas no momento de redação, referindo que era essencial descrever minuciosamente o que se tinha passado em determinado evento, para que o leitor sentisse que tinha lá estado. Para além disso, também indicou que poderia dar a minha própria reflexão sobre o que tinha visto, de uma forma muito leve e com precisão, para suscitar ao leitor a sua própria reflexão. Entende-se assim que existe um incentivo para que o jornalista integre uma vertente mais reflexiva (Faro, 2006; Silva & Silva, 2017), utilize a “função poética” (Golin, 2009) e aprofunde o seu artigo ao máximo. No entanto, o foco no género “Crítica” nem sempre está presente.

Outro tema que me despertou para a minha experiência de estágio foi a comparação da publicidade com o jornalismo cultural. No Jornal de Notícias presenciei parcerias comerciais, isto é, havia determinados eventos que tinham o JN como parceiro oficial – exemplos disso foi o “Rock à moda do Porto” e a “Comic Con Portugal”. Estes dois eventos, por serem parceiros oficiais, tiveram direito a mais do que uma abertura no jornal impresso e cobertura nos dias do evento. No caso da *Comic Con*, a mesma teve a duração de quatro dias e realizou-se em Lisboa, levando a que eu e mais um jornalista do JN Direto fôssemos cobrir os quatro dias à capital, tendo de ficar alojados lá. Estas situações comprovam que a publicidade e o marketing entram diretamente no jornalismo cultural, realizando-se até parcerias, de modo que os dois implicados saiam a ganhar. Os autores que falam desta ligação publicitária (Golin, 2009; Ribeiro, 2008; Faro, 2006; Carmo, 2006) não a abordam de forma direta, ou seja, referem-se a textos

que assumem um caráter de publicidade gratuita, não os aprofundando e não aliando um caráter reflexivo. Torna-se assim necessário investigar melhor este processo das parcerias comerciais: entender de que forma são feitas, o porquê de serem válidas e de que modo se mantém o afastamento necessário.

Para além disso, também é na secção “Cultura” que se inclui uma promoção a coleções de obras que são vendidas pelo próprio JN. Tal como já mencionado, foram escritos pequenos resumos de livros de determinada coleção, com o objetivo de incentivar à compra por parte do leitor. O texto tinha uma perspectiva publicitária, referindo o valor e quando é que iria estar disponível para venda. Mais uma vez, verifica-se aqui a mistura da publicidade com o jornalismo cultural, para além de um foco no jornalismo de *lifestyle* e consumo.

Quanto ao planeamento semanal do que iria sair na versão impressa, era realizado pelo editor de cultura, porém, José Miguel Gaspar muitas vezes recebia pedidos por parte do diretor-adjunto, limitando um pouco a liberdade que se tinha para selecionar os eventos e produtos culturais. Para além disso, o plano tinha de ser sempre validado pelos editores-chefes, que muitas vezes o alteravam porque tinha surgido algo mais relevante. Esta seleção do que era mais relevante, muitas vezes era feita conforme o que o leitor iria ler mais, ou o que tinha acontecido naquele exato momento e acabava por ganhar mais relevância. Havia constantes alterações no planeamento, deixando para segundo plano ou não incluindo de todo os produtos culturais inicialmente sugeridos, porque não havia espaço. Verifica-se assim uma vertente mais sensacionalista, que afeta o jornalismo em geral.

O site do JN acaba por ser aqui uma grande ajuda, sendo que muitos dos artigos que não podem entrar no papel são publicados no digital. Este conteúdo é gratuito para o leitor, permitindo-lhe aceder a artigos diferentes e que possam interessar-lhe mais. Estas limitações de agenda acabam por não se aplicar no digital, contudo acabam por restringir a publicação de mais artigos. Isto porque a prioridade está no que vai sair no impresso no dia a seguir, tendo de se dedicar mais tempo a essas peças jornalísticas e por isso deixa-se para depois os artigos que vão entrar para o site – nem sempre há tempo.

Por fim, é de destacar que as saídas da redação se restringem à zona metropolitana do Porto, quando não é ao centro da cidade. A vontade em cobrir eventos de outras cidades é visível, contudo nem sempre é possível – a redação não para e assim também não é possível perder muito tempo em eventos que sejam muito distantes do JN, para além de toda a logística que leva as deslocações e custos das mesmas. Quando se fala em vontade em cobrir, refiro-me ao facto de o próprio editor pedir que fossem incluídas sugestões no “Fora de Casa” de várias zonas do país, mas quanto a artigos de profundidade, em que saísse da redação, não presenciei muitos. A maioria das cidades abrangidas são o Porto, Vila Nova de Gaia e Matosinhos e quando ocorrem eventos de maior dimensão (concertos, *Comic Con*) deslocam-se até Braga, Coimbra, Aveiro e Lisboa. Mais uma vez, pelo que presenciei em três meses, existe uma centralização geográfica à Zona Norte, dando até mais prioridade à cidade do Porto, o que é algo normal de acontecer por estar mais próximo da área de atuação.

É uma questão difícil de gerir, contudo acaba por ir de encontro a que autores como Fernandes (2021), Ferreira (2015), Ribeiro (2008) e Lourenço (2016) referiram: os jornais nacionais acabam por ter uma vertente mais local, porque não se debruçam em eventos das várias regiões do país. Estes eventos muitas vezes são desvalorizados pelo próprio mercado cultural, o que também não ajuda ao trabalho do jornalista, que, tal como já vimos, tem de agradar ao público-alvo do jornal.

3. Proposta de Investigação: a secção “Cultura” do JN

Considerando o que foi experienciado e refletido durante o tempo em que se realizou o estágio curricular, surge a vontade de tentar entender melhor todas as particularidades do jornalismo cultural nos jornais generalistas, mais especificamente no Jornal de Notícias – o caso de estudo patente.

Até este momento foi possível a realização de uma revisão da literatura, que permitiu entender determinados desafios que o jornalismo cultural enfrenta e ao mesmo tempo sustentar o que foi presenciado durante a experiência de estágio. Também foi possível entender que os temas a discutir sobre jornalismo cultural são muitos e cada um merecia a sua exploração. No entanto, considerando o propósito deste relatório de

estágio, focalizou-se em desafios que foram enfrentados durante a própria experiência de estágio.

Quando se fala em desafios, os mesmos podem ser particularmente complexos, estarem diretamente relacionados com o jornalista ou não. O respetivo estágio permitiu refletir que a secção de “Cultura”, nos jornais generalistas, é vista como uma das menos importantes no panorama jornalístico e, por isso mesmo, acaba por ter menos jornalistas alocados, menos espaço no jornal impresso, para além de se encontrar nas últimas páginas e raramente entrar em destaque na capa ou no primeiro plano. A esta situação soma-se a falta de tempo para se dedicar a mais artigos e aprofundá-los mais, considerando também a falta de recursos humanos. Consecutivamente, são realizadas as agendas semanais, do que vai ser publicado, selecionando o que será mais lido pelo público e o que dará mais lucro.

Perante esta visão, entende-se as críticas que autores fazem ao jornalismo cultural e aos respetivos jornalistas: dependências de assessores e relações-públicas, um jornalismo publicitário e de divulgação, a falta de aprofundamento e perspetiva reflexiva por parte do jornalista nos seus artigos noticiosos, uma priorização a uma cultura de consumo e *lifestyle* e a eventos culturais que se encontram mais próximos da sua área de atuação, sendo acusados de centralização geográfica.

Contudo, torna-se necessário entender melhor estas questões, considerando ser insuficiente analisá-la só com base na experiência de estágio e na revisão da literatura. O jornal não é o único implicado, sendo essencial refletir de que forma o próprio leitor poderá ter influência em muitas das decisões do JN para a secção “Cultura” e, ao mesmo tempo, entender a sua perspetiva quanto a muitas particularidades do jornalismo cultural e de que forma estas se aplicam ao caso do JN.

Segue-se assim para uma proposta de investigação, em que são definidas as suas respetivas questões, hipóteses, objetivos e metodologia a desenvolver.

3.1. Questões de Investigação

Esta necessidade, já referenciada anteriormente, de entender melhor os desafios que o jornalismo cultural enfrenta nos jornais generalistas, levantou duas questões de

investigação, com as respetivas hipóteses. As mesmas foram sustentadas com base na bibliografia consultada e devidamente referenciada na revisão bibliográfica e na experiência de estágio.

- Q1: Que importância a secção “Cultura” tem para os leitores do JN?
 - H1: A maioria dos leitores do JN não leem notícias da secção “Cultura”;
 - H2: Os artigos sobre cinema, música moderna e literatura são os que suscitam mais interesse ao leitor do JN.¹³
- Q2: Qual a perspectiva, do leitor do JN, das particularidades da secção “Cultura” do jornal?
 - H3: A maioria dos artigos da secção “Cultura” são sobre eventos culturais que acontecem ou vão acontecer nos concelhos circundantes à sede do JN;
 - H4: A maioria dos artigos de cultura do JN são aprofundados, mas nem sempre incluem uma vertente reflexiva.

3.2. Objetivos

Para além de ser essencial responder às questões de investigação, considerou-se necessário elaborar alguns objetivos que deverão ser cumpridos no fim desta investigação:

- Entender o estado do jornalismo cultural no jornal de Notícias;

¹³ É necessário explicar que esta hipótese foi construída com base na informação retirada da revisão da literatura, em que Lourenço (2022), Silva & Silva (2017) e Silva (2009) explicam que o cinema, a música moderna e a literatura são as manifestações culturais mais presentes nos jornais generalistas, tendo em conta a lógica consumista que estamos a viver. Já a questão exposta ao leitor apresenta várias opções de manifestações culturais e as mesmas foram incluídas tendo como base as identificadas durante o estágio curricular. Não foram incluídas áreas como a gastronomia, a moda, o design, a arquitetura, entre outras, por as mesmas não estarem presentes na secção “Cultura” do JN, mas sim nos seus suplementos. Contudo, dividi música entre “música clássica” e “música moderna” para poder comprovar a hipótese aqui inerente. Em contrapartida, o termo “Arte” está generalizado, tendo em conta que na revisão da literatura também não foi feito qualquer desdobramento. Só se desdobrou o “Teatro” e a “Dança”, que, apesar de poderem ser consideradas artes performativas, nem todos os leitores as identificam como tal. Por fim, foi deixada ao leitor a possibilidade de acrescentar mais áreas culturais do JN que despertam o interesse, de modo a entender se existem mais do que as identificadas previamente ou se o leitor inclui outros temas que considera fazerem parte de cultura.

- Verificar se os artigos da secção “Cultura” do Jornal de Notícias são referentes a eventos culturais que acontecem em várias regiões do país e não só em algumas cidades centrais;
- Entender se o leitor dá importância a que haja uma vertente mais reflexiva e crítica nos artigos de cultura e se a identifica nas publicações do JN;
- Inferir se o leitor do JN considera que os artigos jornalísticos do JN sobre cultura são aprofundados;
- Entender a importância dada pelo leitor do Jornal de Notícias à secção “cultura”.
 - Averiguar se o leitor do JN lê as notícias da secção de cultura;
 - Identificar as manifestações culturais do JN de maior interesse para o leitor;

3.3. Metodologia

O presente estudo deverá responder às questões de investigação e objetivos expostos anteriormente, tal como testar as suas hipóteses. Como o grande objetivo passa por entender a importância que o próprio leitor do JN dá à secção “Cultura” e sua perspetiva quanto ao jornalismo cultural e ao praticado pelo JN, demonstra-se essencial desenvolver uma análise quantitativa, recorrendo à metodologia de inquérito por questionário. O mesmo foi disponibilizado online, para que fosse possível alcançar uma grande amostra populacional.

Os autores Santos e Henriques (2021) explicam que o inquérito por questionário é visto como um instrumento para recolher informações a “um conjunto de indivíduos”, em que os mesmos são os respetivos inquiridos. Para isso, elabora-se um conjunto de questões que estejam relacionadas com “opiniões, representações, crenças e informações factuais” (Santos e Henriques, 2021, p. 12) de cada inquirido e do próprio meio em que vivem. O questionário pode ser considerado aberto (respostas escritas pelo inquirido), fechado (respostas dadas conforme um número de opções fornecidas aos inquiridos) ou misto (respostas abertas e fechadas). Este processo tem como

objetivo pegar nas informações recolhidas e "analisar, interpretar e retirar conclusões, tendo em vista responder aos objetivos da investigação" (Santos e Henriques, 2021, p. 10). Para além disso, são identificadas as características de uma população para que seja testada determinada hipótese ou verificar determinadas variáveis subjacentes à investigação realizada. Antes da realização deste inquérito por questionário é essencial haver uma sustentação teórica e metodológica de toda a investigação.

Para que a análise estatística seja viável é necessário garantir que o número de inquiridos seja o ideal e que os mesmos correspondam ao número de respostas. Caso o universo de estudo (total de inquiridos) seja muito grande, terá de se utilizar a designada amostra, que permitirá alcançar resultados mais rapidamente. (Santos e Henriques, 2021)

Esta ferramenta de recolha de informações torna-se a ideal para este relatório de estágio, uma vez que, recorrendo a plataformas digitais, é fácil obter respostas e os inquiridos podem dar as suas repostas de forma anónima, o que permite evitar resultados mais subjetivos e enviesados com recurso a respostas de tipo fechado.

O respetivo inquérito por questionário realizou-se no *Google Forms*, estando o mesmo representado nos Anexos. O inquérito foi aplicado aos leitores do Jornal de Notícias, independentemente se são consumidores do formato impresso, online ou redes sociais e se costumam ler com regularidade ou não. As questões expostas aos inquiridos (16) foram sustentadas na revisão da literatura posteriormente realizada e tiverem em conta os objetivos a alcançar, questões de investigação a responder e hipóteses a testar.

É necessário ressaltar que o inquérito é constituído por duas secções, em que numa primeira parte estão presentes questões demográficas, a regularidade com que lê o JN e por fim se existe o hábito de ler notícias da secção "Cultura" do JN. Esta última questão irá definir se o leitor continua o inquérito para as próximas questões (se responder sim) ou dá como terminado e envia as suas respostas (se responder não). A segunda parte é então constituída por questões direcionadas a quem costuma ler artigos da secção "Cultura" do JN.

4. Análise e discussão de resultados

Recolhidas as respostas da amostra alcançada no inquérito por questionário (245 inquiridos), procedeu-se à sua análise estatística. Para isso, recorreu-se ao software *IBM SPSS Statistics*, em que foi possível calcular diferentes parâmetros, realizando tanto uma análise descritiva (analisou-se a frequência, a média, a mediana, a moda, a percentagem, o desvio-padrão, a variância, o mínimo e o máximo e os 3 quartis da designada caixa de bigodes) como inferencial (SPSS Software | IBM, n.d.). Antes de realizar a análise inferencial, foi essencial testar se os critérios a recair sobre testes paramétricos eram cumpridos. Os critérios consistem na amostra ser maior que 30, o que é cumprido, e nas variáveis assumirem uma distribuição normal. Para esta última é necessário testar a sua normalidade e, para isso, recorreu-se ao teste *Kolmogorov Smirnov* (Tabela 1): o mesmo comprovou que as variáveis não têm uma distribuição normal, tendo em conta que o *pvalue* destas é $p < 0,05$ e assim rejeita-se a hipótese nula. Desta forma, não foi possível a realização do teste *T student*, sendo necessário prosseguir com testes não paramétricos: coeficiente de correlação *T de Kendall*, coeficiente de correlação *spearman*, coeficiente de correlação *Pearson* e Teste de Qui-Quadrado. Para complementar a análise recorreu-se também à designada “Tabela de Contingência” (permite a associação entre variáveis categóricas). Determinadas tabelas estão presentes nos Anexos deste relatório, de modo a tornar a leitura mais clara.

Testes de Normalidade			
	Kolmogorov-Smirnov ^a		
	Estatística	gl	Sig.
Sexo	,418	112	<,001
Idade	,273	112	<,001
Grau de escolaridade	,321	112	<,001
Concelho em que reside	,145	112	<,001
Com que regularidade lê o JN?	,272	112	<,001
Costuma ler notícias da secção "Cultura" do JN?	.	112	.
Com que regularidade costuma ler notícias de Cultura do JN?	,239	112	<,001
Na sua opinião, indique, de 1 a 5, que importância se dá a notícias sobre cultura?	,187	112	<,001
Acredita que o JN incita à leitura de notícias sobre cultura?	,368	112	<,001
Na sua opinião, o JN abrange todas as áreas culturais?	,345	112	<,001
Na sua perspectiva, de 1 a 5, quão aprofundados são os artigos jornalísticos sobre cultura do JN?	,252	112	<,001
Acredita que a reflexão do próprio jornalista sobre determinado evento cultural é essencial para o leitor?	,445	112	<,001
Na sua perspectiva, o JN inclui, nos seus artigos, essa vertente mais reflexiva?	,368	112	<,001
Com que regularidade acha que o JN aborda os eventos culturais que acontecem na região em que reside?	,182	112	<,001

a. Correlação de Significância de Lilliefors

Tabela 1 - Teste de Normalidade de Kolmogorov-Smirnov

Para além de se ter recorrido ao SPSS, também se tornou essencial utilizar o Excel, principalmente para a construção de gráficos mais percetíveis e para realizar a análise das respostas múltiplas que foram expostas aos inquiridos. A forma como o “*google forms*” exportou os dados não o permitiu fazer no SPSS (uma resposta de um inquirido era separada por vírgulas – ex.: cinema, música, literatura), sendo que a análise consistia no agrupamento de respostas previamente apresentadas ao leitor e o software criava novas respostas (variáveis). Teve de ser necessário recorrer a determinados cálculos, transformando cada uma das opções das respostas múltiplas, expostas ao inquirido, em variáveis binárias (Tabela 2).

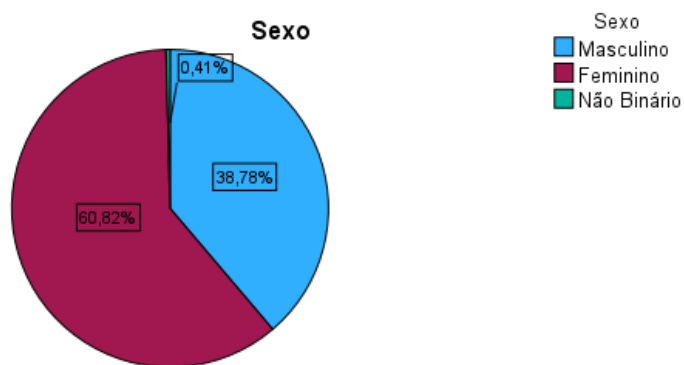


Gráfico 1 - Informação percentual da variável demográfica “Sexo”

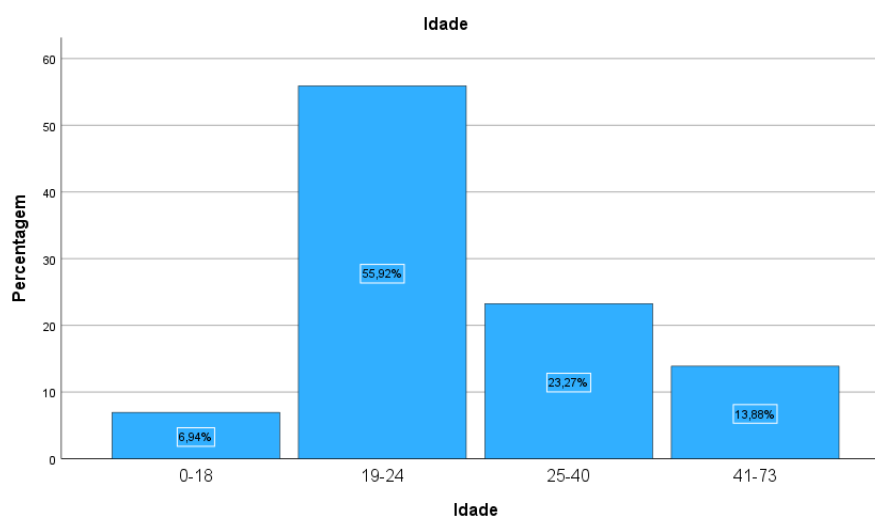


Gráfico 2 - Informação percentual da variável demográfica “Idade”

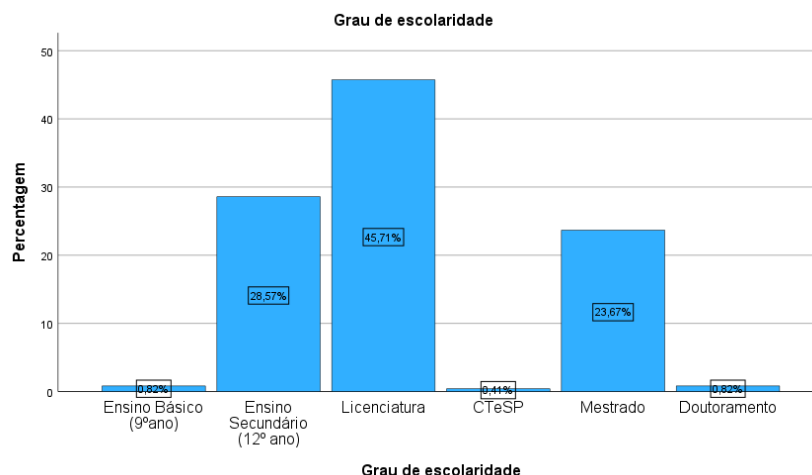


Gráfico 3 - Informação percentual da variável demográfica “Grau de Escolaridade”

Estatísticas Descritivas					
	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Concelho em que reside	245	1	43	27,23	10,694
N válido (de lista)	245				

Tabela 3 - Informação descritiva da variável demográfica “Concelho”

Em relação às restantes questões, também se realizou, no SPSS, uma análise descritiva de cada uma delas. No entanto, neste relatório só irão ser utilizados os resultados que se demonstraram relevantes para a investigação, ou seja, que são essenciais para responder às questões de investigação e para comprovar as suas respetivas hipóteses.

4.2. Questão de Investigação 1

4.2.1. Hipótese 1

A hipótese 1 afirmava que “a maioria dos leitores do JN não lê notícias da secção Cultura”. Para testar esta hipótese, realizou-se uma análise descritiva simples, recorrendo à variável “Costuma ler notícias da secção “Cultura” do JN?”. Esta questão foi o ponto de partida de todo o inquérito, uma vez que quem só respondia sim é que continuava para as próximas questões.

A partir desta variável, construiu-se uma tabela de frequências (Tabela 11) e um gráfico circular (Gráfico 4). Foi possível verificar que a maioria dos leitores do JN não lê notícias da secção “Cultura”, mas a percentagem que os representa é de 54%, não estando muito distante da percentagem dos que não leem (46%). Deste modo, não é possível retirar uma grande conclusão desta análise e, consecutivamente, não permite testar a hipótese.

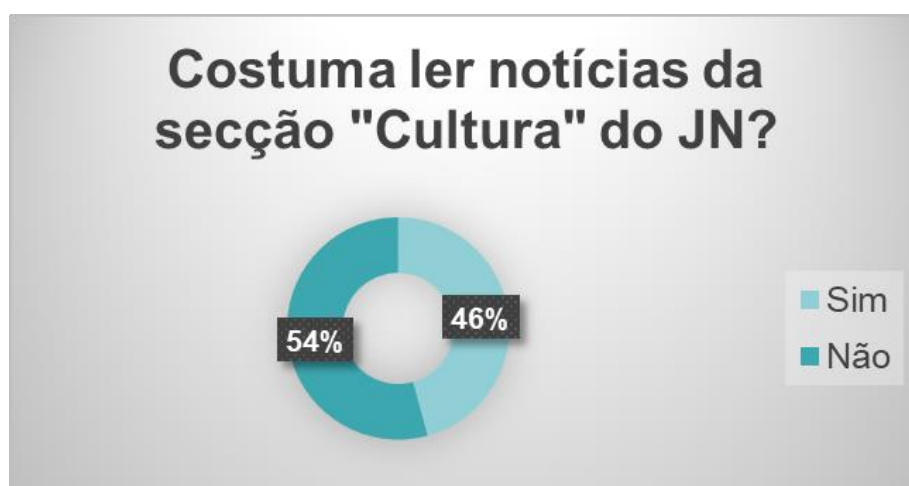


Gráfico 4 - Informação percentual sobre a variável “Costuma ler notícias da secção ‘Cultura’ do JN?”

Para complementar a mesma, considerou-se importante testar a correlação entre a variável “Costuma ler notícias da secção “Cultura” do JN” com a variável “Com que regularidade lê o JN”. Para isso, recorreu-se ao coeficiente de correlação “Tau-b de Kendall” e o mesmo indicou que o valor de significação é $<,001$, ou seja, $p < 0,05$, o que indica que a probabilidade de não haver uma correlação é muito baixa (Tabela 4). Para além disso, o coeficiente de correlação é de $-0,461$, ou seja, estando mais próxima de -1 , é considerada uma correlação negativa moderada a forte. Resumindo, a correlação entre as duas variáveis é significativa e tem tendência a que, cada vez que um valor de uma das variáveis aumente, o valor da outra diminua.

Correlações

		Com que regularidade lê o JN?	
tau_b de Kendall	Costuma ler notícias da secção "Cultura" do JN?	Coefficiente de Correlação	-,461
		Sig. (2 extremidades)	<,001
		N	245

Tabela 4 - Teste de correlação Tau-B de Kendall das variáveis 5 e 6

Estando comprovada a correlação, realizou-se uma tabela de contingência e comprovou-se que a maioria de quem lê raramente o JN também não lê notícias da secção “Cultura”, mas quem lê ocasionalmente, semanalmente e diariamente já tem mais tendência a ler (Tabela 12 e Gráfico 5). Quanto maior a regularidade de leitura do JN, maior é o número de inquiridos que dizem que leem cultura: dos inquiridos que leem o JN ocasionalmente, 64,1% leem a secção “Cultura”, mas os que leem semanalmente, o número já sobe para 72,7% e os que leem diariamente chega a alcançar os 74,1%.

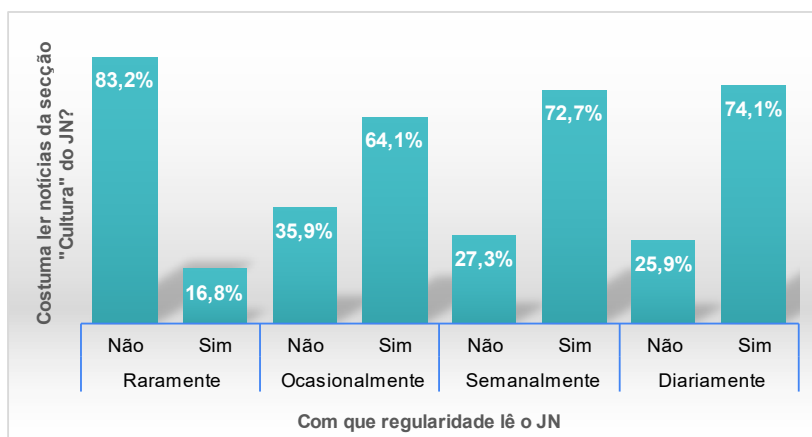


Gráfico 5 - Informação percentual da correlação entre as variáveis 5 e 6

Também se demonstrou importante analisar a variável “Com que regularidade costuma ler notícias de Cultura do JN?”, construindo uma nova tabela de frequências (Tabela 13) e um gráfico de barras (Gráfico 6). Esta variável, que estava presente no questionário, já só foi respondida pelos inquiridos que indicaram que leem notícias de cultura. A amostra passa assim a ser de 112 inquiridos. Nesta variável recorreu-se à escala de *likert* e construi-se um ranking para os inquiridos responderem (Raramente, Ocasionalmente,

Semanalmente, Diariamente). Foi possível comprovar que a maioria dos inquiridos que leem cultura o fazem ocasionalmente (40,2%) ou até semanalmente, sendo que a percentagem também é consideravelmente elevada (30,4%) (Tabela 13). Já os seus extremos (Raramente e Diariamente) apresentam uma percentagem reduzida, o que quer dizer que a prática de leitura de notícias sobre cultura não é assim tão rara, mas também não é muito frequente, ao ponto de se ler diariamente. No entanto, a percentagem de inquiridos que leem raramente ainda consegue ser mais baixa do que a percentagem de quem lê diariamente.

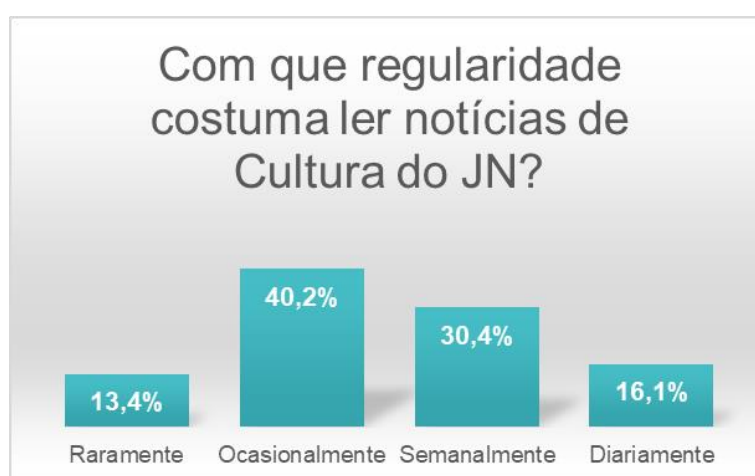


Gráfico 6 - Informação percentual da variável "Com que regularidade costuma ler notícias de cultura do JN?"

De acordo com Silva (2009) e Alves (2012) o jornalismo cultural em Portugal não é considerada uma especialização importante e a percentagem de população que consome cultura é muito reduzida, o que vai contra a análise realizada neste relatório. Para além disso, Kristensen (2019) afirma que o jornalismo cultural é mais priorizado no Norte da Europa e Portugal encontra-se no Sul do continente. Foi também possível comprovar durante a experiência de estágio que a secção "Cultura" era deixada para segunda plano, comparativamente a outras secções, e as razões associadas estão sempre relacionadas com o lucro e consecutivamente com o consumo de notícias por parte dos leitores.

Em suma, é possível confirmar a hipótese estatisticamente, mas a mesma não é bem sustentada, tendo em conta a amostra presente e as análises adicionais. É sim possível

dizer que quem lê o JN regularmente lê notícias sobre cultura, o que vai contra os autores que afirmaram que os leitores não leem cultura. Já quanto à secção “Cultura” ser deixada para segundo plano, não é possível confirmar as razões por detrás desta situação, tendo em conta que, neste relatório, não há termo de comparação com as outras secções. Ainda foi possível confirmar que quem lê cultura o faz ocasionalmente e semanalmente, o que já é bastante considerável.

4.2.2. Hipótese 2

A hipótese 2 pretende comprovar que “os artigos sobre cinema, música moderna e literatura são os que suscitam mais interesse ao leitor do JN”. Para isso, recorreu-se à variável “Dentro das notícias culturais do JN quais são as áreas que lhe despertam maior interesse?”, em que a mesma também foi uma questão de resposta múltipla para o inquirido. Tendo em conta a grande diversidade de respostas e a necessidade de agrupamento das respostas inicialmente formuladas, não foi possível testar esta hipótese no SPSS (chegou a ser comprovado que a única opção era a formulação de 73 variáveis). No entanto, foi possível, a partir do Excel, tornar cada uma das respostas em variáveis binárias e, a partir delas, construir uma tabela e gráfico dinâmico que apresentassem a frequência e percentagem de cada uma das variáveis. A partir da Tabela 14 e do Gráfico 7 foi possível constatar que a manifestação cultural que desperta maior interesse ao leitor do JN é o cinema (70,5%). Contudo, a música moderna também é uma manifestação em destaque e com uma diferença pouco significativa para a anterior mencionada: 79 inquiridos, de 112 que leem cultura, responderam que têm interesse em cinema, mas outros 70, havendo inquiridos que responderam mais do que uma manifestação, também indicaram que têm interesse em música moderna. A literatura é a terceira manifestação cultural de maior interesse ao leitor (55,4%) e segue a arte (48,2%), a televisão (43,8%), o teatro (36,6%) e, em último, as manifestações culturais de menor interesse são a música clássica e a dança, com exatamente a mesma percentagem (20,5%).

É também importante ressaltar que foi deixada uma possibilidade de resposta aberta aos inquiridos, para que estes pudessem indicar que outras manifestações culturais têm interesse e já leram no JN. Assim, identificou-se “Festas e Romarias”, “Design”, “Arquitetura”, “Circo contemporâneo”, “arte em geral; arquitetura em específico”, “Rádio, entre outros exemplos” (Tabela 15). “Arquitetura” e “arte em geral; arquitetura em específico” poderão ser agrupadas unicamente em arquitetura e aqui já passa a ter uma frequência de 2. Para além disso, o inquirido que respondeu “arte em geral” também selecionou a opção arte na questão múltipla.

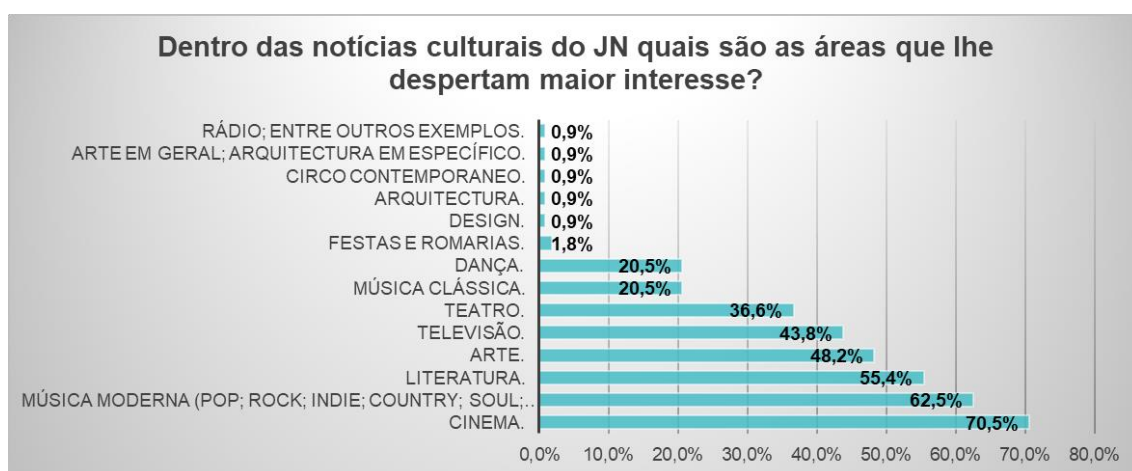


Gráfico 7 - Informação percentual da variável "Dentro das notícias culturais do JN quais são as áreas que lhe despertam maior interesse?"

Para além de tentar entender as preferências culturais do leitor do JN, tornou-se interessante analisar a sua opinião em relação a abrangência de manifestações culturais por parte da secção “Cultura” do JN. Para isso, foi colocada a seguinte questão: “Na sua opinião, o JN abrange todas as áreas culturais?”. Recorrendo à tabela de frequências do SPSS, foi possível constatar que tanto há leitores do JN que consideram que o jornal abrange todas as áreas culturais, como há leitores que não consideram que são abrangidas todas as manifestações. A análise realizada não foi conclusiva, considerando que a diferença percentual é muito pouco significativa: 50,9% dos leitores responderam que o JN abrange e 49,1% responderam que não abrange, estando visível a diferença de 1% e em frequência é a diferença de dois leitores (Tabela 16 e Gráfico 8). Isto poder

querer dizer que o leitor não tem uma percepção clara sobre a questão de o JN abranger todas as manifestações culturais.

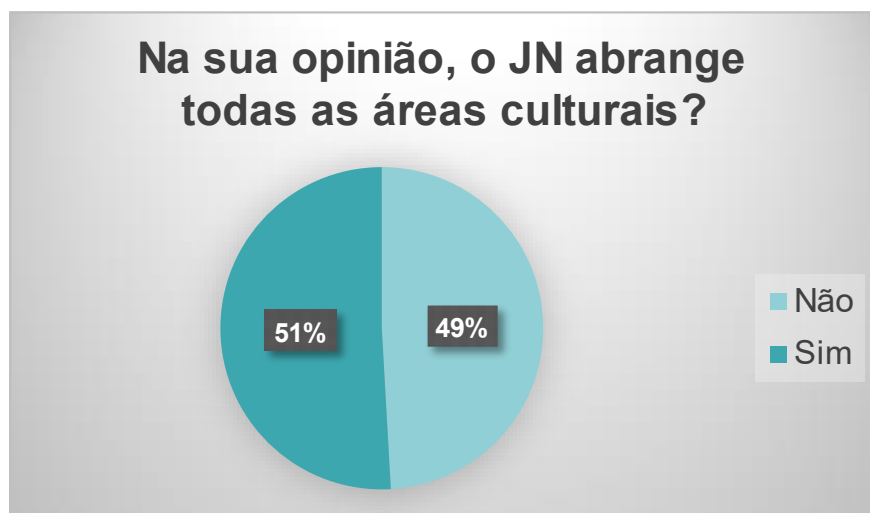


Gráfico 8 - Informação percentual da variável "Na sua opinião, o JN abrange todas as áreas culturais"

Na literatura esta discussão sobre as manifestações culturais provocou alguma contestação, uma vez que havia quem acreditasse, e acredita, que o jornalismo cultural ainda vive na dicotomia jornalismo clássico *versus* jornalismo popular (Faro, 2006); como quem acredita que essas barreiras foram quebradas e existe uma sobreposição de manifestações culturais e géneros (Basso, 2008); como há quem tenha criado uma nova divisão da cultura: “arte, cultura popular, *lifestyle* e consumo” (Silva & Silva, 2017, p. 91 *apud* Kristensen, 2010, p. 69). Esta última autora, mais tarde, também reconheceu que os diferentes tipos de cultura já se entrelaçam e é difícil realizar uma divisão entre as mesmas. Lourenço (2022) afirma que a música clássica e o teatro, a partir de 1990, deixaram de estar tão presentes nos artigos dos jornais generalistas, dando lugar à música moderna, mais especificamente ao “pop-rock”, ao cinema e à literatura. Os dados analisados permitiram comprovar que realmente estas três manifestações culturais são as que suscitam maior interesse ao leitor, estando em primeiro o cinema (70,5%), em seguida a música moderna (62,5%) e em terceiro a literatura (55,4%). A hipótese 2, colocada em teste, confirma-se e ainda foi possível de concluir que o teatro e a música clássica perderam muita audiência e, consecutivamente, presença na

comunicação social, sendo que são consideradas as manifestações culturais de menor interesse para o leitor (Teatro: 36,6%; Música Clássica: 20,5%), conjuntamente com a dança (20,5%).

A televisão também foi um tipo de cultura que começou a crescer a partir dos anos 2000. Este crescimento comprova-se, sendo que o leitor a colocou em quinto lugar nas áreas culturais de maior interesse (43,8%), muito próximo do quarto lugar atribuído à arte (48,2%).

Silva e Silva (2017) ressaltam também o crescimento do jornalismo sobre *lifestyle* e consumo, ou seja, informação sobre “viagens, moda, gastronomia, música, cinema, artes e outros objetos culturais que são tratados na lógica de consumo” (Silva e Silva, 2017, p. 92) e até o design (Silva, 2009). Há também autores que já encaixam o jornalismo de *lifestyle* no jornalismo popular, ou seja, o discurso jornalístico que é praticado no jornalismo cultural já é muito direcionado para o consumo, o serviço, o *lifestyle* (Fürsich, 2012). No entanto, tendo em conta a minha experiência de estágio e considerando um dos objetivos deste relatório – entender o caso do Jornal de Notícias – não inclui nesta questão múltipla as referidas áreas de *lifestyle*. Na secção “Cultura”, estas áreas não entram e estão mais presentes nos suplementos ou então na secção “Pessoas”, que inevitavelmente está ligada à de cultura, tendo o mesmo editor. O próprio jornal ainda faz esta separação. No entanto, tendo deixado a questão múltipla com a possibilidade de resposta aberta, foi possível comprovar que o leitor não faz essa distinção: as festas e romarias é considerada uma área de interesse, tal como o design e o circo contemporâneo. A arquitetura também foi referida por dois inquiridos, sendo uma área em discussão quanto à questão se deve estar integrada na secção de Arte ou não. Também surgiu a rádio, uma resposta que me intrigou, porque não surge na literatura e também não identifiquei durante a experiência de estágio. Para além de que a rádio é considerada um órgão de comunicação social, tal como o jornal. No entanto, poderá estar relacionado com a vertente de entretenimento, tal como a televisão, e dessa forma acaba por se enquadrar. Em suma, o leitor não olha literalmente para a secção “Cultura”, mas sim para o conteúdo cultural, independentemente do local em que se encontra o artigo e até identifica novas áreas que não estão reconhecidas

formalmente e estão incluídas em áreas mais abrangentes. E, como esperado, o design, dentro do *lifestyle*, é uma das áreas de maior interesse.

4.3. Questão de Investigação 2

4.3.1. Hipótese 3

A hipótese 3 afirmava que a maioria dos artigos da secção “Cultura” são sobre eventos culturais que acontecem ou vão acontecer nos concelhos circundantes à sede do JN. A hipótese pretende entender se existe uma centralização geográfica nos artigos que são escritos pelo JN, tal como, conforme a literatura, tem sido bastante comum e, de acordo com a minha experiência de estágio, também foi possível de comprovar.

Para testar esta hipótese recorreu-se à variável “Com que regularidade acha que o JN aborda os eventos culturais que acontecem no concelho em que reside?” e, mais uma vez, realizou-se uma tabela de frequências (Tabela 18) e um gráfico percentual (Gráfico 9). Tendo em conta que já se tinha definido um conjunto de opções possíveis, baseadas na escala de *likert*, é possível afirmar que a maioria dos leitores considera que o JN aborda ocasionalmente os eventos culturais que acontecem no concelho em que reside (32,1%). No entanto, 22,3% dos leitores também assumem que é raro isso acontecer e 7,1% afirmam que nunca acontece. Em contrapartida, 20,5% consideram que o JN aborda algumas vezes e 17,9% abordam muitas vezes. Entende-se desta forma que existe mais probabilidade de acontecer do que não acontecer. Tanto a média como a mediana quase que têm um valor similar (3,20 e 3 respetivamente) e o desvio padrão vem comprovar que não existe uma grande dispersão de dados ($dp=1,184$) (Tabela 5).

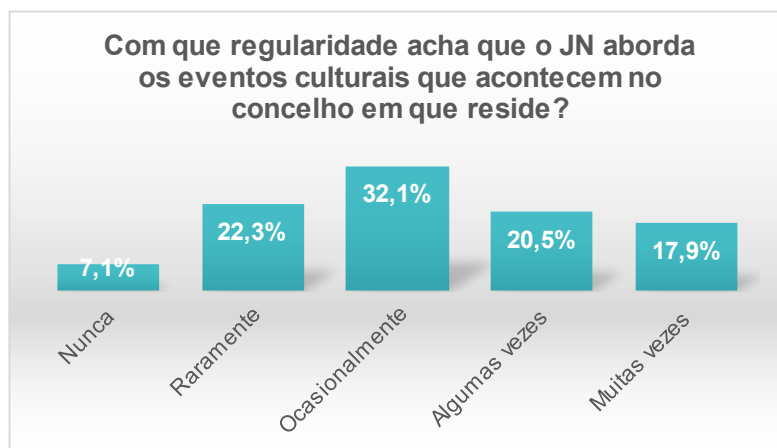


Gráfico 9 - Informação percentual da variável "Com que regularidade acha que o JN aborda os eventos culturais que acontecem no concelho em que reside?"

Estatísticas			
Com que regularidade acha que o .			
N	Válido	112	Desvio padrão
	Omisso	0	
Média		3,20	1,184
Mediana		3,00	
Modo		3	
Erro Desvio		1,184	
Variância		1,403	
Mínimo		1	
Máximo		5	
Percentis	25	2,00	
	50	3,00	
	75	4,00	

Tabela 5 – Estatísticas descritivas da variável “Com que regularidade acha que o JN aborda os eventos culturais que acontecem no concelho em que reside?”

Tendo em conta a hipótese colocada, os dados analisados não dão a resposta pretendida e de forma completa. Desta forma, tornou-se essencial entender se a variável “Com que regularidade acha que o JN aborda os eventos culturais que acontecem no concelho em que reside?” e a variável “Concelho” se correlacionam e, se sim, de que forma. Isto porque até podemos saber que 7% dos inquiridos consideram que o JN nunca aborda os

eventos culturais que acontecem no concelho em que residem, mas não sabemos qual é o concelho de cada um desses inquiridos.

Primeiramente realizou-se o teste de qui-quadrado que veio constatar que existe uma correlação positiva entre as duas variáveis, rejeitando a hipótese nula, tendo em conta que o valor do qui-quadrado (χ^2) é de 148,367, sendo muito superior ao valor de significância (0,001) e o mesmo é $p < 0,05$ (Tabela 19). No entanto, foi necessário recorrer a outros testes para perceber a força desta relação e a correlação de *Pearson* apresenta um valor de 0,170 e um valor de significância de 0,073, o que significa que existe uma correlação positiva fraca, mas não estatisticamente significativa, uma vez que ($p > 0,05$) e consecutivamente a hipótese nula não é rejeitada. A correlação de *Spearman* chega à mesma conclusão, apesar de indicar uma correlação positiva mais forte que a de *Pearson*, sendo que o valor de correlação é um pouco mais forte (0,182), ou seja, está mais distante do valor de 0. Para além disso, apresenta uma significância aproximada de 0,055, o que significa que, apesar de estar muito próximo do nível de significância comum, este não deixa de ser superior ($p > 0,05$): a probabilidade de existir uma correlação é muito baixa. Desta forma, não se rejeita a hipótese nula e a correlação não é estatisticamente significativa (Tabela 6).

Medidas Simétricas					
		Valor	Erro Padrão Assintótico ^a	T Aproximado ^b	Significância Aproximada
Intervalo por Intervalo	R de Pearson	,170	,081	1,809	,073 ^c
Ordinal por Ordinal	Correlação Spearman	,182	,089	1,941	,055 ^c
N de Casos Válidos		112			

a. Não considerando a hipótese nula.

b. Uso de erro padrão assintótico considerando a hipótese nula.

c. Com base em aproximação normal.

Tabela 6 - Testes de correlação Pearson e Spearman aplicados às variáveis 4 e 16

De qualquer forma, considerou-se, ainda assim, importante realizar uma tabela de contingência para poder analisar os dados, na prática, e relacionar cada uma das frequências (Nunca, Raramente, Ocasionalmente, Algumas vezes, Muitas vezes) com os concelhos indicados pelos inquiridos (Tabela 20). Isto porque na Tabela 19 é mencionado que 95,4% das células “esperavam uma contagem menor que 5”, o que

significa que a análise estatística pode estar a apresentar resultados inconsistentes e até incorretos.

Para facilitar a leitura construiu-se um gráfico (Gráfico 10), que permitiu constatar que os inquiridos que responderam que o JN nunca aborda os eventos culturais que acontecem no concelho em que residem são de Cascais, Murça, Ovar e Valongo. No entanto, não é muito significativo considerando que só 1 inquirido de cada um desses concelhos deu essa resposta, à exceção de Paços de Ferreira, que já representa 3 inquiridos.

Os inquiridos que responderam “Raramente” são de diversos concelhos, sendo que os que mais se destacaram pelo maior número de respostas foram Gondomar (3 inquiridos), Maia (3 inquiridos), Vila Nova de Gaia (3 inquiridos), Paços de Ferreira (2 inquiridos) e Valongo (2 inquiridos). Já quem respondeu “Ocasionalmente”, grau de regularidade que teve um maior número de respostas por parte dos inquiridos, reside, na maioria, nos concelhos do Porto (12 inquiridos) e de Vila Nova de Gaia (9 inquiridos). Maia e Gondomar apresentam o mesmo número de respostas de quem é destes concelhos e responderam “Raramente” (3 inquiridos cada). A maioria dos inquiridos que responderam que o JN aborda algumas vezes os eventos culturais que acontecem no concelho em que residem é, mais uma vez, do Porto (9) e de Vila Nova de Gaia (8). Contudo, a frequência reduziu ligeiramente nestes dois concelhos comparando com quem respondeu “Ocasionalmente”, mas essa situação justifica-se pelo maior número de respostas nesse grau de regularidade. Para além disso, também estão presentes concelhos como Braga, Gondomar, Matosinhos (com uma frequência de 2 respostas), Paredes e Penafiel. Por fim, quem respondeu que o JN aborda muitas vezes os eventos culturais do concelho em que residem é, na maioria, do concelho do Porto – e desta vez volta a subir a frequência – e Vila Nova de Gaia, que sofreu uma descida bastante acentuada (3). Também volta a estar presente o concelho de Matosinhos, com uma frequência de 2 respostas, e surge um concelho que ainda não esteve presente nos outros patamares – Lisboa.

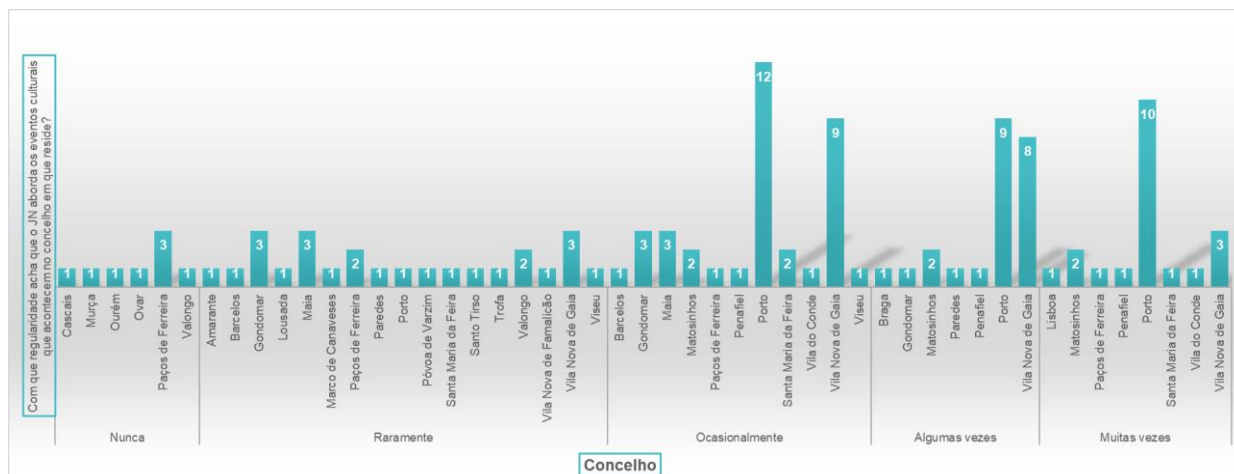


Gráfico 10 - Informação sobre a regularidade com que o JN aborda os eventos culturais que acontecem no concelho em que residem os leitores, dividido pelos respetivos concelhos.

Na literatura, esta questão é abordada em contexto nacional. Lourenço (2022) afirma que Lisboa é a cidade mais referida em artigos sobre cultura, sendo estes referentes a bens ou eventos culturais que se encontram ou vão decorrer nessa cidade. A seguir a Lisboa, também se destacam as cidades do Porto e de Braga, grandes polos de urbanização e onde reside a maioria dos leitores de jornais, ou seja, o seu público-alvo (Ribeiro, 2008). Para além disso, a mesma autora refere que a própria indústria cultural já é centralizada, existindo uma tendência para realizar eventos culturais nas grandes cidades. A imprensa nacional, por questões de deslocação e económicas, acaba por se centrar em eventos que acontecem próximo de si, mesmo que os jornais cheguem a todo o país e tenham leitores que a estes não se possam deslocar, diminuindo o seu interesse por aquela informação (Ferreira, 2015; Fernandes, 2021).

Depois de se ter analisado os dados, foi possível chegar a algumas conclusões. Constatase que o JN não cobre regularmente os eventos culturais de muitos concelhos e quanto mais estes se encontrarem distantes da sede, menos provável é de a sua produção cultural entrar no jornal. Apesar de a percentagem de leitores que responderam “Nunca” ser reduzida, estes pertencem a concelhos distantes, tais como Cascais, Murça e Ovar, estando também presentes concelhos do distrito do Porto, como Paços de Ferreira e Valongo.

É necessário ressaltar que os concelhos do Porto e de Vila Nova de Gaia têm um maior número de frequências, uma vez que são os mais representativos da amostra do inquérito. Desta forma, acabam por estar presentes em quase todas as opções do grau de regularidade, mas os que têm maior frequência são o “Ocasionalmente”, o “Algumas vezes” e o “Muitas vezes”. É interessante constatar que entre o “Algumas vezes” e o “Muitas vezes”, Vila Nova de Gaia perde um grande número de respostas. Isto quer dizer que até o concelho que faz fronteira com o do Porto não é referido muitas vezes. É também importante mencionar que estão presentes outros concelhos que têm representatividade nos vários graus de regularidade, mas a sua frequência é tão baixa que torna a análise inconsistente (Santa Maria da Feira, Vila do Conde, Paredes, Penafiel, Paços de Ferreira). Entende-se que os residentes destes concelhos não apresentam a mesma opinião quanto a esta questão, sendo que há quem considera que o JN menciona raramente os eventos culturais do seu concelho, mas também há quem considera que o jornal menciona ocasionalmente e até algumas vezes.

Confirma-se que a maioria dos artigos da secção “Cultura” são sobre eventos culturais que acontecem ou vão acontecer nos concelhos circundantes à sede do JN, ou seja, no Porto, Vila Nova de Gaia e Matosinhos. Apesar de não serem concelhos circundantes, também se destacam, por serem grandes polos de urbanização, Braga e Lisboa.

No entanto, não foi possível realizar uma análise completa e consistente, tendo em conta a diversidade de concelhos, a baixa frequência de respostas em cada um e o significativo número de inquiridos que residem no Porto e Vila Nova de Gaia. Para além disso, os testes de correlação confirmaram que a correlação entre as duas variáveis expostas não é estatisticamente significativa, por todas as razões já mencionadas. Eram necessários dados adicionais para poder confirmar esta hipótese e que permitisse aumentar a probabilidade de correlação entre as suas variáveis. Só analisando resposta a resposta, e tendo em conta o conhecimento prévio dos concelhos mais próximos e distantes da sede do JN, é que me permitiu inferir que poderá haver uma centralização do jornalismo cultural, não sendo, como já referido, possível confirmar esta hipótese a 100%.

4.3.2. Hipótese 4

A hipótese 4 pretende comprovar que a maioria dos artigos de cultura do JN são aprofundados, mas nem sempre incluem uma vertente reflexiva. Se analisarmos as variáveis “Na sua perspetiva, de 1 a 5, quão aprofundados são os artigos jornalísticos sobre cultura do JN?” (Gráfico 11) e “O JN inclui, nos seus artigos, essa vertente mais reflexiva?” (Gráfico 12) individualmente, chega-se à conclusão de que a maioria dos leitores do JN não têm uma opinião unânime quanto ao conteúdo dos artigos culturais do JN serem aprofundados, tendo 47,1% indicado a opção 3 (Neutro). No entanto, 42,6% dos leitores consideram que os artigos culturais do JN são aprofundados, não havendo uma distância muito significativa quanto a quem optou pela opção neutra. Só 1,4% dos leitores é que consideram que são muito aprofundados, 8,4% acha que são pouco aprofundados e somente um inquirido é que não acha que são aprofundados de todo (Gráfico 11). Quanto ao JN incluir uma vertente reflexiva nos seus artigos também não há uma resposta unânime, sendo que 45% responderam que sim e 55% responderam que não (Gráfico 12).



Gráfico 11 - Informação percentual da variável "Na sua perspetiva, de 1 a 5, quão aprofundados são os artigos jornalísticos sobre cultura do JN?"

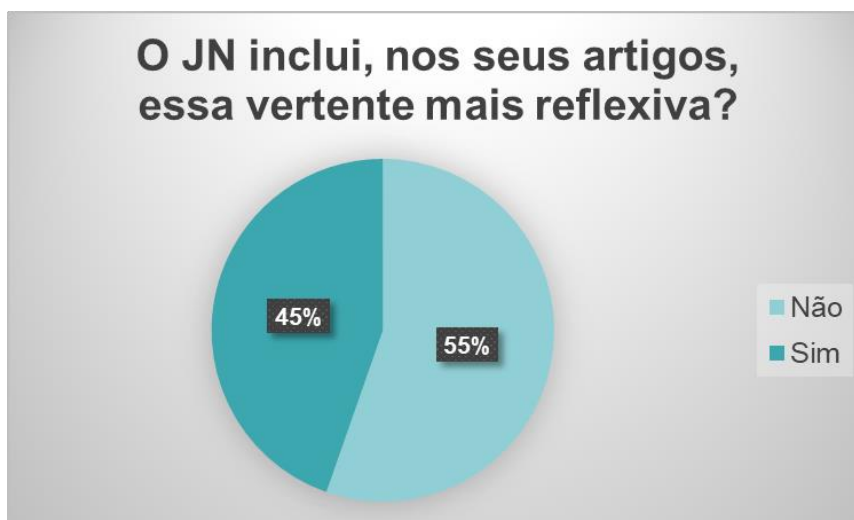


Gráfico 13 - Informação percentual da variável "Na sua perspectiva, o JN inclui, nos seus artigos, essa vertente mais reflexiva?"

Tornou-se também interessante analisar a variável “Acredita que a reflexão do próprio jornalista sobre determinado evento cultural é essencial para o leitor?”, recorrendo a uma tabela de frequência. 70,5% dos leitores consideram que é essencial que os jornalistas incluam a sua reflexão sobre os eventos culturais que escrevem e assistem (Tabela 22 e Gráfico 13). No entanto, como já se comprovou anteriormente, a opinião de que essa reflexão é incluída nos artigos do JN já não é partilhada por uma grande maioria de leitores (Gráfico 12).

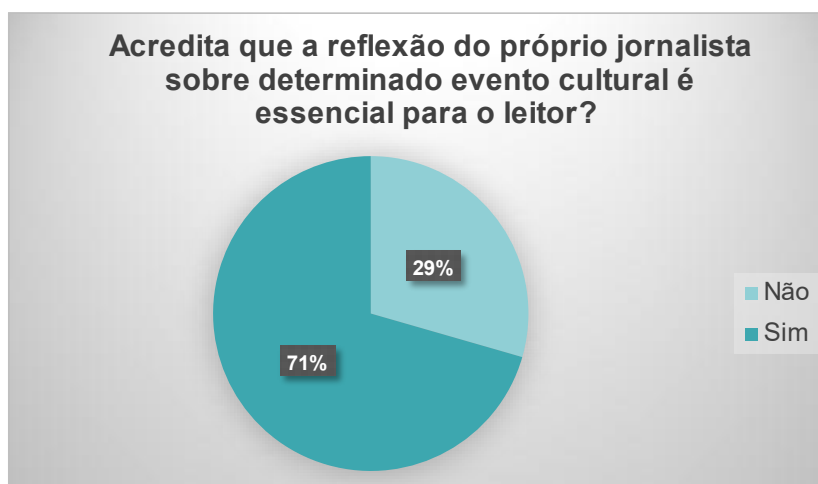


Gráfico 12 - Informação percentual da variável "Acredita que a reflexão do próprio jornalista sobre determinado evento cultural é essencial para o leitor?"

Para conseguir responder à hipótese, considerou-se importante verificar se existe uma correlação entre as variáveis “Na sua perspectiva, de 1 a 5, quão aprofundados são os artigos jornalísticos sobre cultura do JN?” e “Na sua perspectiva, o JN inclui, nos seus artigos, essa vertente mais reflexiva?” e interpretar os seus dados. Desta forma, recorrendo ao coeficiente de correlação de *Spearman* foi possível verificar que existe uma correlação estatisticamente significativa, no entanto a mesma é fraca: o valor do coeficiente de correlação é -0,202, ou seja, é abaixo do valor 1, mas não está muito próximo do -1, que é considerado o valor de correlação perfeita. Neste caso, sendo o nível de significância 0,032, ou seja, ($p < 0,05$), significa que existe uma correlação significativa estatisticamente, mas fraca (Tabela 23).

Tendo em conta a correlação alcançada, mesmo que fraca, recorreu-se, mais uma vez, a uma tabela de contingência (Tabela 24) e construiu-se um gráfico, no Excel, com o cálculo da percentagem de cada um dos patamares de profundidade (Gráfico 14). Entende-se o porquê de a correlação ter uma significação fraca, considerando que a frequência de respostas do nível 1 e do nível 5 é tão baixa que não permite a realização de uma análise adequada. Se analisarmos só do nível 2 ao nível 4, é possível constatar que os leitores que consideram pouco aprofundados os artigos sobre cultura do JN estão divididos na questão de os mesmos considerarem que o JN inclui uma vertente reflexiva nos seus artigos sobre cultura, apesar de prevalecer o não (53,3%). No entanto, os leitores que não têm uma opinião definida quanto a os artigos do JN serem aprofundados, consideram que estes não incluem uma vertente reflexiva (69,6%). Já os leitores que consideram os artigos aprofundados também acham que o JN inclui uma vertente reflexiva (65,8%).

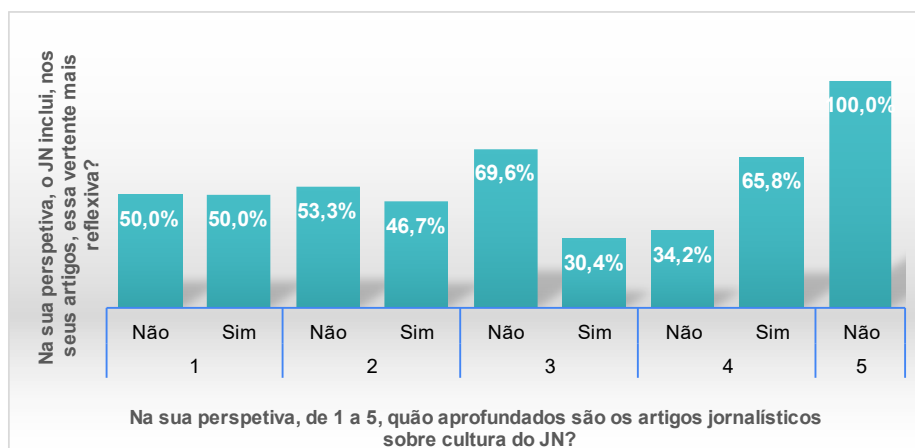


Gráfico 14 - Informação percentual da correlação entre as variáveis 13 e 15

De acordo com a literatura, o jornalismo cultural está a enfrentar algumas crises, principalmente relacionadas com um “jornalismo sentado” e de divulgação, não aprofundando os artigos e não integrando o género “Crítica”, ou seja, uma vertente mais reflexiva. São vários os autores (Ribeiro, 2008; Lourenço, 2016; Kristensen, 2017; Teixeira, 2020; Tulha, 2012) que abordam estas questões e que referem que as mesmas estão diretamente relacionadas com a forte dependência em assessores e nos seus *press releases*, com o baixo número de colaboradores na secção “Cultura” e com o foco em alcançar o lucro.

Tendo em conta a experiência de estágio, foi possível comprovar que acontece este “jornalismo sentado” e de divulgação, mas o mesmo tenta sempre ser contrariado, considerando que incentivam o jornalista a sair da redação e, quando tal não é possível, a informação que provém das fontes tem de ser sempre complementada com depoimentos oficiais ou nova informação. Já a inclusão da vertente reflexiva não acontece com tanta frequência, apesar de também se incentivar o jornalista do JN a fazê-lo, até tendo presente o género “Crítica” numa secção do jornal em papel (Palco).

Mas o que passa para o leitor? Foi isso que se pretendeu entender, expondo questões para obter a sua perspectiva. A análise dos dados permitiu-nos constatar que a maioria dos leitores optou pela opção neutra, ou seja, não considera que os artigos culturais do JN são pouco aprofundados, mas também não são aprofundados. Apesar disso, uma grande percentagem de leitores considera que os artigos são aprofundados e isso já permite comprovar que existe um certo nível de profundidade. Já quanto à integração

de uma vertente mais reflexiva, a maioria dos leitores considerou que não, mas a percentagem é muito pouco significativa, o que não permite retirar uma conclusão clara. Se me cingisse à análise individual e estatística de cada uma das variáveis aqui presentes, a hipótese confirma-se, mas ao se correlacionar as duas entende-se que a questão de o JN incluir uma vertente reflexiva é muito contestável e há quem considere que sim e quem considere que não. A hipótese não se confirma totalmente, sendo que a percentagem de leitores que considera que os artigos são aprofundados, 65% desses também considera que o JN inclui a vertente reflexiva. No entanto, é interessante também destacar que os leitores que consideram os artigos pouco aprofundados (nível 2) demonstram-se divididos quanto ao JN incluir uma vertente reflexiva, sendo que 53% responderam que não e 46% responderam que sim. Como referi anteriormente, pela minha experiência de estágio, a vertente reflexiva está presente e é incentivada, mas não é muito regular, algo que pode provocar que haja leitores que identifiquem esta vertente e outros não. No entanto, 70% dos leitores consideram essencial esta vertente reflexiva nos artigos.

Considerações finais

O presente relatório, tal como já referido, surgiu no seguimento da realização do estágio curricular no Jornal de Notícias. Este estágio acabou por ser bastante enriquecedor e cheio de surpresas, tendo aqui a possibilidade de descrever a experiência vivida, apesar de não ser possível abordar com pormenor tudo o que me marcou. Ao longo de três meses, pude entender o que é trabalhar em jornalismo cultural, perceber o quão, na prática, esta especialização é diferente das restantes e conhecer todo um universo cultural, que envolve produtores, curadores, criadores, artistas, consumidores, entre muitos outros participantes. Apesar de ser uma estagiária, tive a oportunidade de realizar todo o tipo de trabalho jornalístico e sempre me foi dada abertura para dar opinião e avançar com ideias próprias. Cheguei a ser desafiada a escrever várias “Aberturas”, notícias para o online, a realizar entrevistas, a deslocar-me a eventos culturais, a ensaios e conferências de imprensa e ainda a cobrir todo um evento de quatro dias em Lisboa. Todo este processo fez-me conhecer e viver alguns dos desafios que o jornalismo cultural enfrenta. Foram estes que me fizeram avançar com um tema

para este relatório – o interesse em explorar mais estes desafios, em entender as causas e, principalmente, em perceber a influência e perspetiva do leitor. O jornalismo não envolve só o jornalista, mas também o leitor e a literatura não pode só olhar para o que devia acontecer na teoria, mas também para a prática.

Foram vários os desafios identificados no jornalismo cultural e este conceito torna-se tão complexo que foi impossível conseguir explorar todas as vertentes que se pretendia. Posto isto, optou-se por seleccionar os desafios que, de certa forma, estão presentes na prática jornalística do Jornal de Notícias. Durante toda a experiência de estágio foi possível experienciar que a secção “Cultura” não era considerada das mais importantes no JN – havia poucos jornalistas alocados, a secção estava quase no fim do jornal impresso e eram-lhe atribuídas entre duas a três páginas, nem sempre havendo oportunidade de cobrir todos os eventos culturais, priorizando-se os que ganhariam mais popularidade e que se demonstravam ser parceiros comerciais do JN. A literatura também me permitiu identificar desafios que, na prática, acabam por estar “disfarçados”. Vários autores abordam a forte dependência de fontes, principalmente de assessores de imprensa e dos seus *press releases* (Ribeiro, 2008; Lourenço, 2016; Kristensen, 2017; Teixeira, 2020; Tulha, 2012; Fernandes, 2020; Carvalho, 2016; Guedes 2007). Consecutivamente, surge a prática de um jornalismo sentado e de divulgação, apoiado num discurso jornalístico virado para o *lifestyle* e consumo (Teixeira, 2020; Tulha, 2012; Silva e Silva, 2017; Kristensen, 2019; Carmo, 2006; Faro, 2006). As condições económicas e empresariais que o jornalismo enfrenta são consideradas as causas pela especialização se submeter a determinadas práticas – o lucro é o principal objetivo dos grupos empresariais que assumem os órgãos de comunicação social e o mesmo provém do leitor, que consome notícias e paga pelas mesmas (Hellman e Jaakkola, 2012; Faro, 2006; Ribeiro, 2008; Carmo, 2006). Resumidamente, consegue constatar-se que se trata de uma bola de neve, em que cada uma das situações ocorre por outra anterior, e desta forma sucede-se uma consequência de atos.

Para além disso, em Portugal, a indústria cultural encontra-se centralizada nas grandes cidades – Porto, Lisboa, Braga – e, consecutivamente, o jornalismo cultural também, acabando por cobrir os eventos culturais mais próximos de onde se encontram a

trabalhar os jornalistas ou aqueles que estão dispostos a pagar para serem mencionados (Ferreira, 2015; Ribeiro, 2008; Fernandes, 2021; Lourenço, 2022). As parcerias comerciais e o entrelaçamento entre o jornalismo cultural e a publicidade também é um tema que tem gerado contestação, mas que não tem sido muito explorado pela literatura, e, infelizmente, também não foi possível ser tratado neste relatório.

Posto isto, como já referi anteriormente, entende-se que todo este processo não acontece só por causa do jornalista ou da organização jornalística, mas também o leitor parece ter alguma influência. Alves (2012) referiu que o leitor português não consome cultura e Silva (2009) e Kristensen (2019) afirmaram que o jornalismo cultural em Portugal é menos priorizado que outras secções e comparativamente a outros países. Isto porque a imprensa generalista se move pelos interesses e consumos do público-alvo, o mesmo que é acusado de não consumir cultura e, se consome, vai ao encontro de uma indústria de massas. Deste modo, foram definidas duas questões de investigação, que, a meu ver, se tornaram essenciais e permitiram chegar a muitas conclusões.

A primeira questão pretendeu entender se o leitor do JN dá importância à secção “Cultura” do jornal, ao qual foi possível comprovar que sim, dá. Desde que também leia o JN regularmente, as notícias culturais entra dentro dos seus interesses. Apesar de ter prevalecido a resposta “Não” quando se perguntou se costuma a ler a secção no inquérito, a maioria dos inquiridos que deu essa resposta também referiu que lê raramente o JN. Já quem respondeu que lê cultura, a maioria costuma fazê-lo ocasionalmente e algumas vezes, o que se demonstra bastante positivo. Para além disso, constatou-se que os leitores acabam por influenciar o conteúdo cultural que é transmitido pela imprensa generalista, sendo que os mesmos demonstraram maior interesse nas três manifestações culturais que estão mais presentes nos jornais – cinema, música moderna e literatura. Estas três acabam por ir ao encontro da lógica consumista, de *lifestyle* e de uma cultura de massas. Desta forma, entende-se que a maioria dos leitores do JN se interessam pelos artigos sobre cultura e lhes dão importância, acabando por ler aqueles que vão ao encontro dos seus interesses. Contudo, esta importância não é possível de medir, devido à falta de dados, que não foram possíveis de recuperar para este relatório.

A segunda questão de investigação já pretendeu olhar para a perspetiva do leitor quanto a determinadas particularidades do jornalismo cultural no JN. Neste caso, foram três: a centralização geográfica, o nível de profundidade dos artigos do JN e a inclusão de uma vertente reflexiva. O leitor demonstrou que não tem a mesma perspetiva quanto a estas particularidades, e, por vezes, tornou-se difícil retirar conclusões: houve inquiridos dos mesmos concelhos que não apresentaram a mesma opinião, ou seja, não tinham a mesma perspetiva quanto ao nível de regularidade com que o jornal escrevia artigos sobre eventos do concelho em que residem. Mesmo assim, foi possível comprovar que o JN acaba por abordar mais os eventos culturais que acontecem próximos da sua sede (Porto, Vila Nova de Gaia, Matosinhos), ou então que acontecem em grandes polos de urbanização, tais como Braga e Lisboa. Já quanto às outras particularidades, não foi possível retirar uma conclusão consistente, sendo que a maioria dos leitores se posicionou no nível neutro de profundidade, mas a percentagem de inquiridos que considerou serem aprofundados também era considerável e que merece a sua análise. Em relação ao JN incluir uma vertente reflexiva, não existe uma opinião unânime, estando quase 50/50. De qualquer forma, foi interessante constatar que o leitor que considera que os artigos do JN são aprofundados (ainda uma grande percentagem) também afirma que incluem uma vertente reflexiva por parte dos jornalistas, o que pode aqui indicar que a hipótese não se comprova. Resumidamente, não foi possível responder à questão de investigação, uma vez que a análise das duas hipóteses demonstrou-se insuficiente. Isto porque houve inquiridos divididos, provocando uma frequência de quase 50/50 ou então havia respostas contraditórias. Era necessário realizar uma investigação mais aprofundada, que permitisse entender o porquê de não haver respostas consensuais entre os leitores. Tendo em conta a minha experiência de estágio, considero que poderá estar relacionado com o facto de haver um incentivo à descentralização geográfica, ao aprofundamento dos artigos e à inclusão de uma vertente reflexiva, mas estas três ainda não foram completamente conseguidas.

Em suma, foi um processo de grande aprendizagem. Esta investigação permitiu retirar boas conclusões, mas as mesmas ainda precisavam de ser mais aprofundadas. É importante ressaltar que este estudo se demonstra limitado e não permite responder a

todas questões. Apesar de se abordar os desafios do jornalismo cultural e colocá-los na influência e perspectiva do leitor, os mesmos estão analisados perante uma só realidade - o Jornal de Notícias. As conclusões retiradas podem não se aplicar a todos os órgãos de comunicação. Para além disso, para conseguir entender todas as causas por detrás de determinados desafios e causas, eram necessárias análises adicionais que tornava este relatório muito exaustivo e acabava por o desviar do objetivo inicialmente definido. Futuramente, acredito que seria importante recair numa análise das parcerias comerciais que são feitas com a indústria cultural, identificando as suas vantagens e desvantagens e, principalmente, estudar a sua influência na prática jornalística.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Ana Filipa Mendes De - **Jornalismo cultural: as fontes e os géneros jornalísticos: o caso do Público** [Em linha]. Lisboa : Escola Superior de Comunicação Social, 26 Nov. 2014 [Consult. 20 jan. 2023]. Disponível em WWW:<URL:<https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/4395>>.
- ALVES, Clara Ferreira - **É a falta de cultura, estúpido! - Correntes** [Em linha], atual. 2012. [Consult. 23 jan. 2023]. Disponível em WWW:<URL:<https://correntes.blogs.sapo.pt/1465180.html>>.
- BASSO, Eliane Fátima Corti - **Jornalismo Cultural: uma análise sobre o campo** [Em linha]. São Paulo : [s.n.] Disponível em WWW:<URL:<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/99945753851980735137884571481134101142.pdf>>.
- CARMO, Teresa Maia E - Evolução portuguesa do jornalismo cultural. **Janus 2006: A nova diplomacia**. 2006).
- CARVALHO, Claudiane - Quem determina a agenda jornalística? Seleção e construção da notícia na relação entre assessoria de imprensa e jornalismo. **Dispositiva**. . ISSN 2237-9967. 5:1 (2016) 19–38. doi: 10.5752/P.2237-9967.2016V5N1P19-38.
- CHONG, Phillipa - Valuing subjectivity in journalism: Bias, emotions, and self-interest as tools in arts reporting. <https://doi.org/10.1177/1464884917722453>. . ISSN 17413001. 20:3 (2017) 427–443. doi: 10.1177/1464884917722453.
- DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA - **press release** [Em linha] [Consult. 20 jan. 2023]. Disponível em WWW:<URL:[https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/press release](https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/press%20release)>.
- DIREÇÃO-GERAL DE ATIVIDADES ECONÓMICAS (DGAE) - **Direção-Geral de Atividades Económicas (DGAE)** [Em linha] Disponível em WWW:<URL:<https://www.dgae.gov.pt/servicos/politica-empresarial/setores-industriais/industrias-culturais-e-criativas.aspx>>.
- FARO, José Salvador - Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão

teórica sobre o jornalismo cultural. **Comunicação & Sociedade**. . ISSN 2175-7755. 28:46 (2006) 143–163. doi: 10.15603/2175-7755/CS.V28N46P143-163.

FERNANDES, Ana Isabel - O que falta ao jornalismo cultural? Descentralização, educação para os média e bons conteúdos. **Comunidade Cultura e Arte**. 2021).

FERNANDES, Maria Raquel - **Desafios do jornalismo cultural na era digital : estudo de caso da Time Out Lisboa** [Em linha]. [S.l.] : Universidade de Lisboa, 10 Jun. 2020 [Consult. 20 jan. 2023]. Disponível em WWW:<URL:<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/44183>>.

FERREIRA, Pedro Miguel De Carvalho - **A cultura na imprensa regional O suplemento cultural do Jornal de Leiria. Comunicação e Media** [Em linha]. [S.l.] : Instituto Politécnico de Leiria, Mar. 2015 [Consult. 20 jan. 2023]. Disponível em WWW:<URL:https://www.academia.edu/37851700/Masters_Thesis_A_cultura_na_imprensa_regional_O_suplemento_cultural_do_Jornal_de_Leiria_Comunicação_e_Media>.

FÜRSICH, Elfriede - Lifestyle journalism as popular journalism: Strategies for evaluating its public role. **Journalism Practice**. . ISSN 17512794. 6:1 (2012) 12–25. doi: 10.1080/17512786.2011.622894.

GLOBAL MEDIA GROUP - **Global Media Group** [Em linha] [Consult. 20 jan. 2023]. Disponível em WWW:<URL:<https://www.globalmediagroup.pt/marcas/media/jornais/jornal-de-noticias/>>.

GLOBAL MEDIA GROUP - **Global Media Group** [Em linha] Disponível em WWW:<URL:<https://www.globalmediagroup.pt/marcas/media/>>.

GOLIN, Cida - Jornalismo cultural: reflexão e prática. **Sete propostas para o jornalismo cultural: reflexões e experiências**. 2009) 23–38.

GUEDES, Viviana Marques - Fragmentos de um discurso: a narrativa do jornalismo cultural na pós-modernidade. 2007).

HELLMAN, Heikki; JAAKKOLA, Maarit - From aesthetes to reporters: The paradigm shift

in arts journalism in Finland. **Journalism**. . ISSN 14648849. 13:6 (2012) 783–801. doi: 10.1177/1464884911431382.

JN - Um café e o JN, por favor. **Jornal de Notícias**. 2022).

KRISTENSEN, Nete Nørgaard - Churnalism, Cultural (Inter)Mediation and Sourcing in Cultural Journalism. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2017.1330666>. . ISSN 14699699. 19:14 (2017) 2168–2186. doi: 10.1080/1461670X.2017.1330666.

KRISTENSEN, Nete Nørgaard - Cultural journalism—Journalism about culture. **Sociology Compass**. . ISSN 1751-9020. 13:6 (2019) e12701. doi: 10.1111/SOC4.12701.

LIMA, Helena Laura Dias De - **Os diários portuenses e os desafios da actualidade na imprensa : tradição e rupturas** [Em linha]. Porto : Porto : [Edição de Autor], 2008 [Consult. 20 jan. 2023]. Disponível em WWW:<URL:<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/25675>>.

LIMA, Helena Laura Dias De - O JORNAL DE NOTÍCIAS: TRADIÇÃO E EVOLUÇÃO PARA O MODELO DE IMPRENSA POPULAR. Em **NOTÍCIAS EM PORTUGAL ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA INFORMATIVA (SÉCULOS XVI-XX)** [Em linha]. [S.l.] : ICNOVA, 2018 [Consult. 20 jan. 2023]. Disponível em WWW:<URL:https://www.icnova.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/38/2019/03/ICNOVA_NoticiasPortugal_Jornal_Noticias.pdf>. ISBN 9789895428533. p. 239–251.

LOURENÇO, Jaime - Jornalismo cultural no quadro europeu: transformações e evoluções. **JANUS 2022 - O PAÍS QUE SOMOS O(S) MUNDO(S) QUE TEMOS: Um roteiro para o conceito estratégico na próxima década**. . ISSN 2183-4814. 2022) 40–41.

LOURENÇO, Jaime Manuel Pires - **Um olhar sobre o jornalismo de cinema na televisão portuguesa: o caso do Cinebox da TVI24** [Em linha]. [S.l.] : Escola Superior de Comunicação Social, 7 Nov. 2016 [Consult. 20 jan. 2023]. Disponível em WWW:<URL:<https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/6871>>.

MARTÍN, Montserrat Jurado - La sección Cultura hoy: De las descripciones teóricas a la

realidad práctica. Estudio de caso de medios impresos en España. **Observatorio (OBS*)**. . ISSN 1646-5954. 13:2 (2019) 142–166. doi: 10.15847/OBSOBS13220191393.

MOLINOS, Manuel; MARQUES, Nuno; FERREIRA, Paulo - Dez anos de jornalismo digital no Jornal de Notícias. **Comunicação e Sociedade**. . ISSN 1645-2089. 9:10 (2006) 141–146. doi: 10.17231/comsoc.9(2006).1162.

PIRES, Maria Laura Bettencourt - **Teorias da cultura** [Em linha]. 2. ed. Lisboa : Universidade Católica Portuguesa, 2006 [Consult. 25 jan. 2023]. Disponível em WWW:<URL:https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/34080>. ISBN 9789725401361.

PIZA, Daniel - **Jornalismo Cultural**. São Paulo : Editora Contexto, 2003

REININHO, Rui - O Vento de Amanhã. **Jornal de Notícias**. 2022).

RIBEIRO, Maria De Fátima Leite - **Reflexões sobre o jornalismo cultural : mudanças no modo de informar** [Em linha]. Braga : Universidade do Minho, 28 Jun. 2008 [Consult. 20 jan. 2023]. Disponível em WWW:<URL:https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9497>.

ROSSI, Clóvis - **O que é jornalismo**. [S.l.] : Brasiliense, 2017. ISBN 8511350896.

SANTOS, José Rui; HENRIQUES, Susana - **Inquérito por Questionário: contributos de conceção e utilização em contextos educativos**. Lisboa : [s.n.]. ISBN 9789726748960.

SILVA, Dora Santos - **Tendências do Jornalismo Cultural em Portugal** [Em linha]. Lisboa : [s.n.] [Consult. 20 jan. 2023]. Disponível em WWW:<URL:https://www.academia.edu/2448702/Tendências_do_Jornalismo_Cultural_em_Portugal>.

SILVA, Dora Santos; SILVA, Marisa Torres Da - Definições, tendências e marcas discursivas do jornalismo cultural. Em **A Cultura na Primeira Página. Uma década de jornalismo cultural em Portugal** [Em linha] [Consult. 20 jan. 2023]. Disponível em WWW:<URL:https://www.researchgate.net/publication/318041416_Definicoes_tendencias_e_marcas_discursivas_do_jornalismo_cultural>. p. 87–107.

SILVA, Joana Almeida - Marcelo Rebelo de Sousa elogia «coragem» do JN e pede

unidade para olhar o mar. **Jornal de Notícias**. 2022).

SIQUEIRA, Denise Da Costa Oliveira; SIQUEIRA, Euler David De - A cultura no jornalismo cultural. **LÍBERO**. . ISSN 2525-3166. 0:19 (2016) 107–116.

TEIXEIRA, Ana Jorge De Oliveira - **Retratos do Jornalismo Cultural do Jornal de Notícias** [Em linha]. Braga : Universidade do Minho, Nov. 2020 [Consult. 20 jan. 2023].

Disponível em

WWW:<URL:[https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/73696/1/Relatório estágio Ana Jorge de Oliveira Teixeira.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/73696/1/Relatório%20estágio%20Ana%20Jorge%20de%20Oliveira%20Teixeira.pdf)>.

TRAQUINA, Nelson - **O estudo do jornalismo no século XX** [Em linha]. São Leopoldo, Brasil : Unisinos, 2001 [Consult. 7 fev. 2023]. Disponível em

WWW:<URL:[https://www.academia.edu/6540377/NELSON_TRAQUINA_o_estudo_do _jornalismo_no_seculo_XX](https://www.academia.edu/6540377/NELSON_TRAQUINA_o_estudo_do_jornalismo_no_seculo_XX)>. ISBN 85-7431-071-9.

TULHA, Ana Sofia Pereira - **O jornalismo sentado e a dependência das agências: o caso da secção de Desporto do jornal PÚBLICO** [Em linha]. [S.l.] : Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Out. 2012 [Consult. 25 jan. 2023]. Disponível em WWW:<URL:<https://run.unl.pt/handle/10362/9391>>.

UNESCO - **DECLARAÇÃO UNIVERSAL SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL** [Em linha] [Consult. 20 jan. 2023]. Disponível em

WWW:<URL:<https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/decl-diversidadecultural.pdf>>.

Anexos

Anexo 1

Links dos artigos publicados no site do JN, durante a realização do estágio

- [Dois anos, oito fotógrafos: Kioskzine em exposição no Fórum da Maia](#)
- [Blink-182 estão de volta a Portugal em 2023](#)
- [Queen lançam canção perdida da década de 1980, na voz de Freddie Mercury](#)
- [Vem aí o primeiro festival de Rock à Moda do Porto](#)
- [Obra literária de Agustina eternizada em mural de arte urbana no Porto](#)
(Reportagem em vídeo)
- [Rolling Stones vão ter novo álbum de originais ao fim de 18 anos](#)
- [Mirror People apresenta o seu novo álbum esta quinta-feira](#)
- [Mural em homenagem a Agustina Bessa-Luís não deixa ninguém indiferente](#)
- [O passado fez-se presente, e bem vivo, no Rock à Moda do Porto](#)
- [Da Weasel: "Os concertos no Norte são sempre brutais"](#) (Reportagem em vídeo)
- [Da Weasel confirmados no Marés Vivas 2023](#)
- [World Press Photo está de regresso à Maia com seis regiões do mundo em exposição](#)
- [Claudio Savaget está em Portugal para apresentar o documentário "Max Stahl e os direitos humanos"](#)
- [Rita Vian "fecha um ciclo" na abertura do Misty Fest](#)
- [Uma nova "Cinderela" chega ao Coliseu do Porto](#)
- [O fim dos tempos segundo Joana Magalhães](#)
- [Angélica Salvi mostra o seu habitat com novo álbum](#)

- [Ricardo Araújo Pereira trouxe uma alegria contagiante ao Coliseu Porto](#)
- [Mário Lúcio: "Somos produtos da migração"](#)
- [Novidades até ao último dia numa Comic Con onde todos podem ser heróis](#)
(Reportagem em vídeo)
- [Comic Con: está de volta o festival que celebra a cultura popular](#)
- [Uma "cartografia poética do corpo" para ver em Serralves](#)
- [Desconectados apresentam "Liberdade Incondicional" ao vivo](#)
- [Zé Felipe pisa hoje o palco Super Bock Arena](#)
- [Dança contagiante de Zé Felipe enche o Super Bock Arena](#)
- ["Euphemismo" é o mais recente álbum dos L-Blues](#)
- [Cosplay no Comic Con 2022: "É uma massa gigante de cor e alegria"](#)
- [O legado da família Andresen numa só obra completa](#)
- [História dos músicos de rua do Porto chega aos cinemas](#)
- [Na maior edição de sempre, a Comic Con abre portas a quem quer ser herói](#)
(Reportagem em vídeo)
- [Discoveries é o novo festival de eletrónica e realiza-se já este sábado](#)
- [Kodamine no "maior festival de inverno": "Adoramos Portugal"](#)
- [Comic Con pela primeira vez com espaço dedicado aos influenciadores](#)
(Reportagem em vídeo)
- [Circo do Coliseu: tudo a postos para a grande festa](#)
- [Escultura, ilustração e pintura ao vivo na Comic Con](#) (Reportagem em vídeo)
- [Artistas emergentes e influenciadores digitais na Comic Con](#)
- [Questões de género levantadas no "mundo cosplay" da Comic Con](#)
- ["Genderbend" e "crossplay": novos conceitos presentes na Comic Con](#)
(Reportagem em vídeo)

- [Todos puderam vestir a capa de heróis na Comic Con](#)
- [81 anos do Coliseu do Porto celebrados com música e um novo prémio](#)
- [Remna: "Cada canção que crio é um ato de rebeldia"](#)
- [Circo do Coliseu: "Aqui somos uma família e o público faz parte dela"](#)
- [Espetáculos não param nem no dia de Natal](#)
- ["O meu caminho": um documentário encantador e mágico](#)
- [Orquestra Bamba Social passa mensagem de esperança com "Mundo Novo"](#)
- [Nena vem ao Porto para apresentar "Ao Fundo da Rua" na Casa da Música](#)
(Reportagem em vídeo)
- [Poesia completa de José Saramago reunida num volume](#)
- [Perve Galeria marca presença em mostra de arte parisiense](#)
- [Uma Frida Kahlo imersiva para ver em Lisboa](#)
- [Porto/Post/Doc: "É uma edição em que jogamos todas as cartas"](#) (exclusivo para assinantes e abertura do impresso)
- [Porto/Post/Doc "joga todas as cartas" na nona edição](#)
- ["Prémio Atores de Cinema" proporciona conversas informais entre jovens, atores e realizadores](#)
- [Neste Natal há mais espetáculos e mais comédia](#)
- [Uma "estreia regressada" de "Pátria", no Teatro Carlos Alberto](#)
- [A música sacra e de órgão ganham expressão com o regresso do festival FIOMS](#)
- [Djavan regressa aos palcos portugueses em junho](#)



Famílias e grupos de amigos estiveram em maioria nos visitantes da Comic Con Portugal



Todos puderam vestir a capa de heróis no regresso da Comic Con

Ambiente de entusiasmo marcou os quatro dias do evento, que encheu de cor o Parque das Nações, em Lisboa

Bruna Pereira
cultura@jn.pt

CONVENÇÃO Famílias e grupos de amigos estiveram em clara maioria entre os muitos milhares de visitantes que, nos últimos quatro dias, encheram o Parque das Nações e as suas imediações. Para celebrar as mais variadas áreas da cultura pop, foram programadas mais de uma centena de atividades, num total de 900 horas de eventos.

O segmento "O mundo do cosplay" não se limitou ao seu espaço. Foram muitos os visitantes que encarnaram a sua personagem favorita de cinema, anime ou televisão. Foi o caso dos amigos Vitória e Mauro, que construíram e vestiram o

seu fato cosplay para poderem fazer parte deste mundo de fantasia. "Para mim é o melhor evento do ano. Adoro a atmosfera", referiu a jovem, que, apesar de se deslocar à Comic Con pela quarta vez, considerou a atual edição "a melhor de todas".

Nas bancas da "banda de desenhada & literatura", no "geek market" e no "artists Alleys", os fãs vagueavam pelos corredores com um sorriso rasgado, acompanhando ao vivo os ilustradores, escultores e pintores, fazendo caricaturas, pedindo autógrafos e comprando figuras e objetos de personagens da cultura pop.

O casal Nuno e Daniela também viu no evento uma forma de "comprar objetos

que só se adquiriam online e a um preço mais razoável". O principal interesse estava nas t-shirts, posters, objetos de séries, principalmente as armas, a que Nuno chamou "fruto proibido". Daniela também encarnou uma personagem, com a qual procurou transmitir "uma mente aberta num ambiente acolhedor, onde se partilham gostos".

PRÓXIMA EDIÇÃO NA FORJA

A área de "gaming" foi uma das mais procuradas pelo público, que se aproximava para poder participar nos diversos torneios e competições de jogos a decorrer. Se ganhassem, no fim recebiam um prémio.

Já no "Creators hub" os fãs tiveram uma grande oportu-

nidade de conhecer, ao vivo, os seus influenciadores digitais preferidos, que até agora viam atrás de um telemóvel ou computador.

Por sua vez, o "Golden Theatre", o maior palco da Comic Con, encheu-se para receber personalidades do mundo da TV e do cinema. Os fãs puderam conhecer vários artistas e em cada uma das sessões a ânsia por fazer perguntas era visível.

O casal Paulo Batista e Maria do Rosário Sá trouxe os dois filhos à Comic Con pela primeira vez. Participante assíduo das primeiras edições, no Porto, Paulo decidiu vir conhecer o espaço em Lisboa, dando a conhecer aos filhos este mundo. "Gosto de me inteirar sobre a cultura pop", disse.

No final dos quatro dias, o CEO da Comic Con, Paulo Rocha Cardoso, contou que "as pessoas viveram o evento de forma incrível, com uma grande energia". "O universo da cultura pop materializou-se completamente", acrescentou o CEO, destacando que nunca tiveram tantos conteúdos e tão diversificados, abrangendo todo o tipo de público e mundos da cultura pop.

Quanto à próxima edição, "já está pensada há muito tempo", revelou o CEO. O objetivo é conseguir trazer os convidados que não foram possível trazer este ano e apostar nas áreas que tiveram um grande destaque, tais como "school of rock", "creators hub", "gaming" e "cosplay". ●



Kodamine regressam ao vivo: “Os fãs portugueses são especiais”

FOTO: ADELINO MEIRELES/ GLOBAL IMAGENS

Kodamine no “maior festival de inverno”. “Adoramos Portugal”

Authentica arranca hoje em Braga e dura dois dias com mais de 30 artistas, de De La Soul a James Bay e Rag’n’Bone Man

Bruna Pereira
cultura@jn.pt

AO VIVO Com várias passagens triunfantes por Portugal, os Kodamine, grupo “indie folk” irlandês, estão de volta e são cabeça de cartaz no “maior festival de inverno” – diz a organização – do país: o Authentica. A primeira edição é hoje e amanhã no Altice Fórum de Braga. O cartaz contempla mais de 30 artistas [ler ao lado].

“O entusiasmo pelo nosso regresso é enorme”, confessou o baterista dos Kodamine, Vinny May, ao JN, fazendo referência à digressão europeia em que o grupo está a apresentar o seu quinto álbum. “Sim, estamos muito excitados, mesmo, porque já não tocávamos há algum tempo. O que podem esperar de nós? Entrega to-

tal e espetáculos acústicos e muito bonitos”, diz Vinny.

O concerto desta noite em Braga será o último antes do Natal. A banda liderada pelo vocalista Steve Garrigan sabe que tem um grande grupo de fãs em Portugal: “É uma experiência emocional quando vais a um país e não tens quaisquer expectativas e assim, de repente, ultrapassam todas as expectativas possíveis”.

“Adoramos Portugal, os fãs portugueses são incríveis, são muito enérgicos, gostam de cantar conosco, estão sempre atentos”, diz.

DISCO ACÚSTICO EM BEST OF “Estamos extremamente gratos aos nossos fãs por nos colocarem nesta posição; passados dez anos, estamos ainda a lançar discos e a fa-

zer digressões por todo o Mundo”, diz-nos Vinny. O músico acrescenta que se lhe dissessem, quando era adolescente, que estaria a fazer disto vida, ele não acreditaria.

A banda irlandesa já conta com cinco álbuns e o último foi lançado em março, “Our roots run deep”, que regista o espetáculo ao vivo, no Teatro Olympia, em Dublin, em formato acústico, com um “best of” da banda.

“Todas estas 17 canções são acompanhadas por guitarra acústica e piano. É tudo mais simples, mais belo. Quisemos voltar às nossas raízes e é daqui que vem o nome do álbum”, explica Vinny. “Os nossos últimos quatro discos tiveram muita produção, muitas vozes, baterias, guitarras, e neste álbum mostramos

como as canções começaram, despojadas, despidas mas muito bonitas.”

“AMBIENTE FANTÁSTICO”

O disco captura a atmosfera “muito singular” do Teatro Olympia. Sendo a banda natural de Dublin, a gravação do disco foi especial. Vinny recorda que a primeira vez que visitou o teatro tinha cinco anos, estando acompanhado pelos pais e uma das irmãs. São várias as memórias que construiu lá. “É um local muito especial e fantástico, a atmosfera é muito boa porque a estrutura é a de um teatro e temos uma visão ampla de todo o público”, refere o baterista.

Os Kodamine já atuaram em locais de Dublin que levam 25 mil pessoas, enquanto o Teatro Olympia só tem capacidade para 1200.

Contudo, a banda sente que é um espaço “muito acolhedor” e “cheio de magia”.

Este foi o ponto de partida para algo maior. Mal foi possível, deram início a uma “acoustic tour”, uma digressão pela Europa que apresenta este novo álbum sem eletrificação. A passar por 29 cidades, os Kodamine iniciaram este caminho a 5 de outubro e terminaram-no a 23 de novembro. O JN apanhou-os na estrada, a quatro concertos de terminarem a tournée, numa noite em Estugarda, na Alemanha.

Vinny May confessa que “tudo corria muito bem” e “estava a ser muito divertido”. “É muito diferente de um concerto normal e a reação até agora, tem sido muito boa e incrível”. É isso que os fãs podem esperar hoje em Braga, no Authentica. ●

TOME NOTA

Organização espera 18 mil pessoas por dia

A primeira edição do “maior festival de inverno” em Portugal, o Authentica, pretende mudar mentalidades: “Os festivais não são só de verão”, diz Marco Polónio, diretor-geral da Malpevent, promotora do Authentica. “Os festivais, mais do que nunca, querem cultura o ano inteiro e, a partir de agora, Braga está finalmente na rota dos grandes Festivais”, diz. O cartaz contém mais de 30 artistas, incluindo Kodamine, Rag’n’Bone Man, James Bay, Luísa Sonza, Nothing But Thieves, Becky Hill, De La Soul, Rels B ou Mala Rodríguez. Mas também há estrelas nacionais: ProfJam, Dino D’Santiago, Mundo Segundo & Sam The Kid, Jimmy P, Chico da Tina. O festival conta com quatro palcos e prevê receber 18 mil festivaíreiros em cada dia, tendo já registado a venda de bilhetes em 15 países.

Anexo 4

Coliseu do Porto recebe nova Cinderela

Musical mantém história clássica com toques de modernidade

ESPETÁCULO A companhia Plateia d'Emoções traz de volta ao Coliseu do Porto, amanhã, às 17 horas, o musical infantil e família “Cinderela, o musical”.

Trata-se de uma peça baseada na versão espanhola, que mantém a essência da história clássica com uns toques de modernidade.

Fernando Tavares, produtor e encenador da peça, explicou ao JN que “a cenografia nem é moderna, nem antiga, nem rústica, nem clássica. Tentámos que não houvesse uma coisa muito marcada temporalmente”.

O produtor confessou também ser “o momento certo” para voltar com Cinderela, conseguindo encher o Coliseu, algo que inicialmente estava previsto só para meia sala. “É um orgulho e uma responsabilidade muito grande”, revela.

O espetáculo começa no dia de anos da Cinderela e conta com muita música, dança, brilho e magia. Além de “uma mensagem de esperança”, revela Filipa Pires, atriz que interpreta a protagonista, não faltarão surpresas, gargalhadas e interação com os mais novos, pretendendo “trazê-los para o nosso universo”, afirma Cátia Tavares, da produção. ● **BRUNA PEREIRA**



Musical baseia-se na versão espanhola

Anexo 5

Exposição DN recorda um dos mais antigos jornais nacionais

Além da primeira edição original do diário, a mostra inclui várias peças do espólio do JN



“DN Tesouro Nacional”, no Museu de Marinha, Lisboa

IMPRENSA A primeira edição original do “Diário de Notícias” (DN), saída em 1864, está patente na exposição “DN Tesouro Nacional”, desde o dia 17, no Museu de Marinha, em Lisboa.

“Nesta exposição, além dos objetos que acompanham determinadas notícias, destacam-se inigualáveis obras de arte, como a pintura de Pinto Coelho, com o retrato de José Saramago, diretor-adjunto do DN em 1975, e mais tarde colunista do jornal. Pinturas de Maluda, Bordalo Pinheiro, Júlio Pomar ou Stuart Carvalhais que fazem parte do espólio do DN”, lê-se no comunicado do Global Media Group, que detém o matutino, fundado em 1864 pelo jornalista e escritor Eduardo Coelho e o industrial tipográfico Tomás Quintino Antunes.

Além da primeira edição original do DN, a mostra inclui várias peças do espólio do “Jornal de Notícias” – o JN foi fundado em 1888 –, a secção “A Marinha vista pelo DN”, com “notícias, fotografias e artigos sobre o Museu de Marinha”. Entre elas, destaque para um espaço sobre a rainha Isabel II de Inglaterra, nomeadamente com as reportagens das duas visitas que fez a Portugal, em 1957 e 1985.

Há ainda uma secção dedicada ao desporto, “com um espaço especial sobre o futebol”, em que se destaca a vitória de Portugal no Campeonato Europeu de 2016, as vitórias do Benfica, em 1961, e do F.C. do Porto, em 1987, na Liga dos Campeões, bem como a do Sporting na Taça dos Vencedores das Taças, em 1964.

Noutras modalidades, como o ciclismo, está patente a bicicleta com que Joaquim Agostinho venceu por cinco vezes consecutivas a Volta a Portugal, e que foi cedida pelo Museu do Ciclismo Joaquim Agostinho, de Torres Vedras.

A exposição tem curadoria de Helena Ferro Gouveia, analista de assuntos internacionais e administradora do Global Media Group. Esta mostra “pretende devolver o espólio do ‘Diário de Notícias’ à sociedade” e está patente até 28 de fevereiro.

O arquivo do DN foi classificado como Tesouro Nacional, em julho, pelo Conselho de Ministros.

O decreto aprovado classifica o arquivo do jornal, abrangendo um arco temporal de 1864 a 2003, como “bem arquivístico de interesse nacional”, designação que é equiparada a Tesouro Nacional.●

Jornal de Notícias 24 de dezembro de 2022

Câmara convida Miguel Guedes para a presidência do Coliseu

“É um dos desafios mais bonitos que recebi”, diz artista. Mónica Guerreiro vai deixar o cargo após três anos

PORTO O músico, autor e intérprete Miguel Guedes foi convidado pela Câmara Municipal do Porto a assumir o cargo de presidente da Direção do Coliseu do Porto, espaço cultural que pretende “preservar” e “eternizar”, um local que é da cidade e das pessoas.

O artista nasceu no Porto em 1972 e é diretor da Gestão dos Direitos dos Artistas Intérpretes e Executantes (GDA). Desde 2014, também é colunista semanal no “Jornal de Notícias” e comentador de política no Porto Canal. No mesmo ano, foi agraciado com a medalha municipal de mérito da cidade do Porto, grau ouro.

Miguel Guedes, que é também vocalista da banda rock Blind Zero, afirmou que este é “um dos desafios mais bonitos” que lhe foram propostos e que, a concretizar-se, tentará “devolver à cidade e ao Coliseu uma pequena parte” do que lhe foi dado. “No Coliseu, tive oportunidade de me



Vocalista dos Blind Zero tem 50 anos

formar e, do ponto de vista simbólico e material, foi sempre um espaço de cultura da cidade que mais me marcou na infância e adolescência”, afirmou.

Mónica Guerreiro, a atual

presidente, deixa o cargo ao fim de três anos. Contudo, a nomeação terá ainda de ser deliberada em Assembleia Geral da Associação dos Amigos do Coliseu, que deverá ser convocada no início

do próximo ano, adiantou a Câmara do Porto.

Sem avançar muitos detalhes, Miguel Guedes tem grandes planos para o Coliseu do Porto, sendo que o mesmo tem de ser “um espaço referencial não só na cidade, como a nível nacional e europeu”.

Guedes quer também reforçar a sua ligação com a Invicta: “O passado do Coliseu é riquíssimo, histórico e de ligação umbilical à cidade do Porto e à Área Metropolitana do Porto. Nada me importa mais do que assegurar e reforçar o interesse público e a ligação do Coliseu às pessoas da cidade, com uma projeção nacional que o Coliseu deve ter”.

Um dos assuntos destacados pelo músico foi a necessidade de fazer obras num espaço com 81 anos. “É necessário olhar com todo o rigor, clareza e coragem porque o Coliseu precisa de obras urgentemente e ninguém pode desresponsabilizar-se dessa necessidade urgente”, defendeu. ●

Anexo 6

CULTURA 27

Fora de casa

por Bruna Pereira



CONCERTO SINFÔNICO

Viajar pelo mundo da Disney através das suas músicas

ANIMAÇÃO "Walt Disney in concert: Hollywood Symphony Orchestra" traz hoje, ao Coliseu de Lisboa, um grande espetáculo familiar. A partir das 17.30 horas, milhos e graúdos poderão reviver as músicas de diferentes clássicos da Disney, tais como "Aladino", "Fantasia", "Frozen", "O livro da selva" ou "O rei leão", entre muitos outros.

O concerto sinfónico pretende fazer o público viajar pelo mundo encantado, resgatar sonhos, emoções e fantasias provocadas por grandes momentos cinematográficos. Desta vez, será a Orquestra de Hollywood que recriará as canções de maior êxito - a orquestra americana é composta por 75 músicos, dedicando-se a interpretar obras clássicas, para além de entrar musicalmente em filmes de animação.

Desde as séries animadas e das obras do Rato Mickey que os estúdios da Walt Disney criam canções que não saem dos ouvidos de quem as escutou - "Hakuna Matata", "Quero ser como tu" ou "Com um pouco de açúcar", são alguns dos exemplos que marcaram a infância de cada um e acabam por ficar na memória eternamente.

COLISEU DE LISBOA
Rua das Portas de Santo Antão



CINEMA

Clássico português para ver no Porto

Catarina Ruivo é a realizadora por detrás da longa-metragem clássica "André Valente". O filme de 2003 é projetado hoje no Batalha Centro de Cinema, no Porto, às 19.15 horas. A história é centrada no pequeno André, que cresceu sem pai e assiste à tristeza da mãe. O rapaz solitário acaba por conhecer o vizinho Nikolai, um emigrante com o qual cria uma relação paternal.

BATALHA CENTRO CINEMA
Praça de Batalha, 47, Porto



TEATRO

Gondomar acolhe hoje marionetas

"Depois da chuva" é uma criação de raiz da companhia Teatro e Marionetas de Mandrágora, que terá a sua estreia hoje, às 16 horas, em Gondomar. A peça decorre numa "terra que era diferente e igual a muitas outras", onde as pessoas estavam sempre a olhar para cima com medo que o céu caísse. Este receio levou todos os habitantes a encarar a vida de forma diferente.

AUDITÓRIO DE GONDOMAR
Avenida 25 de Abril, 103

Anexo 7

~~~~ ENTREVISTA ~~~~

“Vai ser  
o fechar  
de um  
ciclo”

~~~~~  
Rita Vian

Artista



Depois de já ter pisado os palcos de grandes festivais, é agora convidada para o Misty Fest. Como recebeu este convite?

Fiquei muito contente. Para mim, estes dois concertos, no Porto e em Lisboa, fecham um ciclo. Este último ano e meio de apresentação do disco “Caos’a” teve muitas viagens e aprendizagem. Agora sinto que se fecha um momento muito importante e construtivo para que se abram portas para passos seguintes. Não deixa, contudo, de ser uma continuação do trabalho desenvolvido até aqui.

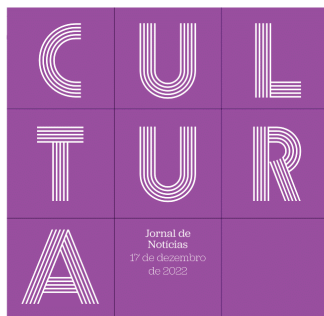
O que é que o público pode esperar do espetáculo?

Poderá esperar um concerto com uma grande entrega e consciência de que foi feito um percurso que se vai enchendo de cada vez mais mensagem, vontade de estar em palco e partilhar histórias com o público.

Destacou a importância que “Caos’a” teve no seu crescimento enquanto artista e mulher. Qual é a história por detrás deste álbum?

Enquanto escrevia o disco, trabalhava com o Branko, que, como produtor, acabou por criar um conforto que traduzia muito bem a mensagem de cada uma das canções. É um disco existencialista e biográfico, que traduz os meus pensamentos diários, tanto abrangentes como mais ligados ao amor e a temas mais íntimos e pessoais. ●

BRUNA PEREIRA



Neste Natal há mais espetáculos e mais comédia

Stand-up comedy ganha relevo na agenda das festas. Siga o roteiro do JN

Bruna Pereira
bruna.pereira@jn.pt

PROGRAMAÇÃO No primeiro ano completamente livre da pandemia e dos constrangimentos do confinamento, que fecharam muitas salas, os espetáculos da quadra natalícia de 2022 aumentaram muito em número e em diversidade, apurou o JN.

"Temos muitos compromissos de programação que não quisemos deixar cair", confirmou ao JN Mónica Guerreiro, presidente da Associação Amigos do Coliseu do Porto. A responsável acredita que a cultura está a acompanhar o turismo, ou seja, "já há mais visitantes em Portugal durante todo o ano e, havendo mais público, há mais produções".

Proporcional à quantidade é também o aumento em variedade, que leva aos palcos "génetos que não eram tão representativos", diz

Mónica Guerreiro. Exemplo claro são os espetáculos de stand-up comedy, aliados ao "fenómeno de estrelas de outras plataformas que dão o salto para os palcos".

Guilherme Duarte é um dos artistas que ilustram esse fenómeno. O humorista começou em 2014 com um blogue ("Por falar noutra coisa") e agora está em digressão pelo país com o seu terceiro espetáculo, "Limbo", que está sempre esgotado. O humorista nunca pensou que iria transformar-se numa coisa tão séria.

"Foi crescendo aos poucos" até se tornar na sua profissão. "Nesta quadra, assistimos a cada vez mais espetáculos especiais de comédia, como se pode ver", diz.

O JN preparou um roteiro daquilo que pode ver pelo país até final do ano e selecionou concertos, bailados, circo, filmes e programa especiais para as famílias até ao réveillon. ■



Quarenta sugestões para seguir no cartaz do Natal

ESPETÁCULOS PARA FAMÍLIAS

"O Feiticeiro de Oz no gelo"

MAR SHOPPING, MATOSINHOS
Miguel Cristovinho e Rita Redshoes são as personagens principais do espetáculo que estará em exibição até 8 de janeiro.

Circo Coliseu Porto

COLISEU DO PORTO
O tradicional circo do Coliseu está de volta e, até 8 de janeiro, há várias sessões programadas.

"A nova Cinderela no gelo"

CENTRO COMERCIAL ALFAGRO ALFAGRO
A Cinderela é interpretada por Carolina Deslandes e Irma. Estará em exibição até ao dia 8 de janeiro.

"Espelho meu: Musical"

SÁ DA BANDEIRA, PORTO
A Branca de Neve irá cantar e encantar neste espetáculo, com grandes cenários e efeitos especiais. Em cena até 18 de dezembro.

"Corcunda de Notre Dame"

CASINO ESTORIL, LISBOA
A peça de teatro musical está atualmente em cena e tem as suas últimas sessões hoje e amanhã.

Cirque du Soleil, "Crystal"

ALTICE ARENA, LISBOA
O Cirque du Soleil regressa a Portugal com a sua 42.ª criação. O espetáculo arranca no dia 22 e prolonga-se até 1 de janeiro de 2023.

"Luís de Matos: impossível ao vivo"

TEATRO TIVOLI, LISBOA: 20 a 30 de dezembro
TEATRO DAS FIGURAS, FARO: 4 a 8 de janeiro
COLISEU PORTO: 13 e 14 de janeiro.

Contos na Praça

PRAÇA DE NATAL, GAIA
A escritora Carina Novo é a convidada dos "Contos na Praça", levando consigo histórias para ler do dia 26 a 30 de dezembro.

STAND-UP COMEDY

"Quim Roscas e Zeca Estacionário"

CINEMA SANTARÉM
Hoje, às 21.30 horas, Pedro Alves e João Paulo Rodrigues sobem ao palco do grande auditório do Cinema Santarém.

"Vamos todos morrer no Natal"

TEATRO MARIA MATOS, LISBOA
A equipa do podcast "Vamos todos morrer" fez uma edição especial de Natal e atua ao vivo. Dia 21 de dezembro às 21 horas.

"PhooPÉ ESPECIAL DE NATAL"

SÁ DA BANDEIRA, PORTO
De 26 a 30 de dezembro, os comediantes Fernando Rocha, João Seabra, Hugo Sou-

sa e Miguel 7 Estacas, trazem mais noites de comédia dedicadas ao Natal.

"Limbo"

AUDITÓRIO ESPOSENDE
O espetáculo "Limbo" está a percorrer o país e chega dia 7 de janeiro, às 21.30 horas, a Esposende. Guilherme Duarte considera-o uma plataforma "com várias descidas ao inferno".

"Diogo", Luís Franco-Bastos

CENTRO DE ARTES DE ÁGUEDA
O comediante atua em stand-up, hoje, às 21.30 horas.

"Processo", Diogo Batúgas

ACADEMIA ALMADENSE
Hoje, às 21.30 horas, e amanhã, às 21 horas.

CONCERTOS

Nuno Lanhoso e os Quatro e Meia

PALÁCIO CRISTAL, PORTO
Hoje às 17 horas.

Mano a Mano

PRAÇA 8 MAIO, COIMBRA
A dupla constituída por André e Bruno Santos apresenta o seu disco de Natal, hoje e amanhã.

"Trégua de Natal"

IGREJA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, LISBOA
O concerto de Natal decorre hoje, às 17.30 horas.

"As canções dos operários de Natal", Fernando Tordo

CASINO ESTORIL
Hoje, às 22 horas.

Joana Almeirante

MUSEU DO CARRO ELÉTRICO, PORTO
Amanhã (18 de dezembro) às 18 horas.

Tiago Bettencourt com a Orquestra Clássica do Centro

CASA DA MÚSICA, PORTO
Amanhã, às 21 horas.

Coro sinfónico Inês de Castro & Coimbra Cantat

IGREJA DE SANTA CRUZ, COIMBRA
O concerto "Presépio vivo" decorre dia 23 de dezembro, às 19.30 horas.

JP Simões

COLISEU DO PORTO, SALA NOVO ÁTICO
O cantor atua no dia de Natal (25), às 18 horas.

Podia ser Natal: o último do ano dos UHF

CASA DA MÚSICA, PORTO
O grupo UHF termina a sua digressão nacional na Casa da Música, a 30 de dezembro, às 21 horas.

BAILADOS E DANÇA

"Margem", Victor Hugo Pontes

TEATRO DE VILA REAL
Hoje, às 21.30 horas.

"Christmas show", Bracara Teams

ALTICE FÓRUM BRAGA
21 de dezembro, às 20.30 horas.

"Quebra-Nozes"

EUROPARQUE: 23 de dezembro, 21.30 horas
ALTICE FÓRUM BRAGA: 26 de dezembro, 21 horas.
COLISEU DO PORTO:





22 de janeiro, às 18 horas.

“O lago dos cisnes”

ALTICE FÓRUM BRAGA: 27 de dezembro, 21 horas.
COLISEU DO PORTO: 29 de janeiro, 21 horas.

“A Bela Adormecida”

COLISEU DO PORTO
18 de janeiro às 21.30 horas.

“Bohème The Show”

CASINO DE ESPINHO
O novo espetáculo de cabaré decorre diariamente até 30 de dezembro.

CINEMA

“Supa Modo”

BATALHA CENTRO
DE CINEMA, PORTO
Especial de Natal e em família, dia 22 de dezembro às 15.15 horas.

“Avatar: O caminho da água”

EM MAIS DE 200 SALAS DE CINEMA DO PAÍS

“O Gato das Botas: O último desejo”

CINEMAS NOS

“Novas curtas portuguesas”

CINEMA FERNANDO LOPES, LISBOA
20 de dezembro às 21.30 horas

“Kicking the clouds”

BATALHA CENTRO
DE CINEMA, PORTO
12 de janeiro às 21.15 horas

PASSAGEM DE ANO

“Neopop presents X Happy Neo Year”

HARD CLUB PORTO
Abre portas às 00:30 de dia 1 de janeiro de 2023

“Lisboa New Years’s Edition: NeoPop X Fuse Records”

FIL, LISBOA
Abre portas às 22 horas de dia 31 de dezembro

Ano Novo no Porto

QUEIMÓDROMO
Atuações de Fernando Daniel (às 22.30), Diogo Piçarra (00.10) e Moullinex (o último a atuar).

Ano Novo em Lisboa

TERREIRO DO PAÇO
Atuações de Paulo Gonzo às 22.30 horas e depois da meia-noite atuam Bonga, Cuca Roseta, Samuel Úria, entre outros.

Baile do Ipiranga

COLISEU DO PORTO
“Virada do ano” ao som de músicas brasileiras. Abre portas às 23 horas.

1.
“Crystal”
do Cirque
du Soleil,
está na
Altice
Arena,
em Lisboa

2.
Guilherme
Duarte
está a
correr o
país com o
seu novo
número de
comédia
“Limbo”

3.
“O lago
dos cisnes”
passa por
Braga e
pelo Porto

4.
“Avatar:
O caminho
da água”,
de James
Cameron,
está em
200
cinemas
do país

Anexo 9

Orfélia: um pouco de samba, fado e psicadelismo

Duo luso-brasileiro apresenta disco de estreia "Tudo o que move" nos Maus Hábitos, no Porto

Bruna Peretira
cultura@jn.pt

MÚSICA É entre "a excitação do samba e a angústia do fado" que se encontra "Tudo o que move", o novo álbum da banda luso-brasileira Orfélia. A mesma irá apresentar o disco de estreia na sexta-feira, nos Maus Hábitos, no Porto. Os Orfélia - banda formada por Antera e Filipe Mattos - lançaram o seu primeiro álbum no fim deste ano e encontram-se a apresentá-lo pelo país fora. O primeiro concerto realizou-se em Lisboa e o segundo está marcado para o Porto, dia 6 de janeiro.

Este disco nasce numa ânsia de juntar géneros musicais de dois mundos diferentes: misturar os ritmos brasileiros, explorados por Filipe Mattos, natural do Brasil, com certas sonoridades portuguesas, conhecidas por Antera, natural de Portugal.

Antera explicou ao JN que tentaram dialogar com dois géneros, trazendo para a sua música "a excitação do samba e a angústia do fado". Mas, para isso, tiveram que juntar outra sonoridade - o psicadelismo une os géneros musicais e dá-lhes o sentido procurado.

"Ritmo, intensidade, emoção, presença, calma e festa", é esta mistura de

emoções que o público pode esperar nos Maus Hábitos. A artista revela que será a primeira vez no Porto e tem muita curiosidade de conhecer o seu público, tendo já ouvido falar muito bem deste.

Até agora a reação do público tem sido positiva, contudo a primeira impressão é de surpresa e estranheza: "Acho que saem de lá com uma nova experiência e um novo olhar sobre a música, porque é uma coisa diferente", revela Antera.

COMEÇO EM BERLIM

Antera e Filipe Mattos conheceram-se num palco em Berlim e daí nasceu a vontade de cantar e escrever música em língua portuguesa, abraçando as suas diferenças geográficas e musicais.

É fora dos seus países que dão início a este projeto próprio e original, testando várias sonoridades com músicos em Berlim: "Houve muitas sessões de "jam", experimentando vários instrumentos e indo em tentativa erro para chegar às harmonias, revela a artista.

Foi durante este caminho que encontraram a música psicadélica e viram uma forma de misturar géneros que não são assim tão compatíveis. Toda a experiência permitiu-lhes definir a "vibe e energia de Orfélia", afirma Antera. ●



Antera e Filipe Mattos

ENTREVISTA

“Nós somos produto da migração”

Mário Lúcio Gravado em Portugal, o novo disco do multifacetado artista cabo-verdiano é uma reflexão sobre a importância do intercâmbio cultural

POR
Bruna Pereira
bruna.pereira@jn.pt

Verdadeiro artista dos sete ofícios, com incursões pela música, literatura, teatro ou artes plásticas, Mário Lúcio regressa aos discos com “Migrants”, um elogio à riqueza cultural trazida pela migração e um alerta contra as limitações à livre circulação de pessoas.

Tem uma carreira longa e marcada de sucessos. Como se descobriu em tantas artes?

É aquele chamamento para partilharmos o que nós sentimos. Isso levou-me com o tempo a sentir o universo, as montanhas, o mar, as pessoas. É assim que às vezes começa com uma escrita, um poema, uma história, uma peça de teatro, um quadro, uma pintura e pode ser também uma canção. Há coisas que observo e sinto e imediatamente se tornam canção, que já vêm com a sua letra e a sua música e há outras que sinto que só contando, só escrevendo.

É também graduado em Direito e foi ministro da Cultura, em Cabo Verde, de 2011 a 2016. O que conseguiu implementar?

Foi uma época muito boa. A minha história está associada ao desenvolvimento do país onde nasci e fiz o meu percurso. Conseguimos lançar as bases para o desenvolvimento cultural do país, começando pela educação, ao criar o conservatório nacional, depois o ballet nacional, o teatro nacional. Na preservação, investimos numa galeria nacional de arte e numa coleção.

Tem um novo disco, “Migrants”. Qual foi a mensa-



Mário Lúcio já foi ministro da Cultura de Cabo Verde

gem ou história que tentou transmitir através deste álbum?

Basicamente, a minha colocação é que nós, os seres humanos, devemos a nossa grande diversidade de tipologia cultural às migrações. Considero que a maior epopeia da história humana foi a migração. Essa epopeia faz com que o Mundo hoje tenha negros, brancos, olhos azuis. São adaptações ao meio ambiente. Há que chamar à atenção que nós somos produto da migração, as nações são produtos de migrações. Lancei este disco para dizer que temos de ter muito cuidado, para não

“Temos de ter muito cuidado, para não transformar as nossas conquistas nos nossos maiores desastres”

“A epopeia que foi a migração faz com que o Mundo hoje tenha brancos, negros, olhos azuis...”

transformar as nossas conquistas nos nossos maiores desastres.

Este álbum diferencia-se, de alguma forma, dos outros nove no seu estilo musical?

Há uma coerência em todas as minhas músicas, mas este álbum é à parte. Nós utilizamos adufes, pandeireta, concertina, viola braguesa, bombos – instrumentos tipicamente portugueses estão presentes neste disco e a sonoridade é enorme, aquela profundidade sonora, a forma de tocar e a forma de “atacar” os tempos musicais.

É possível entender que tem uma grande ligação a Portugal e aos portugueses. O próprio videoclipe de “Migrants (Shakesperience)” conta com a contribuição de André Sousa e João Monteiro.

Tem muito a ver com encontros de cultura. O avô da minha mãe era português, como acontece com metade dos cabo-verdianos. Mas para além desse lado biológico e territorial, tenho tentado entender o Mundo como unidade holística, receber as pessoas como seres da minha espécie e sem os quais eu não posso viver.

Voltando à canção “Migrants (Shakesperience)”. Só a gravou ao fim de 14 anos. Porquê?

Primeiro porque é uma música muito intensa. Já vimos público a chorar, mas também a aplaudir e a gritar. Compus essa música, mas nunca consegui cantar ao vivo por causa dessa carga dramática que ela tem. Catorze anos foi o tempo necessário para ter forças e poder interpretá-la com o público. ●

8 de outubro de 2002 **Jornal de Notícias**

de **Bruno Pereira**

Fora de casa

TEATRO S. JOÃO
A guerra ressoa na violência sobre todas as mulheres

PORTO A companhia de teatro italiana Motus, depois de apresentar MDLSX, regressa a Portugal com "Tutto Brucia". Esta adaptação de "As troianas", de Eurípides, pode ser vista no Teatro S. João, com récita hoje às 19 horas.

Na obra de Eurípides vive-se um drama grego, retratando o que ocorre com as mulheres após o fim da guerra que faz cair Troia. As interpretações deste clássico pelos filósofos Jean-Paul Sartre, Judith Butler, Viveiros de Castro, Donna Haraway e da escritora NoViolet Bulawayo estão também presentes em "Tutto Brucia" e conferem ao texto uma visão mais atual.

A peça, com encenação de Daniela Nicolò e Enrico Casagrande, dá voz a essas mulheres, sendo elas Hécuba, Cassandra, Polixena e Andrômaca, que atravessaram o Mediterrâneo para serem exploradas e escravizadas sexualmente. O lamento e a brutalidade da guerra estão bem presentes nas várias cenas, para lá do sentimento de dor e violência retratado pelas troianas. Mas o principal foco está na forma como o luto é uma questão política e como só algumas vidas realmente importam – e não todas.

"TUTTO BRUCIA"
 Teatro Nacional S. João - Porto

EXPOSIÇÃO DE ARTE
 A arte do vitral em exposição

Os vitrais são designados "obras de luz", um tipo de pintura que nasceu na época do Renascimento. Estes podem ser vistos espalhados em locais emblemáticos do Porto e também no Museu do Vitral, onde estão expostas obras do Atelier Antunes, o mais antigo de Portugal. Desde vitrais tradicionais, a painéis decorativos, maquetes, esboços originais e um caleidoscópio de 400 cores.

MUSEU DO VITRAL
 Rua de D. Hugo, n.º 2 a 6, Porto

CONCERTO
 A estreia dos Hermanos Gutiérrez

A música uniu estes dois irmãos, Stephan e Alejandro, que cresceram entre a América Latina e a Europa Central. Duas culturas muito diferentes, o que lhes permitiu erguer uma banda de música instrumental com uma grande variedade de melodias, oferecendo ao público uma viagem pelo Mundo. Poderá assistir hoje ao concerto no "Maus Hábitos", pelas 21 horas.

HERMANOS GUTIÉRREZ
 Maus Hábitos - Porto

Anexo 12

Journal de Notícias 6 de outubro de 2002

TV



O FILME DE HOJE

A verdade nem sempre vem ao de cima

DRAMA A verdade é um valor prezado pela sociedade em que vivemos, mas também deve ser questionada. O jornalismo é uma das profissões que avalia a veracidade da informação e apresenta factos que comprovem o que está a comunicar, contudo é na mesma refutada e acusada como falsa.

O filme "Verdade" conta um caso real que ocorreu em 2004, envolvendo o jornalismo e a política. No momento em que a produtora Mary Mapes e a sua equipa de investigação lançam uma história denominada "Rathergate", no programa "60 minutos" da CBS, que denuncia que o presidente

George W. Bush não tinha cumprido serviço militar entre 1968 e 1974 e evitado a guerra do Vietname, começam a surgir, em blogues americanos, dúvidas quanto à autenticidade dos documentos expostos. Nos meses seguintes, um painel independente veio avaliar se foram cometidos erros durante a investigação, contudo Mapes e Rather acabaram por ser desacreditados e as suas carreiras ficaram arruinadas.

HOLLYWOOD / 02.55 H
"Verdade"
Cate Blanchett, Robert Redford
2015



DOCUMENTÁRIO

As consequências da grande seca na Europa

As mudanças climáticas estão a ser cada vez mais frequentes e graves e uma consequência delas é precisamente a grande seca que se vive na Europa. As ondas de calor são constantes, algo que está a secar os solos em muitas regiões, provocando graves consequências na agricultura e nas florestas, para além de afetar a qualidade de vida. Este documentário aborda a fundo o tema e tenta encontrar medidas que combatam a seca.

RTP1 / 13.00 H
"Drought in Europe - The homemade catastrophe"
2022



SÉRIE HISTÓRICA

Uma viagem completa pelos povos bárbaros

Os povos que não integravam o império romano acabaram por ser designados Bárbaros. Desde os francos, lombardos, visigodos, saxões, entre muitos mais que existiram nesta altura. Contudo, a história de cada um dos povos não é conhecida por todos, algo que acontece com o império Romano. O canal História traz assim uma nova série, em que cada episódio conta a história de um povo bárbaro, começando pelos Francos.

HISTÓRIA / 19.20 H
Os bárbaros II
2022

Anexo 13



Anexo 14

O FILME DE HOJE

Uma criança diferente das outras

DRAMA A síndrome de Treacher Collins é uma anomalia rara que provoca deformidades craniofaciais, obrigando a passar por várias cirurgias. O filme "Wonder - Encantador" veio dar voz a esta doença e retratar as suas questões sociais e institucionais.

Auggie Pullman (Jacob Tremblay), de dez anos, é a personagem principal do filme e é ele que irá demonstrar como é viver com aquela anomalia. Auggie tinha aulas em casa e era afastado de todo o Mundo exterior, mas a partir do quinto ano, os pais decidem matriculá-lo na Beecher Prep. O próprio Auggie não queria sair do con-

forto de casa, nem ter de lidar com outras pessoas que o poderiam olhar de forma diferente. No início, isso realmente aconteceu e não foi fácil, para o pequeno rapaz, conseguir fazer amigos, mas quando realmente o começam a conhecer tudo muda e Auggie sente-se, pela primeira vez, um menino como os outros.

Filme de Stephen Chbosky, conta no elenco com Julia Roberts, Mandy Patinkin e Owen Wilson.

CINEMUNDO/ 09.50 H

"Wonder - Encantador"

Jacob Tremblay, Julia Roberts

2017

ANIMAÇÃO

O caracol e a baleia viajam pelo Mundo

"O caracol à boleia na cauda da baleia" é uma série de animação baseada no livro de Julia Donaldson e ilustrado por Axel Scheffler. Os mais pequenos poderão assistir à história de uma amizade improvável entre um caracol do mar, que tem o sonho de viajar, e uma grande baleia, que se oferece para ajudar a concretizar esse sonho. É iniciada uma viagem por todos os oceanos, onde são vividas várias aventuras e um resgate heroico.

RTP2/ 11.55 H

"O caracol à boleia na cauda da baleia"

2019

SÉRIE

A violência infantil acontece em casa

"Mother" é uma série turca que chegou recentemente à televisão portuguesa depois de se ter revelado um grande sucesso em vários países. A série desenrola-se à volta de Zeynep, jovem professora substituta que, ao aperceber-se que uma das suas alunas de sete anos, Melek, é maltratada fisicamente e psicologicamente pela sua família, tenta salvá-la. Surge-lhe assim a oportunidade de criar uma nova relação de mãe e filha.

SIC MULHER/ 16.45 H

"Mother"

Cansu Dere, Beren Gökylidiz

2016

Anexo 15



Anexo 16



20 CULTURA

BRIEVES

"Last Christmas" pode ser apagada das plataformas digitais

MÚSICA O casal sueco Tomas Mazetti e Hannah criou um crowdfunding com o objetivo de angariar dinheiro para comprar os direitos do tema "Last Christmas", dos Wham. Os suecos querem impedir que este seja ouvido por mais alguém no Mundo – já reuniram mais de 58 mil euros, dos 22 milhões necessários para adquirir os direitos pertencentes a Warner Chappell Music UK.

Antologia portuguesa com poesia ucraniana em tempo de guerra

LITERATURA A antologia "Quando a primavera chegar" reúne dez poemas de autores ucranianos, escritos nos primeiros meses da guerra entre a Ucrânia e a Rússia. Os poemas, que circulavam livremente, foram traduzidos para português por dez poetas nacionais e estão disponíveis em formato digital na página oficial da Casa Fernando Pessoa.



Maria Bethânia atua em julho no festival Jardins do Marquês

AO VIVO A cantora brasileira Maria Bethânia é a primeira confirmação da terceira edição do festival Jardins do Marquês – Oeiras Valley. No dia 1 de julho a cantora apresentará o espetáculo "Fevereiroiros", que parte de um documentário (de Márcio Debellian) sobre a artista. Maria Bethânia vai-se fazer acompanhar dos músicos Rómulo Gomes, João Camarero, Lan Lahn, Paulo Dafilin, Marcelo Costa e Marcelo Calder.

Anexo 17



Anexo 18



MÚSICA

Uma verdadeira viagem pelo fado

O fado, património Cultural Imaterial da UNESCO, pode ser sentido hoje no “auditório” Fado na Baixa, na Rua de S. João. Poderá assistir a uma apresentação de fados de Coimbra e Lisboa, que permitirá percorrer a história do fado, terminando com uma homenagem a Amália Rodrigues. Durante as atuações, incluído no programa, há degustação de vinho do Porto e chocolate artesanal.

FADO NA BAIXA

R. de São João 78-136, Porto



FESTIVAL

A celebração da palavra pelas artes

A palavra é o principal propósito deste festival, que abraça diferentes artes e dá-lhes palco. De hoje a domingo, poderá assistir a conversas, leituras e espetáculos de nomes da literatura, poesia, jornalismo, fotografia e música, que estarão espalhados por vários espaços de Valongo. A rapper Capicua e o escritor Rodrigo Guedes de Carvalho são dois dos nomes em cartaz.

MANIFESTUM ARTE DE DIZER

Valongo

Anexo 19

TV

O FILME DO DIA
De piloto a herói! Ou será que não?

DRAMA Em 2009, o Mundo assistiu à amargem de emergência do avião Airbus A320, em pleno rio Hudson, nos EUA. Sully (interpretado por Tom Hanks), o piloto, foi o responsável desta ocorrência, que se demonstrou necessária devido à colisão de aves com o avião e à perda de potência de ambos os motores, conseguindo salvar a vida a 150 passageiros.

No entanto, Sully tanto foi visto como um herói para o público, como foi acusado de imprudência e negligência pela companhia aérea. O piloto teve de passar por uma grande investigação que escrutinou o caso e pôs em causa a

sua reputação e a sua carreira, fazendo-o duvidar de si mesmo. Laura Brown, a porta-voz da Administração Federal de Aviação dos Estados Unidos, chegou a colocar em causa que o avião não teria colidido com as aves, tal como o piloto afirmou ter acontecido. Esta história verdadeira foi convertida num filme realizado pelo cineasta premiado Clint Eastwood. E Tom Hanks brilha a alto nível ao dar vida ao afável comandante Sully.

FOX/ 05-55 H
"Milagre no rio Hudson"
Aaron Eckhart, Tom Hanks
2016

SÉRIE DOCUMENTAL
O exército infantil de Adolf Hitler

É durante o regime nazi, na década de 1930, que na Alemanha é criada a Juventude Hitleriana, com o objetivo de tornar as crianças e os jovens em soldados ao comando de Hitler. Esta série, dividida em dois episódios, relata o modo como este exército infantil surgiu, com a doutrinação da ideologia nazi antes do início da Segunda Guerra Mundial, e como o mesmo passou a defender a sua nação até ao dia da derrota final.

NATIONAL GEOGRAPHIC/ 00-30 H
"Juventude Hitleriana"
2018

ANIMAÇÃO
Aprender sobre o meio ambiente com o Blinky

"As aventuras de Blinky Bill" é uma série animada australiana, baseada nos livros de Dorothy Wall. Blinky Bill é um pequeno coala, que durante uma visita de estudo ao mato se perde. É a partir desse momento que ele e o seu amigo Jacko embarcam em várias aventuras em que tentam proteger o meio ambiente da aldeia onde vivem, Greenpatch. Os mais novos podem assim aprender mais sobre a proteção da Natureza.

RTP2/ 09-50 H
"Blinky Bill"
2016

//RTP1
06.30 h
Portugal
Passa da
13.00 h
tudo 14
novos d
Anos
17.30 h
em dire
O preço
10.00 h
11.00 h
factos 1
quinto
no 22.1
d'Amal
Chega
00.45
de cast
ridos e
novas

//RTP1
07.00
zag 01
Bill 12
dade
A fé d
15.31
ros 12
16.01
os co
17.01
zag 2
pont
sar o
Jorn
Um
cast
Qua
17 a
e co
01.4

Anexo 20

CULTURA 36

Uma década que dá força a Salazar, fruto da Guerra Fria

A vida portuguesa nos anos 50 relatada no 6.^o volume da coleção "Portugal no século XX"



A COLEÇÃO

"Os anos 50" é mais um volume da coleção "Portugal no século XX", de César Santos Silva, que estará à venda a partir de amanhã por 6,50 euros, na compra do seu JN.

A obra retrata uma década em que o Mundo se encontra dividido devido à Guerra Fria, mas que, de certa forma, deu vantagem ao regime português. A sua ditadura e a espanhola são aceites pela América, para que o comunismo não avance mais para o Ocidente. É desta forma que internacionalmente Portugal consegue ganhar o seu lugar com a adesão à NATO.

As colónias africanas continuam a prosperar, sendo cada vez mais desenvolvidas, construindo liceus, avançando na indústria. Também é nesta década que começam a ser designadas províncias ultramarinas.

O AUTOR



César Santos Silva, um historiador

provincias ultramarinas.

Quanto à economia, enquanto a Europa Ocidental verifica um grande crescimento, conjuntamente com a evolução da tecnologia e da produtividade, Portugal não evolui tão rapidamente – Salazar preferia o crescimento lento. A sociedade é considerada externamente como muito pobre, desnutrida e analfabeta.

Mesmo assim, a qualidade de vida melhorou razoavelmente para os portugueses, o que não evitou que as taxas de emigração continuassem a aumentar.

do Porto

César Santos Silva, autor de "Portugal no século XX", é investigador, formador e professor de História do Porto, de Portugal Contemporâneo e do Mundo em várias instituições. Consultor histórico, publicou, entre outras obras, "Toponímia feminina portuense" (2011), "Passeios pelo Porto" (2012 e 2013), "Na rota dos judeus no Porto" (2014), "Na rota de Camilo no Porto" (2017) ou "António, o outro Salazar" (2019).

Anexo 21

8 de outubro de 2022 Jornal de Notícias

Fora de casa ■ Bruna Pereira



EXPOSIÇÃO

Dois anos, oito fotografos, 24 imagens para ver

FOTOGRAFIA A revista "Kioskzine" celebra dois anos com uma exposição no Fórum da Maia que irá contar com fotografias da sua publicação trimestral, envolvendo oito fotógrafos. Chama-se "Kioskzone" e a inauguração é hoje, às 18 horas – às 17 horas, há uma mesa-redonda. Com apoio da Câmara da Maia, o projeto estará exposto no Fórum até 20 de novembro. A entrada é livre.

"Documentar, contar e questionar": são estes os verbos que levaram ao nascimento da revista "Kioskzine" e à primeira edição em outubro de 2020, pelas mãos do fotógrafo José Fari-

nha e dos fotojornalistas premiados Daniel Rodrigues e Paulo Pimenta – além dos fundadores, participam ainda Pauliana Valente Pimentel, Manuel Roberto, João Pina, Rita Carmo e Ana Brigida. O projeto pretende dar espaço a grandes trabalhos fotográficos e aos seus autores.

"Kioskzone" incide sobre os dois anos da publicação e as suas seis edições, o que leva à exposição de 24 fotografias, três de cada um dos fotógrafos participantes. Pode ser visitada de terça a domingo, das 10 às 22 horas.

FÓRUM DA MAIA
Rua Eng. Duarte Pacheco



CONCERTO

Sam The Kid com grande espetáculo

Um dos artistas mais proeminentes do hip-hop nacional, Sam The Kid, atua hoje, às 21 horas, na Super Bock Arena, acompanhado pelos Orelha Negra e uma orquestra de 24 elementos dirigida pelo maestro Pedro Moreira. Depois do grande concerto no Campo Pequeno, são grandes as expectativas para hoje à noite, com promessa de reviver os antigos sucessos e conhecer os novos.

SUPER BOCK ARENA
R. de Dom Manuel II, Porto



TEATRO

Monchique e Rueff juntos em palco

É na peça de teatro "Lar doce lar" que os atores Joaquim Monchique e Maria Rueff atuam juntos pela primeira vez. Interpretando múltiplas personagens, os artistas trazem ao público uma história muito cômica entre duas idosas que partilham um quarto numa residência e entram numa competição para decidir quem fica com o quarto particular, que acabou de vagar...

TEATRO SÁ DA BANDEIRA
R. de Sá da Bandeira 108, Porto

Anexo 22

Cultura : Página 38 Tv P. X



Artigo (4811525) - Imagem 4c00badb1949fda799d3a
99.243mm x 70.161mm

O FILME DE HOJE

“Mulherzinhas” numa versão moderna

ROMANCE O romance clássico “Mulherzinhas”, de Louisa May Alcott, já teve várias adaptações ao cinema, mas nenhuma é tão moderna quanto esta. A história original mantém-se, desenrolando-se à volta de quatro irmãs, Meg, Jo, Beth e Amy March, que estão a passar por uma fase de amadurecimento, na qual irão encontrar vários obstáculos e lutar para alcançar os seus maiores sonhos na vida adulta. Apesar de terem personalidades muito distintas, as irmãs são sempre unidas e enfrentam todos os desafios juntas. Esta versão de Clare Niederpruem traz-nos uma nova geração, passado 150 anos do lançamento do clássico original, que consegue dar mais ênfase à essência do filme, isto é, independentemente dos obstáculos, a mulher pode ser o que ela desejar ser. Esta mensagem é transmitida pela mãe, que apoia as suas filhas em tudo o que elas desejarem fazer.

Para além de um romance, encontrará também neste filme fogachos de comédia e ao mesmo tempo de melodrama.

HOLLYWOOD/ 09.00 H

“Mulherzinhas”

Sarah Davenport, Allie Jennings

2018



Artigo (4811525) - Imagem 10112022.tif (10112022)
47.613mm x 33.467mm

BALLET

O bailado continua a correr o Mundo

“O quebra-nozes” é um bailado clássico que ninguém deve perder na época natalícia. Ainda não chegamos lá, mas a RTP2 já vai transmitir a versão de Peter Wright, considerada uma das mais mágicas e belas para assistir em família. Este bailado é apresentado pela companhia The Australian Ballet, em que não poderia deixar de ser acompanhado pela famosa música de Tchaikovsky, aqui interpretada pela Orquestra da Vitória.

RTP2/ 22.00 H

“O quebra-nozes”

2009



SÉRIE

Uma grande tragédia que leva a revelações

Anova série da RTP2 “Alice aos papéis” começa com uma tragédia, a morte de Harry, marido de Alice, deixando também a filha Charlotte. Alice é a personagem central que luta com a dor, ao mesmo tempo que descobre segredos, dividas e outro tipo de problemas guardados na nova casa projetada pelo marido antes de morrer. São seis episódios de descobertas, sendo hoje transmitido o segundo, em que Alice organiza o funeral.

RTP2/ 20.40 H

“Alice aos papéis”

Keeley Hawes, Isabella Pappas

2021

Anexo 23

FRATURA

ra a infelicidade m "Revolver"

do jornalista Sérgio Almeida
negrinho com paródia

Após edição de narrativas
em prosa, autor estreia-se
agora em registo poético

como Norberto Hélder, Ma-
nuel de Barros ou Charles
Buckwold.

Tudo isto é necessário num
Mundo em que as divindades
são suspeitas, mais preocupa-
das com a "caspa" e outros
problemas capilares; em que
tudo o que é salvífico é devi-
doso, de possílitos da EIRD
aos ativistas ambientais. "al-
mas sensíveis a todo o sofri-
mento, exceto o humano"; até
o lirismo parece apenas um
engodo. "O teu rosto liquefei-
to em nenúfares/ aspergido
em jasmim/ e centrifugado
pelo luar/ não deve ser lá mu-
to bonito de se ver". E a úni-
ca certeza são "as quatro tá-
buas que nos irão emoldurar
(e adoeçar) o corpo pelo res-
to da vida fora".

Mas há ainda tempo para
"revolver". Ainda que seja
kirsch, "havemos de experi-
mentar passear à beira-rio um
dia destes/ cegos de azul, va-
mos trocar inconfidências".

Há ainda "o verso luminoso
que te aguarda na última pági-
na do último livro situado na
última prateleira da tua últi-
ma biblioteca". E essa espe-
rança derradeira: "Existe algu-
mas em ti/ mesmo que pareça
ausente/ a voz que te irá ar-
rançar/ do silêncio sem
nome".

O negrume de "Revolver" é
sempre sabotado pela paródia
ou pela luz que emana das coi-
sas vilíssimas desta vida.

"Revolver"
Sérgio Almeida
Editora:
Quero & Paz
PREÇO:
11,90 EUROS

Fora de casa

ESPECTÁCULO VIRTUAL
**Uma experiência imersiva
na história da cidade Invicta**

Nas fúrnas da Alfân-
dega do Porto é possível ago-
ra conhecer um pouco mais
sobre a história e cultura da
cidade Invicta.

O Ateliê O Cuborecorreu à
ajuda de Joel Cleto, historia-
dor e autor do livro "Lendas
do Porto", e Nuno Maya,
que coordena a direção ar-
tística, para oferecer ao pú-
blico uma viagem pelo pas-
sado repleta de magia. É
possível viver uma experi-
ência imersiva e sensorial
através de uma sessão de vi-
deo mapping marcada por
animações gráficas, efeitos
visuais e sonoros, para além
de atores que integram com
toda a narrativa.

Poderá contar também

com a narração em portu-
guês de Pedro Abrunhosa,
ou em inglês de Jeremy
Irons, um ator britânico já
galardoado com um Oscar.

O espetáculo terá a dura-
ção de 45 minutos e divide-
se em 10 lendas, tantos
quantos os locais emblemá-
ticos da cidade do Porto,
como "O tesouro da serra do
Pilar" e o "Cerco do Porto e
o seu dragão"; como de per-
sonagens históricas, entre
elas o "Zé do Telhado" e
"Pedro Cem".

Poderá viver esta experi-
ência hoje numa das 4 ses-
sões disponíveis.

ANFÂNDEGA DO PORTO
R. Nova da Alfândega, Porto

TEATRO
**A magia do teatro
pelos mais novos**

A peça "Truz, truz, truz, já
tens o teu capuz?" atrai os
mais novos, bebés até aos 5
anos, para terem a sua pri-
meira interação com o teatro.
A Companhia Teatro a Qua-
tro promete a continuação da
história clássica da Capuchi-
nho Vermelho, envolvendo
a capuchinho, a avó e Maria.
A peça está em exibição hoje
em duas sessões, às 11 e às
15.30 horas.

TEATRO CONSTANTINO
NERY
Av. Serpa Pinto, Matosinhos

CINEMATOGRAFIA
**Uma sessão de
cinema no Rivoli**

O Teatro Rivoli proporciona
sessões de cinema diárias,
onde poderá assistir esta
quarta-feira ao filme "Res-
tos do vento", às 18.30 e
21.45 horas. Esta longa-me-
tragem com Albano Jeróni-
mo é a mais recente de Tia-
go Guedes. A história desen-
rola-se numa aldeia de Por-
tugal, onde um ritual de
passagem de um grupo de
jovens ocorrido há 25 anos
instala uma nova tragédia.

TEATRO RIVOLI
R. do Bonjardim, 143, Porto

Anexo 24

CULTURA 33

Fora de casa

POR Bruna Pereira



WORKSHOP

Explorar a criatividade vocal com Manuel Linhares

VOZ “Círculo da voz”: é como se chama o laboratório de improvisação e criatividade vocal, fundado, em 2017, pelo cantor de jazz Manuel Linhares. Com uma grande bagagem internacional, tendo estudado com referências musicais – como Meredith Monk –, Linhares tem recentemente enveredado pelo mundo da composição, improvisação e ensino.

É assim que surge o workshop dedicado à prática da voz, com o objetivo de que a “expressão vocal espontânea” do participante leve não só à melhoria do canto e da capacidade musical, mas também à improvisação e

criatividade. Durante as sessões são utilizados vários exercícios de canto e improvisação a ser testados em grupo, para desenvolvimento da voz neste contexto.

O laboratório é direcionado não só a cantores profissionais, mas também amadores, para além de atores, bailarinos e qualquer pessoa que goste de cantar e esteja interessada em explorar artisticamente a sua voz.

A componente terapêutica do canto é um dos motivos que leva hoje os interessados ao Coliseu, às 19 horas.

COLISEU DO PORTO
R. de Passos Manuel 137, Porto



TEATRO
Fernando Pessoa de volta no teatro

“Não sei o que amanhã trará”: foi a última frase escrita por Fernando Pessoa antes de morrer, mas também é o título da mais recente peça de teatro encenada por Raul Constante Pereira. Com a pretensão de retratar um dos maiores poetas portugueses, como um humano que sente, sonha e vive, enfrentando os maiores desafios e adversidades. Em cena hoje às 10.30 horas e 15 horas.

CONSTANTINO NERY
Av. Serpa Pinto, Matosinhos



BIENAL DE ARTE TÊXTIL
Contextile regressa com a arte têxtil

A bienal de arte têxtil contemporânea Contextile está de volta, celebrando, depois de dez anos, a sua sexta edição. Guimarães volta a ser a cidade de acolhimento de um evento que conta com vários espaços culturais e áreas públicas, além de exposições de arte têxtil, “têxtil talks” e workshops, com artistas e indústrias nacionais e internacionais.

GUIMARÃES

Anexo 25



“Poesia completa” de José Saramago reunida num volume

LITERATURA Os três livros de poesia escritos por José Saramago foram reunidos num volume, intitulado “Poesia completa”, editado pela Assírio & Alvim. No posfácio à obra, o crítico literário Fernando J. B. Martinho assinala que na poesia do Nobel da Literatura é possível encontrar “a confluência de muitas das ‘conquistas expressivas do modernismo’”. À venda a partir do dia 20, o livro já se encontra em pré-venda.

Anexo 26

TV



O FILME DE HOJE

A idealização da robótica para o futuro

AÇÃO "Chappie" dá nome ao filme e à sua personagem principal, um robô criado por inteligência artificial, que se torna o primeiro a ter a capacidade de pensar e sentir, sem que tenha de ser programado para isso.

A história desenvolve-se em Joanesburgo, África do Sul, num contexto futurístico, em que as forças policiais criam um exército de robôs para defender interesses governamentais. Entre eles está o controlo do crime na cidade, patrulhando as ruas, o que vem demonstrar que, sendo robôs sem sentimentos, acabam por tomar decisões agressivas, que não lhes

permitem entender a população e as injustiças pelas quais esta passa. É neste panorama que Chappie é roubado, com o objetivo de ser utilizado como arma contra os restantes robôs. Ele é reprogramado e consegue assim ter habilidades que os restantes não têm a capacidade de aprender.

Contudo, as forças de policiais, estando a par de Chappie, acabam por declará-lo uma ameaça que deverá ser eliminada.

AXN MOVIES/ 19.10 H

"Chappie"

Shartlo Copley, Dev Patel
2015



DOCUMENTÁRIO

A realidade por detrás da fama e do dinheiro

A vida pública das celebridades nem sempre é o que parece. O documentário "Fama e miséria" explora as vidas pessoais destas celebridades, os dramas das suas carreiras e os escândalos financeiros. Para além de falar de todos os seus percursos em vida, também relata o que foi descoberto depois das suas mortes, o que provoca grandes problemas familiares. Tom Petty é uma das celebridades deste documentário.

SIC CARAS/ 20.15 H

"Fama e miséria"

2020



ANIMAÇÃO

Pinóquio está de volta com novas aventuras

O famoso "Pinóquio", um conto infantil de Carlo Collodi, que já teve adaptações ao cinema – tão conhecidas por várias gerações – surge agora em série. É nesta que Pinóquio irá viver várias aventuras com os melhores amigos, outros brinquedos que ganham vida, como a boneca pirata Freeda e o Grilo Falante. O seu sonho continua a ser tornar-se um menino de verdade, seguindo os conselhos da fada de cabelo turquesa.

PANDA/ 13.45 H

"Pinóquio e os seus amigos"

2022

Anexo 27

11 de maio
por Bruna Pereira

Fora de casa



CONCERTO
Alta voltagem nórdica
passa pelo Porto e Lisboa

DEATH METAL Em digressão pela Europa – intitulada “Worship european tour 2022” – a banda de death metal Hypocrisy atua esta semana em Portugal, assegurando dois concertos para os seus seguidores.

O primeiro está agendado já para hoje, às 19.30 horas, enquanto o segundo será amanhã no Lisboa ao Vivo, à mesma hora.

A banda sueca, liderada por Peter Tägtgren, já conta com 30 anos de história, uma dúzia de álbuns e centenas de concertos. Têm milhares de fãs espalhados pelo Mundo, que acompanharam os discos lendários “Abducted” e “Virus”.

Este ano regressaram aos palcos com uma grande digressão que abrange 17 países e 37 cidades. Conhecidos por um estilo de música pesado, letras obscuras e versáteis vozes, os Hypocrisy prometem relembrar a discografia mais antiga, mas principalmente dar a conhecer o novo álbum denominado “Worship”.

A acompanhar os cabeças de cartaz estão mais três bandas: os veteranos de metal Septicflesh, que estão de volta a Portugal como convidados especiais, e os The Agonist e Horizon Ignited.

HARD CLUB PORTO
Praça do Infante D. Henrique



CONCERTO
A música liga-se
à arte da poesia

É no festival literário Folio que poderá assistir hoje, às 18.30 horas, ao concerto dos Navio dos Loucos, que traz poemas de Cláudia R. Sampaio e José Anjos, acompanhados por João Morais – O Gajo – na viola campaniça e Carlos Barreto no contrabaixo. Trazem uma perspetiva diferente, de ligar à poesia a música, mas não tendo o objetivo de a tornar uma canção.

JARDIM DO SOLAR DA
PRAÇA DE SANTA MARIA



TEATRO DE MARIONETAS
As marionetas no
mundo da lua

“Luna Park” é o nome da nova peça da companhia Tarumba, que está de volta ao Festival Internacional de Marionetas do Porto. Luna Park é também o mundo da lua onde vivem o lunático e a lunática, as personagens principais da história, que descobrem este parque de diversões, oculto numa das faces da Lua, onde podem ser aluados à vontade. Para ver hoje, às 21 horas.

TEATRO CAMPO ALEGRE
Ruas das Estrelas, 43, Porto

Anexo 28

CULTURA
Festival de Notícias
28 de outubro
p. 30



Reininho, Tóli e Romão, dos GNR, fazem o cortejo "visita técnica" à Super Bock Arena

Vem aí o primeiro festival de Rock à Moda do Porto

Cinco bandas numa só noite: Super Bock Arena recebe GNR, Pluto, Clã, Zen e Três Tristes Tigres no dia 22

Bruna Pereira
bruna.pereira@jn.pt

MÚSICA Rock à Moda do Porto é o novo festival de um só dia, com atuação consecutiva de cinco bandas históricas da Invicta, na Super Bock Arena. O programa inclui GNR, Clã, Três Tristes Tigres, Zen e Pluto; abre às 19.30 horas e fecha já perto da 1 hora da manhã (ver cartaz ao lado).

Os três GNR, Rui Reininho, Tóli e Jorge Romão, que antecederam efetivamente uma "visita técnica" ao local do espetáculo, não hesi-

taram em aceitar o convite para atuar no novo festival.

"É algo diferente e muito interessante ter bandas da zona Norte, do Porto, a atuar juntas, principalmente num evento dedicado à música portuguesa e ao rock", disse ao JN o vocalista Rui Reininho. O músico admite que os grandes festivais em Portugal não se direcionam para essa vertente, acabando por priorizar artistas estrangeiros, por isso saíam o novo festival.

"O conceito Rock à Moda do Porto é algo que se vivia e sentia na cidade sobretudo nas décadas de 80 e 90, quando por aqui surgiram grandes bandas de rock", em que Reininho recorda Ornatos Violeta, Clã ou Zen, que também fazem parte do cartaz.

Tóli vai mais longe e vê no festival "uma oportunidade para que o rock se volte a

sentir como antigamente", acreditando que este novo evento se possa repetir em 2023 - "mas, evidentemente, com outras bandas".

MUDAR E CRESCER
A celebrar agora 41 anos de carreira, os GNR admitem que, passado tanto tempo, a banda já não é a mesma; adaptou-se à realidade do presente. "Não nos agarramos nada ao passado, vamos sempre evoluindo", diz Reininho. Tóli acrescenta: "Eu já não toco os mesmos instrumentos, agora passo pela bateria, guitarra, teclas e acordeão".

Como tudo, também o público cresceu e as canções da banda de rock mais célebre do Porto continuam a passar de geração em geração - o mesmo se aplica ao cartaz do festival, que pretende juntar pais, filhos, netos e até bisnetos.

Com uma referência óbvia às tripas à moda do Porto, o responsável pela organização do evento, Marco Veloso, expõe as intenções: "O festival pretende reavivar na memória dos portugueses as grandes bandas de rock que foram e são ainda muito acarinhadas pela cidade que as viu nascer".

MUITO ROCK E QUE MAIS?
A organização considera ter obtido "um cartaz de luxo" e é "com grande orgulho" que o apresenta. Marco Veloso aposta em "casa cheia", considerando que "o Norte recebe muito bem os espetáculos, principalmente os que enaltecem a sua cultura e os seus costumes".

Para lá disso, os dois anos de confinamento sem concertos ao vivo, levaram a que o público esteja "mais ávido de espetáculos", admite Marco Veloso. Os bi-

lihetes já estão à venda e os preços variam entre os 20 e os 35 euros, conforme a localização.

Está prometida "uma grande noite". Os Clã devem tocar temas do novo álbum, "Véspera", e os Três Tristes Tigres vão reeditar canções antigas como "O mundo a meus pés" e "A tona". Zen e Pluto farão também exercícios de memória: os primeiros reeditarão "The privilege of making the wrong choice"; e os segundos vão tocar temas do primeiro e único disco, "Bom dia" (2004).

Os GNR revelaram ao JN que não vão faltar os grandes êxitos, como "Dunas", "Efetivamente" ou "Pronúncia do Norte" - "e o resto decide-se em cima do palco", brinca Rui Reininho.

Com abertura de portas às 19 horas, o público poderá assistir a um concerto de cerca de uma hora de cada uma das bandas em cartaz.

CARTAZ

TRÊS TRISTES TIGRES:
19.30 horas
CLÃ: 20.45 horas
GNR: 22.15 horas
ZEN: 23.45 horas
PLUTO: 00.45 horas

Marco Veloso
Organização

"O festival pretende reavivar na memória dos portugueses as grandes bandas de rock que foram e são muito acarinhadas pela cidade"

Guerra da Secessão dos EUA na pena de Júlio Verne

"Norte contra Sul" está à venda amanhã por 5,95 euros na compra do seu JN



"Norte contra Sul" é mais um volume da coleção de Júlio Verne que estará à venda a partir de amanhã por 5,95 euros, na compra do "Jornal de Notícias".

Júlio Verne pretende retratar nesta obra o início de uma guerra longa e sangrenta, a Guerra da Secessão, que opôs o Norte, que defende a libertação dos escravos, contra o Sul, que quer manter a escravatura.

É no Sul dos Estados Unidos, em Jacksonville, na Florida, e em plena Guerra de Secessão (1862), que se desenrola toda a ação deste livro. James Burbank, simpático do exército nortista, é possuidor de uma plantação na Florida, onde trabalham vários negros livremente, tendo os mesmos sido exonerados da condição de escravos. Contudo, Texar, o seu grande adversário, pretende vingar-se de certos problemas legais que aquele lhe causou, incitando os habitantes da cidade, que não vêm com bom olhos a libertação dos escravos, a queimar a sua plantação de Camdless Bay.

Está a instaurar-se um clima de terror, em que Texar pretende destruir Burbank e a sua família. Entretanto, o exército nortista marcha em direção ao Sul, o que dá alguma esperança ao proprietário da plantação, que espera por eles em Jacksonville. Mas a guerra está à porta e não há como evitá-la.

A COLEÇÃO

- VIAGEM AO CENTRO DA TERRA 3 DE SETEMBRO
- A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS 10 DE SETEMBRO
- MIGUEL STROGOFF 17 DE SETEMBRO
- OS INGLESES NO POLO NORTE 24 DE SETEMBRO
- O DESERTO DE GELO 1 DE OUTUBRO
- CINCO SEMANAS EM BALÃO 8 DE OUTUBRO
- NORTE CONTRA SUL 15 DE OUTUBRO**
- O DOUTOR OX 22 DE OUTUBRO
- TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES 29 DE OUTUBRO
- A ESTRELA DO SUL 5 DE NOVEMBRO
- AS ÍNDIAS NEGRAS 12 DE NOVEMBRO
- UMA CIDADE FLUTUANTE 19 DE NOVEMBRO
- DA TERRA À LUA 26 DE NOVEMBRO
- 20.000 LÉGUAS SUBMARINAS 3 DE DEZEMBRO

JÚLIO VERNE



O "inventor" da literatura científica

O gosto pelas aventuras manifestou-se cedo na vida de Júlio Verne (1828-1905), pese embora o seu pai ter procurado combater esse lado sonhador, ao inscrevê-lo no curso de Direito. Apesar de tudo, a paixão pela literatura e pelo teatro levou a melhor. Com apenas 20 anos, começou a publicar os primeiros textos, muito longe de imaginar que esse seria o seu genial modo de vida.

Anexo 30

CULTURA 37

Fora de casa

por Bruna Pereira



CONCERTO

Moullinex vai transformar Coliseu numa pista de dança

CLUBBING Luís Clara Gomes, mais conhecido por Moullinex, apresenta hoje, às 22 horas, o "Discodrama", um espetáculo que irá transformar o Coliseu de Lisboa numa autêntica pista de dança ao longo de mais de cinco horas.

O produtor, DJ e multi-instrumentista tem desenvolvido o seu projeto à volta de vários géneros musicais – eletrónica, house e disco. Elogios ao seu trabalho não faltam, tanto do público que se torna fã, como da própria crítica.

"Discodrama" é um espetáculo dividido em três atos. No primeiro, o público poderá ouvir vários temas do seu disco de estreia, "Flora", que celebra 10 anos. O álbum junta música disco dos anos 70, pop de 80 e um pouco de R&B. Também haverá convidados especiais.

Já no segundo ato, poderá esperar-se uma viagem que liga a ciência à pista de dança, recaído no mais recente álbum "Requiem for empathy". Em linhas mais eletrónicas, também contará com convidados, nomeadamente Sara Tavares.

No último ato, Moullinex escolhe um formato de DJ Set, no qual fará um tributo à amizade na música.

COLISEU DOS RECREIOS
Rua das Portas de Santo Antão



LANÇAMENTO

A poesia de João Rasteiro num livro

"Ofício Poesia: 2000-2020" é a nova obra de João Rasteiro, publicada pela Porto Editora, que junta os seus poemas escritos entre 2000 e 2020. Poderá estar presente na sessão de lançamento do livro, hoje, às 16 horas, na livraria Exclamação. Será apresentado pela professora Isabel Ponce de Leão e contará com algumas leituras do poeta Aureliano Costa e a investigadora Maria Bochicchi.

LIVRARIA EXCLAMAÇÃO
Rua Aníbal Cunha, 263, Porto



OFICINA INFANTIL

O dia em que os arquitetos somos nós

O dia em que uma criança pode ser um arquiteto chegou. Às 11 horas, os mais novos poderão participar na atividade gratuita da Casa do Infante. Depois de explorarem a maquete interativa do Porto Medieval, poderão usar diferentes materiais para desenhar vários edifícios da cidade, pondo à prova a sua criatividade. No fim, cada criança levará um pedaço da cidade desenhada.

CASA MUSEU DO INFANTE
Rua da Alfândega, 10, Porto

Anexo 31



Anexo 33

Jornal de Notícias 12 de outubro de 2022

TV



O FILME DE HOJE

A verdade que abalou o Mundo

DRAMA A equipa de jornalistas de investigação do jornal norte-americano "Boston Globe", designada Spotlight, recebe um caso muito controverso de alegados abusos sexuais por parte de padres da Igreja Católica a crianças da comunidade religiosa.

O filme retrata todo o processo de investigação, desde a fase em que descobrem que o número de abusos sexuais era bem maior do que se esperava, envolvendo o mais alto nível das instituições religiosas e políticas.

É possível também assistir a todo o processo de entrevistas às vítimas e sentir as dificuldades

que os jornalistas ultrapassaram, devido ao grande sigilo mantido pela Igreja Católica, além do sentimento de justiça que os jornalistas não conseguiram deixar de ter por ajudarem à descoberta do caso.

O lançamento da investigação chegou a estar em risco devido a várias pressões externas e até internas. Acabou, contudo, por ser um sucesso que correu o Mundo e ajudou a que mais vítimas falassem sobre o seu caso.

AMC/ 15.45 H

"O caso Spotlight"

Mark Ruffalo, Michael Keaton

2015



DOCUMENTÁRIO

Uma oportunidade de viver fora da Terra

Ainda há pouco tempo assistimos à primeira viagem ao espaço em contexto turístico. A vida fora da Terra é cada vez mais uma possibilidade, com vários setores a verem oportunidades, como o turismo, a medicina, a indústria e a exploração mineira. Este documentário revela o que tem vindo a acontecer fora da terra e quais as grandes evoluções que se preveem para um futuro cada vez mais interplanetário.

ODISSEIA/ 11.55 H

"Homem multiplanetário: viver fora da terra"

2022



ANIMAÇÃO

Madagáscar de volta com o rei Juliano

Uma das personagens mais cómicas dos filmes Madagáscar, o rei Juliano, ganha uma nova série de animação que promete divertir os mais novos. Tal como o nome indica, é o rei da selva de Madagáscar, onde viverá várias aventuras ao lado do ajudante Maurice e o seu eterno devoto Mort. Promete muita festa para que possa celebrar e dançar, já que das responsabilidades ele foge, deliberando estas aos seus súbditos.

TVI/ 06.05 H

"Viva o rei Juliano"

2014

CULTURA 27

Fora de casa

por Bruna Pereira

FESTIVAL CULTURAL

27 espetáculos em quatro municípios e nove locais

DIVERSIDADE Tempos Cruzados é o novo festival da zona Norte que pretende privilegiar espaços com algum significado histórico, incluindo eventos que abrangem as mais diversificadas áreas artísticas e culturais. Desde artes visuais, a teatro, dança clássica e contemporânea, artes circenses, música (fado, clássica, jazz, pop/rock, hip-hop) e cinema, o programa permite escolhas para todas as faixas etárias. Teve início a 6 de outubro e prolonga-se até 20 de dezembro.

Os eventos têm lugar no Palácio dos Carrancas, onde está sediado o Museu Nacional Soares dos Reis, no

Porto. O próximo será no dia 24 de novembro às 19.30 horas, com um concerto da banda Ibertrio.

Contudo, também não faltarão espetáculos em Chaves, Caminha e Vila Nova de Gaia. Já esta sexta-feira, poderá assistir em Chaves ao concerto da cantora Aurea, pelas 21.30 horas. Em Caminha, dia 5 de novembro, haverá sessões de cinema para os mais novos, com a transmissão do filme "Lightyear". Em Gaia, poderá assistir ao concerto de Cuca Roseta, dia 24 de novembro, às 21.30 horas.

VÁRIOS LOCAIS

Porto, Gaia, Chaves, Caminha

CONCERTO

Novo disco de Mirror People

"Heartbeats etc." é o novo álbum de Mirror People (alter ego do músico Rui Maia), lançado no dia 29 de setembro. É apresentado hoje, às 21 horas, no Musicbox em Lisboa. Na mesma linha seguida pelo artista - a música de dança e disco aliada à eletrónica e house - surgem singles como "Reckless" e "No other truth", que tiveram a parceria de "Rô" (Mariana do Rosário).

MUSICBOX LISBOA

R. Nova do Carvalho, 24

TEATRO MUSICAL

A mulher negra e as classes no Brasil

Entre as celebrações dos 200 anos da independência do Brasil, surge a peça de teatro musical "Gota d'Água [Preta]" dirigida por Jé Oliveira. O diretor faz uma releitura da obra de Chico Buarque e Paulo Pontes em 1975, trazendo para o palco um elenco predominantemente negro e a realidade da mulher negra e da luta de classes. Hoje, às 20 horas, no Coliseu do Porto.

COLISEU DO PORTO

R. de Passos Manuel, 137

Anexo 35

CULTURA 23

Fora de casa

por Bruno Pereira



TEATRO
Três peças para estimular o espírito crítico dos mais novos

PORTO "Teatro Portátil - São horas de já" é uma peça de teatro para os mais novos, que inclui três espetáculos seguidos de conversas informais com os atores Catarina Rêlo Salgueiro e Vasco Batista. Os bens utilizados em cada uma das representações são portáteis, "viajem connosco para todo o lado", revelam os atores. Poderá assistir a esta peça hoje, às 11 horas, no Teatro Carlos Alberto, no Porto.

No âmbito do protocolo entre a Fundação Centro Cultural de Belém e o Teatro Nacional São João e com curadoria do CCB/Fábrica das Artes, esta peça recorre

às obras de Lewis Carroll, mais especificamente a "Alice no país das maravilhas" e "Alice do outro lado do espelho". Pretende cruzar a criação artística na infância com a filosofia, ao levantar várias questões que desafiam regras: "Quem é o tempo? Porque é que uma flor é uma flor?".

O mundo de Alice é cheio de imaginação e de perguntas, o que o torna o conto ideal para o objetivo deste teatro. Aliam-se também jogos de palavras, rimas e confronto de ideias, para um público diferente.

TEATRO CARLOS ALBERTO
Rua das Oliveiras, Porto



MESA-REDONDA
As leituras de Agustina

No mês de celebração do centenário de Agustina Besa-Luís, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organiza em parceria com a Câmara do Porto o ciclo "Agustina Leitora. Leituras de Agustina". Hoje, às 19 horas, começa a primeira sessão - "Agustina Leitora", nos paços do concelho. Participantes: Isabel Ponce de Leão, Maria de Fátima Marinho e Mónica Figueiredo.



TEATRO
Uma comédia de mal-entendidos

"Trair e coçar é só começar" é a nova peça de teatro que conta com um elenco de renome: José Raposo, Carlos Areia, Matilde Breyner, Rui Unas, entre outros. Uma comédia baseada nas confusões causadas pela empregada Palmira (José Raposo), que leva os seus patrões a achar que estão a ser traídos. Este divertido caos estreia-se hoje às 21 horas e prolonga-se até 29 de janeiro.

ÁTRIO DA C.M. PORTO
R. Clube dos Fenianos, 5, Porto

CASINO DE LISBOA
Alameda dos Oceanos

CULTURA 37

Fora de casa

por Bruna Pereira

TEATRO

A história de quem não é "Ninguém", mas alguém será

MONÓLOGO "Ninguém" é o primeiro monólogo do ator António Capelo, em 45 anos de carreira. Uma peça tanto biográfica como representativa da carreira e condição de outros atores de diferentes épocas, dando-lhes voz às inquietações na via artística.

O ator e também diretor do Teatro do Bolhão estará com "Ninguém" em palco até 28 de novembro, podendo assistir hoje à sessão das 21.30 horas.

O texto de Zeferino Mota pretende retratar a condição atual e conturbada do teatro e da sua profissão como arte de ilusões – como esta é vista aos olhos

do público, os estereótipos que são criados, a resistência a um espaço que combate "a indiferença e o fanatismo". Num Mundo onde todos querem ser "alguém", muitos atores morreram como "ninguém".

O espetáculo é acompanhado por um jornal, onde Capelo destaca referências e colagens para fazer reviver atores históricos portugueses como Lucinda Simões e Chaby Pinheiro, e também atores internacionais como Marlon Brando. A banda sonora é de autoria do músico brasileiro André Abujamra.

TEATRO DO BOLHÃO
Rua Formosa, 342, Porto

CONCERTO

Time For T tocam novo álbum ao vivo

"Hurry up and wait" é o novo álbum da banda nómada e multicultural Time for T, lançado no dia 14. Hoje vão apresentá-lo ao vivo em Lagos, às 22 horas. Um disco que combina uma base instrumental coletiva e mais frenética com um trabalho mais introspetivo e sonhador. Estão incluídos no novo disco os singles já conhecidos "Boxing gloves" e "Sun on my back".

CENTRO CULTURAL BARÃO
Lagos

ESPETÁCULO

A dança viaja pela obra de Saramago

No âmbito das comemorações do centenário de José Saramago surge um espetáculo de dança contemporânea que promete reviver a obra do escritor, na sua perspetiva mais humanizada. De criação e interpretação dos bailarinos São Castro e António M Cabrita, este espetáculo decorre às 21.30 horas, no Real Edifício de Mafra – local que integra o imaginário da obra de Saramago.

ESCOLA DAS ARMAS
Rua Canal, 6, Mafra

Anexo 37



Anexo 38

Filme sobre Leonard Cohen abre Porto/Post/Doc

Festival documental
volta a 16 de novembro

CINEMA Com quatro competições, dois ciclos temáticos e mais de 12 secções, num total de 115 filmes e inúmeras atividades, o Porto/Post/Doc regressa entre os dias 16 e 26 de novembro. O melhor do que se faz em cinema documental vai estar em foco no Cinema Passos Manuel, Cinema da Trindade, Maus Hábitos, Casa Comum da Reitoria, Café Ceuta, Planetário do Porto e Auditório Ilídio Pinto.

A versão online, que marcou as últimas edições do festival, deixa de existir, pretendendo "que as pessoas troquem o sofá pandémico pelas salas", revela o diretor do festival, Dário Oliveira.

Todas as atividades são assim abertas ao público, com bilhetes a cinco euros por sessão. Os mesmos são sujeitos a descontos para estudantes, maiores de 65 anos ou detentores do Tripas e Cartão Porto. O passe do festival custa 50 euros, também sujeito a desconto de 50% para os sujeitos supramencionados.

UMA ESTREIA NACIONAL

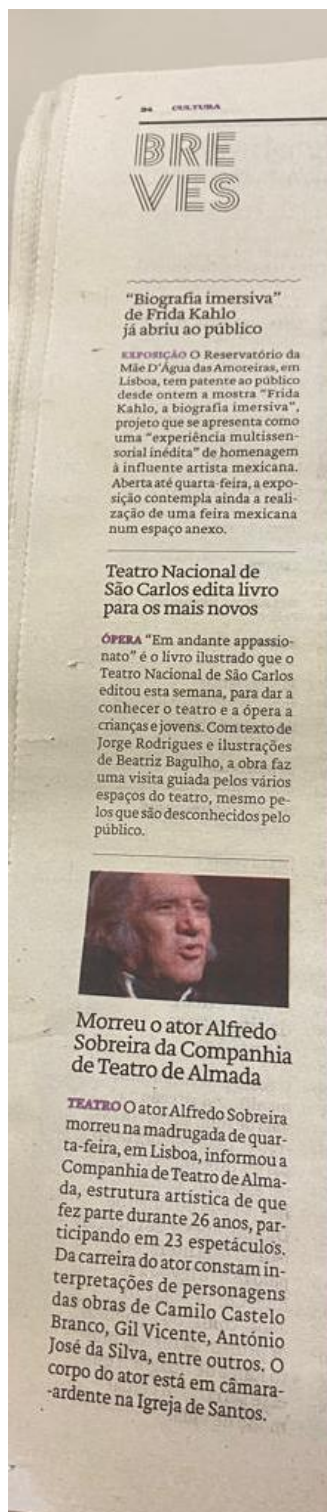
No início do festival, será exibido em estreia nacional o filme "Hallelujah: Leonard Cohen, a journey, a song", de Daniel Geller e Dayna Golfine.

"Gira à volta de uma figura extremamente universal, Leonard Cohen, focando-se numa das músicas mais conhecidas, 'Hallelujah' e no seu percurso artístico e musical", explicou Dário Oliveira durante a conferência de imprensa de apresentação do programa.

A exibição do documentário está marcada para o Coliseu do Porto e os bilhetes já estão à venda. O filme integra a competição "Transmission" do festival, dedicada a documentários sobre diversidade musical. ●

BRUNA PEREIRA

Anexo 39



Anexo 40

28 de outubro de 2022 Jornal de Notícias

por Bruna Pereira

Fora de casa



EXPOSIÇÃO
As imagens mais marcantes do ano expostas na Maia

FOTOGRAFIA A World Press Photo já atribuiu os prémios de fotografia, que fizeram parte da 65.ª edição. Pela 23.ª vez consecutiva, o Fórum da Maia recebe a sua exposição até 20 de novembro. A inauguração decorre hoje, pelas 18.30 horas, no mesmo local.

A mostra de fotografias encontra-se dividida entre seis regiões do Mundo, sendo elas África, Ásia, Europa, América do Norte e Central, América do Sul e Sudeste Asiático e Oceânia.

A exposição está agrupada em quatro categorias baseadas no formato: Fotografia do Ano da World Press Photo, Formato Aberto, Prémio

Projeto de Fundo e Fotografia Individual.

Com uma pretensão de mostrar o que aconteceu de mais relevante no Mundo, em 2021, a exposição motiva uma reflexão sobre a atualidade e atenção aos desafios globais que a Humanidade enfrenta.

A fotografia do ano foi entregue a Amber Bracken do "The New York Times", com a fotografia "Kamloops Residential School". Uma homenagem a crianças indígenas, que morreram num instituto de reconversão.

FÓRUM DA MAIA
R. Eng. Duarte Pacheco 131



EXPOSIÇÃO
Uma homenagem a Chico Buarque

"Quem te viu, quem te vê" é uma exposição de 30 caricaturas, selecionadas do concurso brasileiro homónimo. Homenageando o cantor brasileiro Chico Buarque, os desenhos foram selecionados pelo desenhista Cássio Loredano, pelo jornalista Bruno Liberati e pelo ilustrador Eduardo Baptista. É possível visitar a exposição até domingo.

CINETEATRO ANTÓNIO LAMOSO
R. Prof. Egas Moniz
Santa Maria da Feira



INFANTIL
Um Halloween assustador e mágico

Para celebrar o Halloween, o Mar Shopping não quer deixar os mais pequenos de fora. Até 1 de novembro, o Espaço de Restauração irá ter várias atividades que ligam a ciência ao terror e à magia, sempre de forma divertida. Crianças dos três aos 12 anos poderão também aprender truques de magia com o mestre mago, das 15 às 21 horas.

MAR SHOPPING MATOSINHOS
Avenida Dr. Óscar Lopes
Leça da Palmeira

Anexo 41

O FILME DE HOJE
Amor entre uma mulher e um anfibio

DRAMA Envolvendo fantasia, drama e aventura, o filme "A forma da água" é sobretudo um romance entre uma mulher e uma criatura anfibia capturada na América do Sul.

A narrativa decorre em 1960, com Elisa Esposito, uma rapariga muda que trabalha como funcionária de limpeza num laboratório de investigações ultrassecreto em Baltimore, nos EUA. É nesse local que conhece a criatura aquática, que é mantida em cativeiro e usada em testes laboratoriais. Com o passar dos dias, Elisa ensina-o a comunicar com linguagem gestual e acaba por se apaixonar. Quando o

laboratório decide usá-lo como cobaia num programa espacial, Elisa planeia uma fuga e terá a ajuda dos seus amigos, Zelda e Giles.

A realização, do cineasta Guillermo del Toro, recebeu uma crítica muito positiva e vários prémios, entre eles o Leão de Ouro no Festival de Cinema de Veneza, dois Globos de Ouro nas categorias de Melhor Filme e Banda Sonora e quatro Óscares. A não perder.

CANAL HOLLYWOOD / 02.25H
"A forma da água"
Sally Hawkins, Michael Shannon
2017

DOCUMENTÁRIO
A escuridão necessária nas grandes cidades

Nos últimos anos, a poluição luminosa tem sido uma grande preocupação nas cidades. Várias iniciativas têm surgido, sendo uma delas desligar a iluminação pública em horários noturnos. A pandemia, que levou a um desaceleramento das atividades económicas, ajudou a que as cidades se tornassem menos cintilantes. Os resultados já são visíveis sobretudo na fauna, sendo os animais menos afetados pela menor luminosidade.

ODISSEIA/ 08.09H
"Regresso ao mundo selvagem"
2021

PROGRAMA LITERÁRIO
Um clube de leitura na televisão

"Ah, a literatura" é um programa dedicado a grandes obras escritas. Apesar de já ter tido o seu fim em 2011, é possível rever os episódios com Catarina Marques e Pedro Vieira. Com um desejo de recriar um clube de leitura, o programa desconstrói os livros que traz em cada episódio, contando sempre com um convidado ligado ao mundo literário. Entre eles estão Mário Zambujal, João Tordo, Alice Vieira, entre outros.

CANAL Q/ 08.49H
"Ah, a literatura!"
Catarina Marques, Pedro Vieira
2011

Anexo 42

Journal de Notícias 21 de outubro de 2022

BREVES

Construção do cavaquinho é património cultural

INVENTÁRIO A Direção-Geral do Património Cultural revelou ter inscrito os "saberes e práticas tradicionais de construção do cavaquinho" no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. Entre 2014 e 2016 foi desenvolvida uma investigação, que veio comprovar ser "uma atividade de caráter artesanal" de ligação "com as práticas musicais" tradicionais.

Márcia lança novo álbum e apresenta-o ao vivo em dezembro

LANÇAMENTO "Picos e vales" é o quinto álbum da cantora e compositora Márcia, que inclui temas como "Já passou da hora", "Flor e a fava" e "Meu amor bem sabes". O novo disco, editado em abril, será apresentado dia 7 de dezembro, no teatro Tivoli, em Lisboa. Márcia estreou-se com o EP "A pele que há em mim" (2009), e em 2010 lançou o primeiro álbum "Dá".



Agnes Nunes está de volta a Portugal com mais quatro concertos

MÚSICA A cantora brasileira Agnes Nunes regressa a Portugal na primavera de 2023 e os bilhetes já estão à venda. O primeiro concerto é dia 22 de março, no Teatro Maria Matos, em Lisboa. A artista rumará ao Porto no dia 24 de março, para atuar na Casa da Música. No dia 25, é a vez de Coimbra, no auditório do Conservatório, e o último destino será Braga, a 1 de abril. Poderá contar com música popular brasileira, forró e blues.

SUGESTÕES

PALCO

Brincar com objetos de trazer por casa

"Coisas", a nova peça do Teatro de Marionetas do Porto, estreia-se amanhã



Micaela Soares e Vitor Gomes animam formas

Por Bruna Pereira
Jornalista

Criada a partir de um conto de Júlio Vanzeler, a peça "Coisas" é a nova proposta do Teatro de Marionetas do Porto.

O nome desvenda muito do que se vê durante o espetáculo: muitas coisas. São vários os objetos espalhados no cenário, desaparecendo uns e surgindo outros. Micaela Soares e Vitor Gomes interpretam duas crianças que se encontram num quarto de brincar, cheio de objetos, com os quais vão criar histórias.

Bolas, sapatos, flautas, um regador, chapéu de crocodilo ou casinhas, são exemplos de "coisas" utilizadas durante a peça e que ao mesmo tempo acabam por ser guardadas em caixas espalhadas pelo quarto.

São vários os caixotes que ganham vida própria, mas só um é que não aceita a sua função de arrumar e organizar. Não está feliz com a sua natureza e, ao longo da peça, vai querer ser um jardim, uma mala que é uma memória, uma menina num corpo que é um gabinete de curiosidades, uma máquina fotográfica.

Micaela Soares, atriz que interpreta uma das crianças, refere que é uma caixa que se as-

semelha às pessoas: "Nem sempre estamos contentes com o que fazemos ou com o que temos e queremos mudar. A caixa é especial por isso. Ela sugere mudança", explica.

Com a pretensão de mostrar às crianças um mundo mais analógico, "Coisas" resgata as brincadeiras criadas a partir da própria imaginação, utilizando qualquer objeto e dando-lhe vida. Os mais novos, que vivem agora rodeados pela tecnologia, são lembrados de que a sua criatividade é infinita e que tudo é possível.

Com estreia marcada para amanhã no Teatro Municipal Constantino Nery, em Matosinhos, a peça de teatro irá manter-se em cena até dia 15, contando com visitas de escolas.

Promete arrancar gargalhadas e ao mesmo tempo levantar "questões e situações da vida", tanto entre os mais novos, como nos adultos, que acabam por se relacionar. Os atores confessam que o objetivo estaria cumprido "se uma criança chegasse a casa, depois do espetáculo, e fosse brincar, porque tem algo igual em casa".

"Coisas"

TEATRO DE MARIONETAS DO PORTO

TEATRO CONSTANTINO NERY

CONCERTOS
Fado v... da Mai...

FADO Duran... nhã, o Fóru... ter noites de... ciativa "O... rum".

Com entr... tório vai re... tistas - Isa... Bandeirín... e Carla Tel... patrimóni... manidade

Hoje, às... Isa de Ca... co para c... sical qu... sente d... mento... natura... tro ver... Fado, distir...

Porto/Post/Doc: "é uma edição em que jogamos todas as cartas"

O festival de cinema regressa para a sua nona edição, a partir de amanhã e até dia 26, com a aposta na neurodiversidade

Bruna Pereira
bruna.pereira@ip.pt

CINEMA O festival Porto/Post/Doc apresenta a partir de amanhã e durante 11 dias um programa que passará por oito locais da cidade - Cinema Trindade, Casa Comum, Maus Hábitos, Planetário, Café Ceuta, auditório Ilídio Pinho, Coliseu e Passos Manuel. "É uma edição em que jogamos todas as cartas", assume o diretor do Porto/Post/Doc, Dario Oliveira, ainda inseguro sobre o que acontecerá. A versão online, que marcou as últimas edições do festival, deixa de existir, pretendendo que "as pessoas troquem o sofá pandémico pelas salas", revela o diretor. Todos os anos, o Porto/Post/Doc aposta num tema, esta edição centra-se na neurodiversidade, uma "condição socio-

lógica", que olha para variações genéticas como "características que devem ser respeitadas como qualquer outra diferença". Irão ser partilhadas cinco histórias, em filmes, de "como viver, ultrapassar ou ser consumida pela doença", afirma Dario Oliveira.

115 FILMES NO PROGRAMA

A programação conta com um total de 115 filmes e inúmeras atividades, dedicados a estudantes, famílias e público infantojuvenil. Estão previstas quatro competições, dois ciclos temáticos, o "Fórum do Real", com palestras e debates em torno de cinema documental e mais de 12 secções.

Dentro das competições, está presente a "Transmission", que conta com sete documentários sobre música e movimentos culturais. A competição internacional,

a principal do festival, integra oito longas-metragens, documental e ficção.

Já a competição Cinema Falado foca-se na produção de língua portuguesa e pretende divulgar o idioma em "toda a sua diversidade". Por fim, a competição Cinema Novo expõe 12 trabalhos de jovens artistas, em que muitos estarão a fazer o seu primeiro filme.

Entre os ciclos temáticos destaca-se o "Nós a revolução", dedicado ao cinema húngaro dos anos 60.

Já o ciclo "Tradução Trans-temporal" traz os filmes da jovem cineasta norte-americana Sierra Pettengill.

Também haverá a secção Europa 61, uma ideia desenvolvida pela Eunice Portugal e que traz ao Porto 12 filmes, um de cada país europeu que quis participar. ●

"Hallelujah: Leonard Cohen, a journey, a song"

No arranque do festival, amanhã, será exibido o filme "Hallelujah: Leonard Cohen, a journey, a song", de Daniel Geller e Dayna Goldfine. Um filme em torno da memória de Leonard Cohen, falecido em 2016. "Gira à volta de uma figura extremamente universal, focando-se numa das músicas mais conhecidas, 'Hallelujah', e no seu percurso artístico e musical", explica o diretor do festival, Dario Oliveira. O filme integra a competição "Transmission" do festival e será uma estrela nacional, que ainda não está nas plataformas digitais, atraindo assim o público a deslocar-se ao Coliseu do Porto - "maior ecrã da invicta", diz o diretor - às 22 horas. Os bilhetes já estão à venda (cinco euros por sessão).

"Tune into the future" é exibido no âmbito da secção Europa 61

DESTAQUES

1. "Diary for my lovers" Cinema Trindade 22/11 | 17.30
2. "Tune into the future" Passos Manuel 18/11 | 17.30
3. "Meet me in the bathroom" Passos Manuel 18/11 | 22
4. "Margot" Passos Manuel 19/11 | 16.00
5. "Máscaras" Cinema Trindade 19/11 | 18.30
6. "Fora de campo" Coliseu do Porto 21/11 | 22.30
7. "Borderline" Cinema Trindade 22/11 | 15
8. "The curse" Cinema Trindade 23/11 | 16.30
9. Apresentação do livro "A cidade do depois - História(s), imagens, cinema, política" Cinema Trindade 23/11 | 18.00
10. "Microcosmo: O povo da erva" Casa Comum - Reitoria UP 26/11 | 15
11. "We are guardians" Planetário 26/11 | 17



Está de volta o festival que celebra a variedade da cultura pop

Parque das Nações, em Lisboa, recebe entre os dias 8 e 11 de dezembro mais uma edição do evento

Bruna Pereira
cultura@jn.pt

ENTRETENIMENTO Três anos depois, a Comic Con regressa para uma edição sem restrições, prometendo ter aprendido com a experiência das edições passadas. Na sua oitava edição pelo território português – primeiro em Matosinhos e, de há quatro anos a esta parte, em Lisboa –, o festival mantém as premissas de sempre, que fazem deste evento

um fenómeno de popularidade evidente nos diferentes países e continentes onde se realiza. Ou seja, focar as diferentes áreas da indústria do entretenimento, apresentando uma quase interminável panóplia de atividades: "geek market", atividades e passatempos de várias marcas, conversas com atores de cinema, de séries, de banda desenhada ou literatura e ainda espaços dedicados ao gaming, ao cosplay e

aos mais novos (Comic Con Kids). A vasta programação não irá ficar por aqui. Paulo Rocha Cardoso, CEO da Comic Con, diz que "até ao último dia temos sempre novidades". Os muitos conteúdos ainda por divulgar, principalmente a nível nacional, irão ser desvendados "muito em breve", garante.

UMA CONSTANTE EVOLUÇÃO De edição para edição, a transformação da Comic

EDIÇÃO Premiar o heroísmo de cada um

O mote da edição deste ano é "We can be heroes/Todos nós podemos ser heróis", algo que a Comic Con pretende celebrar. Paulo Rocha Cardoso explica que, para o conseguirmos, "basta ajudar alguém, fazer as outras pessoas sentirem-se felizes ou estar só presente". Este ano, a organização espera conseguir alcançar o mesmo número de visitantes que em 2019 (ano anterior à pandemia) – mais de 140 mil. Desse número, a incidência internacional representará uma percentagem entre os "15% e 20%", afirma Paulo Rocha Cardoso, pormenorizando que os visitantes costumam ser oriundos de vários continentes.

Con parece notória, tanto no espaço como no conteúdo programado. Paulo Rocha Cardoso destaca a capacidade do recinto, no Parque das Nações, para albergar grandes estruturas montadas no exterior. No próprio recinto haverá novos auditórios em que irão ser abordados todos os temas que fazem parte da programação. "Todos os anos tentamos melhorar e acrescentar mais aos visitantes e participantes que estão presentes", acrescenta o responsável. O próprio conteúdo programático da Comic Con também vai evoluindo, ao assimilar as mudanças e tendências em curso.

DIGITAL "VEIO PARA FICAR" O CEO da Comic Con refere que a "pandemia veio transformar a indústria do entretenimento". Antes de 2019, aponta, não se entenderia o motivo da realização de um evento híbrido ou 100% digital. Durante a pandemia, em 2020, a Comic Con teve de ser realizada online e em 2021 optou por uma condição híbrida.

Mesmo voltando à normalidade, a edição deste ano

vai contar com um "live stage" – um palco ao vivo que dá a possibilidade às pessoas que não se podem deslocar ao evento de assistirem a partir de casa ao que está a acontecer.

Ao mesmo tempo que se testemunha o crescimento do online, verifica-se uma outra tendência: a plataforma a que se recorre para o entretenimento funciona cada vez menos de forma isolada.

A tendência dominante aponta para que as diferentes áreas do entretenimento se unam, proporcionando um leque de experiências mais alargado.

Atenta a estas mudanças, a organização da Comic Con agora já não integra só a tópicos específicos a uma das áreas de entretenimento, mas também tópicos com conteúdo que abrangem mais uma área.

O CEO do evento nacional acrescenta: "somos consumidores e, por isso, do futuro é que é que os queremos ver, não somente se é numa, num numa televis

Co
sint
de

João An
cultura@jn.pt

CINEMA
em Li
reve
apre
me,
com
rant
aud
nei
nu
pi
aj
b

Paulo Rocha Cardoso
(em cima) é o diretor
de um evento que aguarda
140 mil visitantes



Alemanha dita leis nas apostas da Casa da Música para 2023

"Ciclo Made in Germany" arranca já em janeiro e é marcado por várias estreias nacionais. Enno Poppe vai ser um dos compositores residentes

Enno Poppe
maestro berlinense

Entre 14 estreias nacionais e cinco mundiais, a Casa da Música (CdM) dedica o núcleo central da sua programação em 2023 à Alemanha, repetindo o destaque já dado em 2015.

A apresentação da obra célebre sinfónica "A house of call", uma encomenda da CdM ao compositor Heiner Goebbels, é um dos mais de 100 concertos já calendarizados, mas o número deverá multiplicar-se, já que ainda estão por marcar os concertos no café e os que habitualmente decorrem na esplanada durante o verão.

"Uma programação articulada entre os vários agrupamentos e os vários géneros musicais", sintetizou António Jorge Pacheco, diretor artístico da instituição, que assumiu a vontade de ajudar e fixar jovens talentos portugueses.

"NOVAS PERSPETIVAS"

A par do regresso de ciclos já consolidados, como os de piano, jazz e de jovens, estão prometidas "novas constelações". Destas, o destaque recai em "Made in Germany". A panorâmica alargada da música alemã inicia-se a 13 de janeiro e, até dia 29 do mesmo mês, oferece uma amostra da riqueza e diversidade previstas ao longo do ano.

Do barroco às valsas, com incursões asseguradas pela obra de Wagner, este ciclo contempla ainda uma resi-

dência artística do compositor e maestro berlinense Enno Poppe. Já com uma relação artística com a instituição, o músico verá algumas das suas obras mais relevantes serem interpretadas pela Orquestra Sinfónica e pelo Remix Ensemble.

A junção-se a Enno, surge João Caldas, que será o jovem compositor residente português. A render na Alemanha, venceu a décima edição do Prémio Composição SPA/Antena 2, com a sua peça "Agoria" (2020).

Neste regresso às palcos sonoras germânicas ao cabo de oito anos, o espetro da repetição não se coloca, acredita António Jorge Pacheco: "Quisemos voltar para aprofundar o tema com

PROGRAMAÇÃO

10 de janeiro
Thiago Tortaro
Pianista de apenas 16 anos, natural de Santa Maria dos Olivais, já venceu vários prémios nacionais e internacionais.

25 de janeiro
Nena
A jovem cantautora lisboeta sobe ao palco da Sala Suggia para apresentar um concerto intimista, onde não faltarão os temas "Purtas do sol" e "Do meu ao teu corréio".

27 janeiro
"O anel de Wagner"
Dirigida por Vassily Sinaisky, a Orquestra Sinfónica da Casa da Música

(OSCM) executa "O anel sem palavras," de Richard Wagner.

10 de fevereiro
"A queda da casa de Usher"
Um cine-concerto acompanhado pelo OSCM onde será interpretada a música de Sanchez-Verdú, criada para o filme de Jean Epstein.

18 de fevereiro
Luisa Sobral
A cantora de jazz Luisa Sobral regressa à Casa da Música para apresentar os temas que fazem parte do seu sexto álbum, intitulado "DanSando".

04 de março
Elektra
No ciclo Música e Mito, OSCM interpreta "Elektra", a narrativa de Sófocles recuperada por Richard Strauss.

22 de março
Grigory Sokolov
O celebre pianista russo vai atuar pela 15.ª vez na Sala Suggia e, à semelhança das anteriores, com um programa novo.

24 de março
Agnes
Agnes Nunes é uma das maiores jovens cantoras da nova geração de música popular brasileira, focando-se no forró e blues.

novas perspetivas e novos olhares sobre aquilo que representa a Alemanha na história da música e no contexto cultural atual".

DE SAMUEL ÚRIA A ZAMBUJO
O próximo ano traz à Casa ciclos que já entraram nos hábitos de muitos. São os casos de "Invicta. Música. Filmes" (fevereiro), "Música e Mito" (março), "Música & revolução" (abril), o "Rito da primavera" (maio) ou o "Verão da Casa" (junho a setembro), entre outros. Como novidades fora do circuito da música clássica e erudita, destacam-se os espetáculos de António Zambujo e Ymandu Costa (8 de março), Samuel Úria (21 de março), Jorge Cruz (13 de abril), Glenn Miller Orchestra (2 de maio), Sara Correia (17 de junho) ou Cristina Branco (2 de novembro).

Questionado sobre a fraca representação de géneros mais populares na sua programação, o diretor artístico defendeu que a CdM não pode estar em concorrência com promotores privados. "A instituição tem de pensar e reposicionar-se, porque de facto há novos empreendedores a cobrir e a dominar o mercado e as agendas", acrescentou.

Quanto ao novo grupo de reflexão, que irá ser encabeçado pelo músico e produtor Mário Barreiros, António Jorge Pacheco preferiu não comentar, sustentando que "falo apenas da minha área de responsabilidade".

CULTURA

Cuba de luto com a morte do cantor e compositor Pablo Milander

Artista morreu em Madrid aos 79 anos

MÓNICA Pablo Milander, um dos maiores símbolos da música e cultura de Cuba, morreu nesta segunda-feira em Madrid, onde se encontrava hospitalizado há vários dias.

Com 79 anos, o cantor resistiu aos efeitos de uma série de infeções que afetaram o pulmão nos últimos meses, surgidas em consequência de uma doença oncológica de que o cantor sofria há vários anos.

Em 1960, fundou o movimento musical cubano, juntamente com outros artistas como Silvio Rodríguez e Noel Nicola. Foi autor de 40 álbuns e ganhou o Prémio Nacional de Cuba e de Excelência em 1990.

Em Portugal, foi conhecido pelo seu trabalho na Rádio Comercial, onde apresentou o programa "Feitiço da noite". Também foi apresentador da rádio portuguesa.

Produtores de cinema ucranianos vencem Eurimages

Cerimónia decorre em ReiQuiavique

CINEMA A 35.ª edição da cerimónia de entrega dos prémios Eurimages vai realizar-se a 10 de dezembro em ReiQuiavique, na Islândia. Mas se são conhecidos os primeiros, como o de filme, realizador, o processo de votação por membros da Academia e outros prémios cam a ser revelado no mês de fevereiro.

É o caso do Prémio de Coprodução Europeia de Cinema, atribuído não a todos os produtores ucranianos, mas a todos os produtores que tenham realizado um filme de longa-metragem em coprodução com um produtor europeu. A Eurimages, a agência europeia de cinema, apoia os produtores ucranianos através de empréstimos financeiros para a produção de filmes. O apoio aos produtores ucranianos é uma das prioridades da Eurimages, que também apoia a produção de filmes de curta-metragem e de animação. O apoio aos produtores ucranianos é uma das prioridades da Eurimages, que também apoia a produção de filmes de curta-metragem e de animação.

Aurélia de Souza: seis meses para “celebrar a vida ou os segredos”

Exposição do Museu Nacional Soares dos Reis, no Porto, celebra o centenário da morte da pintora. Inaugura-se hoje

os segredos que ela terá”, diz a comissão da exposição que assinala os 100 anos da morte da artista luso-chilena, Maria João Lello Ortigão de Oliveira. É entre a presença e os mistérios de Aurélia que a exposição “Vida e segredo: Aurélia de Souza 1866-1922” se desenrola. A mostra conta com 92 pinturas, sendo a maioria de Aurélia, mas também há obras de outros autores que fazem o enquadramento à sua obra, como Bordalo Pinheiro.

A coleção provém de entidades públicas – Câmara do Porto, Casa Marta Ortigão Sampaio, Câmara de Matosinhos e Gulbenkian – e maioritariamente privadas.

Terminado o percurso “Vidas”, surge “Espaços”, que remete para as zonas de intimidade de Aurélia de Souza. Os principais espaços em destaque provêm da sua casa de família, na Quinta da Chana. Era uma casa senhorial do século XVII em que a artista via arte em tudo, no quarto, na sala, no ateliê, na cozinha, nos jardins, no ar. A maior surpresa vai para as duas obras que são quase idênticas, uma pintada por Aurélia e outra pela sua irmã, Sofia, aludindo a um jogo entre as duas.

Em seguida deparamo-nos com objetos da época, e da própria Aurélia, expostos numa vitrina, para podermos continuar o caminho para o espaço “Temas”. Esta área é marcada por vários tópicos da época, tais como cenas burguesas, paisagens naturais e espaços que marcarão o seu trajeto.

Por fim, “Cores”, uma zona de autorretratos de Aurélia e da irmã Sofia, que a imita em tom de brincadeira – e onde sobressai uma divertida recriação de Santo António, que nasceu no mesmo dia que Aurélia.

Comissária Maria João Lello Ortigão de Oliveira

Bruna Pereira
bruna.pereira@jr.pt

ARTES PLÁSTICAS O primeiro centenário da morte da pintora Aurélia de Souza, nascida em Valparaíso, no Chile,

em 1866, e falecida em 1922, no Porto, assinala-se este ano e o Museu Nacional Soares dos Reis, no Porto, em parceria com os amigos do MNSR – Círculo Dr. José de Figueiredo, quis “celebrar a vida ou

TOME NOTA

Para ver até maio
A mostra está patente de terça a domingo, das 10 às 18 horas. Preço: 3€.

Visitas guiadas
A partir de 3 de dezembro, aos sábados (15 h) há visitas comentadas. Para famílias: aos domingos (10.30), de 11 de dezembro em diante.

Performances
Todos os sábados (16.30 horas) e quintas (17.30) há performances de dança, teatro e poesia que complementam a obra de Aurélia de Souza.

CULTURA 33

Um drama no interior de uma mina escocesa

"As Índias Negras", da coleção Júlio Verne, estará nas bancas já amanhã



A COLEÇÃO
VIAGEM AO CENTRO DA TERRA
 3 DE SETEMBRO
A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS
 10 DE SETEMBRO
MICHEL STROGOFF
 17 DE SETEMBRO
OS INGLESES NO POLO NORTE
 24 DE SETEMBRO
O DESERTO DE GELO
 1 DE OUTUBRO
CINCO SEMANAS EM BALÃO
 8 DE OUTUBRO
NORTE CONTRA SUL
 15 DE OUTUBRO
O DOUTOR OX
 22 DE OUTUBRO
TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES
 29 DE OUTUBRO
A ESTRELA DO SUL
 5 DE NOVEMBRO
AS ÍNDIAS NEGRAS
 12 DE NOVEMBRO
UMA CIDADE FLUTUANTE
 19 DE NOVEMBRO
DA TERRA À LUA
 26 DE NOVEMBRO
20 000 LÉGUAS SUBMARINAS
 3 DE DEZEMBRO

JÚLIO VERNE



O "inventor" da literatura científica

O gosto pelas aventuras manifestou-se cedo na vida de Júlio Verne (1828-1905), pese embora o seu pai ter procurado combater esse lado sonhador, ao inscrevê-lo no curso de Direito. Apesar de tudo, a paixão pela literatura e pelo teatro levou a melhor. Com apenas 20 anos, começou a publicar os primeiros textos, muito longe de imaginar que esse seria o seu genial modo de vida.

io
gico
2017,
o
ções

onstruir,
este fol
extrema-
dirigit,
de pes-
za e Vi-
ruir as
trage-
apren-
ção mo-
tação
ntal da
da cri-
me de

ão do
NOS
r um
re as
om a
ável
pres-
de.

ESTRELA DO SUL

É já a partir de amanhã que pode adquirir nas bancas, por mais 5,95 euros, na compra de um exemplar do "Jornal de Notícias", o romance "As Índias Negras", integrado na coleção de Júlio Verne.

O título faz referência à riqueza gerada pela Revolução Industrial no Reino Unido, com um paralelismo à riqueza das Índias orientais. A obra desenrola-se na Escócia, focando-se nos mineiros forçados a deixar o trabalho quando acaba o carvão nas minas de Aberfoyle.

Simon Ford, diretor da mina, e a sua família ficaram a viver no interior da mina. Ao fim de 10 anos, recebem uma carta misteriosa, que confirma terem encontrado um novo filão de carvão. Com a ajuda de Jaime Starr, antigo engenheiro da mina, voltam a juntar uma equipa de mineiros para trabalhar na agora cidade subterrânea.

Contudo, começam a acontecer acidentes que colocam em risco a vida dos mineiros. Os mesmos começaram a acreditar numa "força oculta" e que algo não estava certo. Harry Ford, filho de Simão Ford, está convencido de que não são acidentes e começa a investigar, até que surge uma terceira carta com uma ameaça: "Tu, Simão Ford, roubaste-me o último filão das velhas hulheiras! ... Maldição sobre todos vós!".

Anexo 49





Anexo 51

Daniel Seabra venceu prémio do Coliseu dedicado ao circo

CIRCO Daniel Seabra é o primeiro vencedor do concurso de artes circenses promovido pelo Coliseu do Porto, com um valor pecuniário de cinco mil euros. O anúncio foi feito na cerimónia comemorativa dos 81 anos da histórica sala de espetáculos portuense. O acrobata e trapezista é natural do Porto e começou o seu percurso com apenas 16 anos no Chapitô.

Anexo 52

CULTURA 29

Diário de N

Fora de casa

por Bruna Pereira



SESSÃO ESPECIAL

Realizador Atom Egoyan hoje no Cinema Trindade no Porto

CINEMA O filme "Convindo de honra" irá ser exibido hoje, às 19 horas, no Cinema Trindade. O seu realizador, Atom Egoyan (nomeado para um Oscar), marcará presença na sessão, estando planeado uma conversa com o público, que poderá colocar questões do filme canadiano de 2019.

Integrado no ciclo de cinema organizado pela Escola das Artes da Universidade Católica do Porto e pela Fundação Calouste Gulbenkian, o drama que estreou no Festival de cinema de Veneza 2019, conta a história de um pai (Jim) e de uma filha (Verónica), que vão revelando os seus segredos, terminando surpreendidos.

Verónica é professora de música do ensino secundário, quando se vê acusada de assédio sexual, num caso com um jovem de 17 anos, seu aluno. A filha de Jim, convencida de que estava a ser justamente acusada, confessa outros crimes do seu passado e aceita ir presa. Jim, angustiado, vai defender a filha até às últimas consequências e tentar tudo para a libertar. Mas Verónica não pretende sair da prisão, o que leva a um grande conflito com o pai.

CINEMA TRINDADE
Rua do Almada 412 - Porto

ii-
u-
gõ
O
e-
Z:
R
y-
i



TRIBUTO

Retrato contado de Anita Guerreiro

A Junta de Freguesia da Misericórdia, em Lisboa, presta por estes dias homenagem à fadista Anita Guerreiro. Este tributo acolhendo a exposição "Retratos contados", que esteve patente, no verão passado, na Galeria Art.Ever. Uma oportunidade para ver a história de uma mulher que representa um dos maiores tesouros que Portugal tem na sua cultura.

JF MISERICÓRDIA
L. Dr. António Sousa Macedo



CINEMA

"Aniki-Bobó" chega aos 80 anos

O filme do cineasta Manoel de Oliveira "Aniki-Bobó" celebra 80 anos. A Fundação de Serralves irá ter uma série de conversas, com historiadores, escritores e cinéfilos, em torno do legado histórico do filme. Hoje, às 19 horas, decorre a primeira conversa, com a historiadora e escritora Irene Flunser Pimentel. Em paralelo, decorre uma exposição e um ciclo de cinema.

SERRALVES
R. Dom João de Castro 210, Porto

Anexo 53

“Proximidade” estreia-se no Teatro da Politécnica

LISBOA A peça de teatro “Proximidade”, do romancista e dramaturgo norueguês Arne Lygre, é levada a palco pela companhia Artistas Unidos. “Ela” é a personagem central, que faz uma retrospectiva sobre o que lhe aconteceu ao longo da vida, sobretudo na relação com os outros. A partir desta quinta-feira e até dia 3 de dezembro, a peça estará no Teatro da Politécnica, em Lisboa.

Ballet Contemporâneo do Norte traz 24 artistas

DANÇA O Ballet Contemporâneo do Norte dá hoje início, em Santa Maria da Feira, ao encontro de artes performativas, que este ano irá contar com 24 artistas em seis dias. Com o obje-



Lionel Richie confirmado para o festival CoolJazz 2023

MÚSICA O cantor norte-americano Lionel Richie é a primeira confirmação do cartaz da 18.ª edição do festival CoolJazz, em Cascais. O cantor, de 73 anos, é a voz dos temas “Hello”, “All night long”, “Say you, say me” e “Endless love”, canções que irão ser tocadas a 8 de julho de 2023, no Hipódromo Manuel Possolo. Os bilhetes para o concerto estarão à venda a partir das 11 horas de quinta-feira, no site do festival.

Anexo 54



Anexo 55

Fora de casa por Bruna Pereira **TV**



CONCERTOS
Fado vai ecoar pelo Fórum da Maia hoje e amanhã

FADO Durante hoje e amanhã, o Fórum da Maia vai ter noites de fado, com a iniciativa "O fado vai ao fórum".

Com entrada livre, o auditório vai receber quatro artistas – Isa de Castro, Miguel Bandeirinha, Pedro Ferreira e Carla Teles – que dão jus ao património imaterial da humanidade.

Hoje, às 19 horas, a fadista Isa de Castro entra em palco para cantar um estilo musical que sempre teve presente durante o seu crescimento. Com mãe fadista e natural de Braga, Isa de Castro venceu em 2013 o Braga Fado, tendo em 2012 sido distinguida com o Prémio Juventude/Revelação. Tem vindo a conquistar tanto público nacional como internacional.

Às 21.30 horas é a vez de Miguel Bandeirinha (na foto). Natural do Porto, desde os seus 6 anos convive com a canção portuguesa através das casas de fado da família. Em 2010 dedicou-se seriamente à música, tendo já representado Portugal no Festival Internacional de Música do Mundo no Uzbequistão. Amanhã também poderá assistir ao concerto de Pedro Ferreira (19 horas) e Carla Teles (21.30 horas).

FÓRUM DA MAIA
 R. Eng. Duarte Pacheco, 131




EXPOSIÇÃO
Uma viagem pelos livros de Saramago

No âmbito do centenário do nascimento de José Saramago, surge a exposição "Voltar aos passos que foram dados", patente na Biblioteca de Sobral de Monte Agraço. É esta frase da obra "Viagem a Portugal" que levanta o desafio de fazer uma "viagem pela biografia literária do escritor". Com seleção e composição de textos de Carlos Reis e Fernanda Costa, a mostra abre hoje.

BIBLIOTECA MUNICIPAL
 Sobral de Monte Agraço

AO VIVO
Ana Moura lança novo álbum

A cantora Ana Moura tem um novo álbum intitulado "Casa Guilhermina" e irá apresentá-lo hoje, às 19 horas, à entrada dos Armazéns do Chiado. Dando início às celebrações natalícias (as luzes de Natal no shopping são ligadas), a cantora irá interpretar alguns dos novos temas, tais como "Andorinhas" e "Jacarandá". Está prevista uma sessão de autógrafos na loja Fnac.

ARMAZÉNS DO CHIADO
 Rua do Carmo, Lisboa



Capicua vence Prémio José Afonso com “Madrepérولا”

MÚSICA A rapper portuguesa Capicua venceu o Prémio José Afonso 2021, com o álbum “Madrepérولا”. O júri sublinhou “a qualidade das letras, a interpretação emotiva e a cuidada produção do álbum”. “Madrepérولا”, editado em janeiro de 2020, é o terceiro álbum de Capicua, no qual a artista volta a abordar temas como o machismo e a gentrificação, aludindo ainda à maternidade.

Anexo 57

Personalidades marcantes da cultura nacional

O 11.º volume da coleção de César Santos Silva estará nas bancas já amanhã



A COLEÇÃO

OS ANOS DE 1900	4 DE SETEMBRO
OS ANOS 10	11 DE SETEMBRO
OS ANOS 20	18 DE SETEMBRO
OS ANOS 30	25 DE SETEMBRO
OS ANOS 40	2 DE OUTUBRO
OS ANOS 50	9 DE OUTUBRO
OS ANOS 60	16 DE OUTUBRO
OS ANOS 70	23 DE OUTUBRO

É já a partir de amanhã que pode adquirir nas bancas, por mais 5,95 euros, na compra de um exemplar do "Jornal de Notícias", a obra "Figuras e momentos da cultura. 1900-1939", integrado na coleção "Portugal no século XX" de César Santos Silva.

Depois de abordar detalhadamente cada década do século XX, César Santos Silva foca-se neste volume nas figuras e momentos de 1900 a 1939, sendo cada capítulo uma década. O autor refere que o objetivo é aprofundar os momentos culturais destas décadas, de modo a fazer uma biografia das principais personalidades, no ano da sua morte.

Entre as personalidades está Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Antero de Quental, Camilo Castelo Branco, Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Alfredo Keil, Henrique Lopes de Mendonça, entre outros. Consequentemente é abordada a geração de 70 e o grande grupo artístico "Grupo do café leão", que juntava nomes da pintura e da cultura, tais como Abel Botelho e Cesário Verde.

Também são destacados alguns momentos culturais nestas décadas, como lançamentos de livros, projeções de arquitetos, pinturas, peças de teatro. São evidenciados projetos nacionais, mas também os internacionais mais marcantes.

OS ANOS 70
23 DE OUTUBRO

OS ANOS 80
30 DE OUTUBRO

OS ANOS 90
6 DE NOVEMBRO

FIGURAS E MOMENTOS DA CULTURA 1900-1939
13 DE NOVEMBRO

OS 100 PORTUGUESES
20 DE NOVEMBRO

FIGURAS E MOMENTOS DA CULTURA I
27 DE NOVEMBRO

FIGURAS E MOMENTOS DA CULTURA II
4 DE DEZEMBRO

FIGURAS E MOMENTOS DA CULTURA III
11 DE DEZEMBRO

O AUTOR



César Santos Silva, um historiador do Porto

César Santos Silva, autor de "Portugal no século XX", é investigador, formador e professor de História do Porto, de Portugal Contemporâneo e do Mundo em várias instituições. Consultor histórico, publicou, entre outras obras, "Toponímia feminina portuense" (2011), "Passeios pelo Porto" (2012 e 2013), "Na rota dos judeus no Porto" (2014), "Na rota de Camilo no Porto" (2017) ou "António, o outro Salazar" (2019).

Anexo 58

TV



O FILME DE HOJE

Voltar atrás no tempo com Ricardo

DRAMA O cineasta João Botelho adapta ao cinema a famosa obra de José Saramago designada "O ano da Morte de Ricardo Reis". O filme conta a história de Ricardo Reis - um dos heterónimos de Fernando Pessoa - quando o mesmo regressa do Brasil, ao fim de 16 anos de exílio.

É em 1936 que vai decorrer toda a ação e tal como o nome indica, também será o ano da morte deste heterónimo. Vive-se tempos perigosos, marcados pelo fascismo de Mussolini, o nazismo de Hitler, a guerra civil espanhola e o estado novo em Portugal, de Salazar.

Ricardo Reis, interpretado por

Chico Díaz, ao chegar a Portugal, vai visitar a sepultura de Fernando Pessoa. A partir daí, o fantasma do poeta (interpretado por Luís Lima Barreto) irá começar a aparecer todas as noites no quarto de Reis e, durante meses, os dois terão conversas e reflexões sobre o que se está a passar no mundo e no país. Questões mais pessoais também são abordadas, como as paixões impossíveis de Ricardo Reis, Lidia e Marcenda.

RTP1/ 22.45H

"O Ano da Morte de Ricardo Reis"

Chico Díaz, Luís Lima Barreto

2020



SÉRIE DOCUMENTAL

Alienígenas existem? Já pisaram a Terra?

A arqueologia e a paleontologia já encontraram vestígios de que algo esteve na Terra, incluindo amostras de "cabelo de anjo", uma substância pegajosa em que os seus componentes não são originários da Terra. Também são vários os testemunhos de pessoas que avistaram óvnis ou discos voadores. Esta série levanta questões intemporais da presença alienígena no nosso planeta, apresentando testemunhos e provas científicas.

CANAL HISTÓRIA/ 08.33H

"Extraterrestres?"



ANIMAÇÃO

Viver as maiores aventuras com a Mia

Mia é uma menina que mora na movimentada cidade designada Todososdias. É nela que Mia irá viver grandes aventuras, acompanhada pelos seus grandes amigos Sofia Brinca, Emilia Partilha e o divertido Tomás. Com muito entusiasmo, a Mia, uma criança destemida, está sempre pronta para tentar algo pela primeira vez e aprender coisas novas. "Mia Go" é uma série de animação que promete entreter os mais pequenos.

RTP2/ 07.25H

"Mia Go"

2018

CULTURA 33

Fora de casa

POR: Bruna Pereira



FESTIVAL

Nan Goldin traz hoje ao Rivoli a sua obra fotográfica e filmica

CINEMA O festival de cinema da Universidade Lusófona do Porto, Multiplex, está de volta para a sua 12.ª edição. A cineasta e fotógrafa norte-americana Nan Goldin está em destaque este ano e as suas obras fotográficas e filmes serão exibidos. Hoje, às 18 horas, no pequeno auditório do Teatro Rivoli, poderá assistir aos filmes "Fire leap" e "The ballad of sexual dependency". Amanhã, pela mesma hora e no mesmo local, irão ser projetados os filmes "Sirens", "The other side" e "Memory lost". As sessões de cinema são gratuitas – sendo só necessário levantar o bilhete à entrada.

A Universidade Lusófona também atribuiu, ontem, o Doutoramento Honoris Causa a Nan Goldin. Hoje, a cineasta irá realizar uma masterclass, pelas 15 horas, no Teatro Nacional São João.

O corpo do trabalho de Nan Goldin é essencialmente autobiográfico, incluindo as suas próprias vivências sociais nas obras. Os direitos humanos também são um tema presente.

O ciclo é organizado pelos alunos finalistas do curso de Comunicação Audiovisual e Multimédia, em parceria com o Teatro Rivoli.

TEATRO MUNICIPAL RIVOLI
Rua do Bonjardim, 143, Porto

Anexo 60

26 de novembro de 2022 Jornal de Notícias

Décadas de ouro no crescimento cultural do país

13.º volume da coleção de César Santos Silva amanhã nas bancas com o JN



A COLEÇÃO

OS ANOS DE 1900	4 DE SETEMBRO
OS ANOS 10	11 DE SETEMBRO
OS ANOS 20	18 DE SETEMBRO
OS ANOS 30	25 DE SETEMBRO
OS ANOS 40	2 DE OUTUBRO
OS ANOS 50	9 DE OUTUBRO
OS ANOS 60	16 DE OUTUBRO

"Portugal no século XX. Figuras e momentos da cultura, 1964-2000"

CELSO SANTOS SILVA

É já a partir de amanhã que pode adquirir nas bancas, por mais 6,30 euros, na compra de um exemplar do "Jornal de Notícias", a obra "Figuras e momentos da cultura: 1964-2000", integrado na coleção "Portugal no século XX", da autoria de César Santos Silva.

Este volume recai, mais uma vez, sobre as principais figuras e momentos da cultura portuguesa, mas agora das últimas décadas do século XX – de 1964 a 2000.

César Santos Silva apresenta uma "cronologia artística e cultural" de cada ano, em que são destacados todas as obras lançadas por artistas daquele ano: Fernanda Botelho, Sophia de Mello Breyner, Manoel de Oliveira, Siza Vieira, entre outros. Também são apontados determinados momentos culturais, como a abertura de grandes galerias de arte, a atribuição de prémios de diferentes áreas artísticas, exposições internacionais, entre outros eventos. Foram décadas de grande crescimento cultural, levando a que Santos Silva, no fim da obra, mencionasse ainda mais nomes.

Em complemento, é feita uma breve resenha dos artistas que morreram em cada ano e é descrita a sua contribuição. No fim, o autor levanta o véu sobre o grande fenómeno literário do próximo século: "Harry Potter", de J. K. Rowling.

OS ANOS 70
23 DE OUTUBRO

OS ANOS 80
30 DE OUTUBRO

OS ANOS 90
6 DE NOVEMBRO

FIGURAS E MOMENTOS DA CULTURA I
13 DE NOVEMBRO

FIGURAS E MOMENTOS DA CULTURA II
20 DE NOVEMBRO

FIGURAS E MOMENTOS DA CULTURA III
27 DE NOVEMBRO

OS QUE NOS GOVERNARAM
4 DE DEZEMBRO

OS 100 PORTUGUESES
11 DE DEZEMBRO

O AUTOR



César Santos Silva, um historiador do Porto

César Santos Silva, autor de "Portugal no século XX", é investigador, formador e professor de História do Porto, de Portugal Contemporâneo e do Mundo em várias instituições. Consultor histórico, publicou, entre outras obras, "Toponímia feminina portuense" (2011), "Passeios pelo Porto" (2012 e 2013), "Na rota dos judeus no Porto" (2014), "Na rota de Camilo no Porto" (2017) ou "António, o outro Salazar" (2019).



Três Tristes Tigres



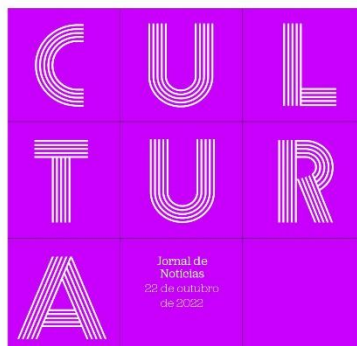
Clã



GNR



Rui Silva, vocalista dos Zen



Jornal de Notícias
22 de outubro
de 2022



Pluto

Começa hoje o primeiro Rock à Moda do Porto

Festival na Super Bock Arena junta GNR, Pluto, Zen, Clã e Três Tristes Tigres. É esperada "casa cheia"

Bruna Pereira
cultura@jn.pt

MÚSICA Está tudo pronto para dar início ao novo festival que criou o conceito Rock à Moda do Porto. Jorge Veloso, da organização, revela que "haverá muitas surpresas" e orgulham-se de ter uma noite com cinco bandas que "superaram tendências" e trarão ao festival "um ambiente fantástico". Durante uma noite cheia de concertos, o público po-

derá contar com uma zona de restauração e bares, para que possa "ter conforto e segurança", enquanto desfruta do espetáculo.

As portas abrem às 18 horas e às 19.30 horas, os Três Tristes Tigres, de Alexandre Soares e Ana Deus, inauguram o palco da Super Bock Arena.

Alexandre Soares promete surpresas e revelou ao JN que, durante o concerto da sua banda, "as músicas serão trabalhadas sempre de

TOME NOTA

Horários
Três Tristes Tigres: 19.30 horas

Clã: 20.45 horas

GNR: 22.15 horas

Zen: 23.45 horas

Pluto: 00.45 horas

Preços

Plateia em Pé: 29€

Balcão 1: 35€

Mobilidade Reduzida: 20€

uma forma que seja possível improvisar sobre as canções". Com a ambição de se recrearem, o guitarrista acrescenta que os TTT ensinam "sempre com o objetivo de ir para um espetáculo fazer coisas novas em cada tema".

NOVO ÁLBUM, NOVO ESTILO É focados neste pensamento que voltaram à ribalta em 2020, com um novo álbum designado "Mínimo luz". "Representa o que somos agora como músicos", confessa Alexandre Soares, não vendo necessidade de deixar a banda presa ao passado. O novo disco, apesar de integrar temas de rock, não caminha só por aí - há singles direcionados para a eletrónica ou então híbridos.

Alexandre Soares ainda acrescenta: "Há temas com os quais já não sentimos ligação, e esses não os tocamos mesmo", o que leva a que a banda ganhe sempre público novo e interessado nesta versão mais recente do grupo.

Do festival espera "um público muito heterogéneo",

uma vez que os "grupos que vão atuar são muito distintos uns dos outros, representam estéticas diferentes". Como resultado, atraem fãs de determinada banda que vão ver o seu concerto e acabam por assistir aos restantes. "Foi uma boa ideia juntar várias bandas no Porto, a cidade onde nasceram", conclui. Mas os Três Tristes Tigres não ficarão por aqui: em 2023 vão começar a trabalhar num novo disco de originais.

MUITO ROCK MAS NÃO SÓ Está prometida "uma grande noite de rock portuense", diz Jorge Veloso. Os Clã, banda que navega entre a pop e o funk, devem apresentar temas do seu novo disco, "Véspera", e os Zen e os Pluto farão exercícios de memória: o grupo rock liderado por Rui Silva revisitará "The privilege of making the wrong choice"; e os Pluto (projeto pop paralelo aos Ornatos Violeta) vão tocar temas do seu primeiro e único disco, "Bom dia" (2004).

Os GNR revelaram ao JN

que no seu alinhamento não vão faltar os grandes êxitos, como "Dunas", "Efetivamente" ou "Pro-núncia do Norte" - "e o resto decide-se em cima do palco", assegurou Rui Reininho, vocalista dos GNR.

MAIS FESTIVAL EM 2023

Contando com "casa cheia", mas sem revelar números exatos, a organização acredita que haverá, além da "grande circulação de público", interesse alargado pelas cinco bandas em cartaz. "Estamos há tanto tempo sem música, que agora queremos ver todos os concertos", diz Jorge Veloso.

"O sucesso e feedback que temos tido levam-nos a querer organizar para o próximo ano um festival de dois dias", adiantou o organizador ao JN. Com grandes planos, acredita que poderá não ser no mesmo local, mas sim num espaço ao ar livre, onde atuarão muitas outras bandas que já demonstraram interesse em participar. A única constante será mesmo esta: o festival será mesmo no Porto. ●

Anexo 62

Questionário completo:

O Jornalismo Cultural no Jornal de Notícias

O presente questionário foi desenvolvido no âmbito da prossecução do relatório de estágio, tendo o mesmo sido realizado no Jornal de Notícias (JN). O respetivo relatório surge para conclusão do Mestrado em Ciências da Comunicação (Vertente de Novos Média e Jornalismo), da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O inquérito visa entender a perceção e adesão do leitor do Jornal de Notícias, sendo ele em versão impresso ou online, à secção "Cultura". Os principais objetivos passam por entender a importância que a cultura tem para o leitor, quais os seus principais interesses nesta e qual a sua opinião do jornalismo cultural praticado pelos jornais generalistas.

O preenchimento do questionário dura aproximadamente 2 minutos.
As respostas são confidenciais e serão utilizadas apenas para fins académicos.
Agradeço a sua colaboração.

*Obrigatório

Sexo*

Feminino

Masculino

Outra:

Idade*

A sua resposta

Grau de Escolaridade*

Ensino Básico (9ºano)

Ensino Secundário (12º ano)

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

Outra:

Concelho em que reside*

A sua resposta

Com que regularidade lê o JN?*

Raramente

Ocasionalmente

Semanalmente

Diariamente

Costuma ler notícias da secção "Cultura" do JN? *

Não interessa o formato em que lê (Impresso, online, redes sociais)

Sim

Não

Com que regularidade costuma ler notícias de Cultura do JN? *

Raramente

Ocasionalmente

Semanalmente

Diariamente

Como encontra notícias sobre cultura no JN? *

Procuro pela secção Cultura no site do JN

Procuro pela secção Cultura no jornal

As notícias chegam até mim através das redes sociais ou outro meio de comunicação

Na sua opinião, indique, de 1 a 5, que importância se dá a notícias sobre cultura. *

1- Não se dá nenhuma importância

2

3

4

5 - Dá-se muito importância

Acredita que o JN incita à leitura de notícias sobre cultura? *

Sim

Não

Dentro das notícias culturais do JN quais são as áreas que lhe despertam maior interesse? *

Música Moderna (pop, rock, indie, country, soul, ...)

Música Clássica

Cinema

Televisão

Literatura

Arte

Teatro

Dança

Outra:

Na sua opinião, o JN abrange todas as áreas culturais? *

Sim

Não

Na sua perspetiva, de 1 a 5, quão aprofundados são os artigos jornalísticos sobre cultura do JN? *

1 - Não são aprofundados

2

3

4

5- São muito aprofundados

Acredita que a reflexão do próprio jornalista sobre determinado evento cultural é essencial para o leitor? *

Sim

Não

Na sua perspetiva, o JN inclui, nos seus artigos, essa vertente mais reflexiva? *

Sim

Não

Com que regularidade acha que o JN aborda os eventos culturais que acontecem no concelho em que reside? *

Nunca

Raramente
Ocasionalmente
Algumas vezes
Muitas vezes

Obrigada pela sua colaboração :)

Anexo 63

Tabelas contruídas no SPSS

		Sexo			
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Masculino	95	38,8	38,8	38,8
	Feminino	149	60,8	60,8	99,6
	Não Binário	1	,4	,4	100,0
	Total	245	100,0	100,0	

Tabela 7 - Informação descritiva da variável demográfica “Sexo”

Estatísticas Descritivas						
	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão	Variância
Idade	245	1	4	2,44	,816	,666
N válido (de lista)	245					

Tabela 8 - Informação descritiva da variável demográfica “Idade”

		Grau de escolaridade			
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Ensino Básico (9ºano)	2	,8	,8	,8
	Ensino Secundário (12º ano)	70	28,6	28,6	29,4
	Licenciatura	112	45,7	45,7	75,1
	CTeSP	1	,4	,4	75,5
	Mestrado	58	23,7	23,7	99,2
	Doutoramento	2	,8	,8	100,0
	Total	245	100,0	100,0	

Tabela 9 - Informação descritiva da variável demográfica “Grau de Escolaridade”

Concelho em que reside					
		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Albergaria-a-velha	2	,8	,8	,8
	Amarante	2	,8	,8	1,6
	Arouca	1	,4	,4	2,0
	Aveiro	3	1,2	1,2	3,3
	Barcelos	3	1,2	1,2	4,5
	Braga	4	1,6	1,6	6,1
	Bragança	1	,4	,4	6,5
	Cascais	1	,4	,4	6,9
	Celorico de Basto	1	,4	,4	7,3
	Chaves	1	,4	,4	7,8
	Fafe	1	,4	,4	8,2
	Gondomar	13	5,3	5,3	13,5
	Guimarães	2	,8	,8	14,3
	Leiria	1	,4	,4	14,7
	Lisboa	1	,4	,4	15,1
	Lousada	2	,8	,8	15,9
	Maia	13	5,3	5,3	21,2
	Marco de Canaveses	5	2,0	2,0	23,3
	Matosinhos	9	3,7	3,7	26,9
	Murça	1	,4	,4	27,3
	Oliveira de frades	1	,4	,4	27,8
	Ourém	1	,4	,4	28,2
	Ovar	1	,4	,4	28,6
	Paços de Ferreira	7	2,9	2,9	31,4
	Paranhos	1	,4	,4	31,8
	Paredes	2	,8	,8	32,7
	Penafiel	4	1,6	1,6	34,3
	Porto	71	29,0	29,0	63,3
	Póvoa de Varzim	2	,8	,8	64,1
	Sabugal	1	,4	,4	64,5
	Santa Maria da Feira	8	3,3	3,3	67,8
	Santa Marinha	1	,4	,4	68,2
	Santo Ildefonso	2	,8	,8	69,0
	Santo Tirso	4	1,6	1,6	70,6
	São João da Madeira	1	,4	,4	71,0
	Trofa	1	,4	,4	71,4
	Valongo	13	5,3	5,3	76,7
	Vila do Conde	2	,8	,8	77,6
	Vila Nova de Famalicão	2	,8	,8	78,4
	Vila Nova de Gaia	46	18,8	18,8	97,1
	Vila Real	1	,4	,4	97,6
	Vila Verde	1	,4	,4	98,0
	Viseu	5	2,0	2,0	100,0
	Total	245	100,0	100,0	

Tabela 10 - Informação descritiva da variável demográfica “Concelho”

Costuma ler notícias da secção "Cultura" do JN?

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Sim	112	45,7	45,7	45,7
	Não	133	54,3	54,3	100,0
	Total	245	100,0	100,0	

Tabela 11 - Informação descritiva da variável "Costuma ler notícias da secção 'Cultura' do JN?"

Tabulação cruzada Costuma ler notícias da secção "Cultura" do JN? * Com que regularidade lê o JN?

Contagem

		Com que regularidade lê o JN?				Total
		Raramente	Ocasionalmente	Semanalmente	Diariamente	
Costuma ler notícias da secção "Cultura" do JN?	Sim	18	50	24	20	112
	Não	89	28	9	7	133
Total		107	78	33	27	245

Tabela 12 - Tabela de contingência das variáveis 5 e 6

Com que regularidade costuma ler notícias de Cultura do JN?

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Raramente	15	13,4	13,4	13,4
	Ocasionalmente	45	40,2	40,2	53,6
	Semanalmente	34	30,4	30,4	83,9
	Diariamente	18	16,1	16,1	100,0
	Total	112	100,0	100,0	

Tabela 13 - Informação descritiva da variável "Com que regularidade costuma ler notícias de cultura do JN?"

	Cinema.	Música moderna (pop; rock; indie; country; soul; ...).	Literatura.	Arte.	Televisão.	Teatro.	Música Clássica.	Dança.
Frequência	79	70	62	54	49	41	23	23
Percentagem	70,5%	62,5%	55,4%	48,2%	43,8%	36,6%	20,5%	20,5%

Tabela 14 - Informação descritiva da variável “Dentro das notícias culturais do JN quais são as áreas que lhe despertam maior interesse?”

Festas e Romarias.	Design.	Arquitectura.	circo contemporaneo.	Arte em geral; arquitectura em	Rádio; entre outros exemplos.
2	1	1	1	1	1
1,8%	0,9%	0,9%	0,9%	0,9%	0,9%

Tabela 15 - Informação descritiva da variável “Dentro das notícias culturais do JN quais são as áreas que lhe despertam maior interesse?” (Continuação)

Na sua opinião, o JN abrange todas as áreas culturais?

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Sim	57	50,9	50,9	50,9
	Não	55	49,1	49,1	100,0
	Total	112	100,0	100,0	

Tabela 16 - Informação descritiva da variável "Na sua opinião, o JN abrange todas as áreas culturais?"

Com que regularidade acha que o JN aborda os eventos culturais que acontecem no concelho em que reside?

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Nunca	8	7,1	7,1	7,1
	Raramente	25	22,3	22,3	29,5
	Ocasionalmente	36	32,1	32,1	61,6
	Algumas vezes	23	20,5	20,5	82,1
	Muitas vezes	20	17,9	17,9	100,0
	Total	112	100,0	100,0	

Tabela 17 - Informação descritiva da variável "Com que regularidade acha que o JN aborda os eventos culturais que acontecem no concelho em que reside?"

Tabulação cruzada Concelho em que reside * Com que regularidade acha que o JN aborda os eventos culturais que acontecem na concelho em que reside?

Contagem

		Com que regularidade acha que o JN aborda os eventos culturais que acontecem na concelho em que reside?					Total
		Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Algumas vezes	Muitas vezes	
Concelho em que reside	Amarante	0	1	0	0	0	1
	Barcelos	0	1	1	0	0	2
	Braga	0	0	0	1	0	1
	Cascais	1	0	0	0	0	1
	Gondomar	0	3	3	1	0	7
	Lisboa	0	0	0	0	1	1
	Lousada	0	1	0	0	0	1
	Maia	0	3	3	0	0	6
	Marco de Canaveses	0	1	0	0	0	1
	Matosinhos	0	0	2	2	2	6
	Murça	1	0	0	0	0	1
	Ourém	1	0	0	0	0	1
	Ovar	1	0	0	0	0	1
	Paços de Ferreira	3	2	1	0	1	7
	Paredes	0	1	0	1	0	2
	Penafiel	0	0	1	1	1	3
	Porto	0	1	12	9	10	32
	Póvoa de Varzim	0	1	0	0	0	1
	Santa Maria da Feira	0	1	2	0	1	4
	Santo Tirso	0	1	0	0	0	1
	Trofa	0	1	0	0	0	1
	Valongo	1	2	0	0	0	3
	Vila do Conde	0	0	1	0	1	2
	Vila Nova de Famalicão	0	1	0	0	0	1
	Vila Nova de Gaia	0	3	9	8	3	23
	Viseu	0	1	1	0	0	2
Total		8	25	36	23	20	112

Tabela 18 - Tabela de contingência entre as variáveis 4 e 16

Testes qui-quadrado

	Valor	df	Significância Assintótica (Bilateral)
Qui-quadrado de Pearson	148,367 ^a	100	,001
Razão de verossimilhança	122,600	100	,062
Associação Linear por Linear	3,206	1	,073
N de Casos Válidos	112		

a. 124 células (95,4%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é ,07.

Tabela 19 - Teste Qui-Quadrado de Pearson aplicado às variáveis 4 e 16

Na sua perspectiva, de 1 a 5, quão aprofundados são os artigos jornalísticos sobre cultura do JN?

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Não são aprofundados	2	1,8	1,8	1,8
	São pouco aprofundados	15	13,4	13,4	15,2
	Neutro	56	50,0	50,0	65,2
	São aprofundados	38	33,9	33,9	99,1
	São muito aprofundados	1	,9	,9	100,0
	Total	112	100,0	100,0	

Tabela 20 - Informação descritiva da variável "Na sua perspectiva, de 1 a 5, quão aprofundados são os artigos jornalísticos sobre cultura do JN?"

Na sua perspectiva, o JN inclui, nos seus artigos, essa vertente mais reflexiva?

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Sim	50	44,6	44,6	44,6
	Não	62	55,4	55,4	100,0
	Total	112	100,0	100,0	

Tabela 21 - Informação descritiva da variável "Na sua perspectiva, o JN inclui, nos seus artigos, essa vertente mais reflexiva?"

Acredita que a reflexão do próprio jornalista sobre determinado evento cultural é essencial para o leitor?

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Sim	79	70,5	70,5	70,5
	Não	33	29,5	29,5	100,0
	Total	112	100,0	100,0	

Tabela 22 - Informação descritiva da variável "Acredita que a reflexão do próprio jornalista sobre determinado evento cultural é essencial para o leitor?"

		Na sua perspectiva, de 1 a 5, quão aprofundados são os artigos jornalísticos sobre cultura do JN?		Na sua perspectiva, o JN inclui, nos seus artigos, essa vertente mais reflexiva?	
Correlação de Spearman	Na sua perspectiva, de 1 a 5, quão aprofundados são os artigos jornalísticos sobre cultura do JN?	Coefficiente de Correlação	1,000	-,202*	
		Sig. (2 extremidades)	.	,032	
		N	112	112	
	Na sua perspectiva, o JN inclui, nos seus artigos, essa vertente mais reflexiva?	Coefficiente de Correlação	-,202*	1,000	
		Sig. (2 extremidades)	,032	.	
		N	112	112	

*. A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Tabela 23 - Teste de correlação de Spearman aplicado às variáveis 13 e 15

		Na sua perspectiva, o JN inclui, nos seus artigos, essa vertente mais reflexiva?		Total
		Sim	Não	
Na sua perspectiva, de 1 a 5, quão aprofundados são os artigos jornalísticos sobre cultura do JN?	Não são aprofundados	1	1	2
	São pouco aprofundados	7	8	15
	Neutro	17	39	56
	São aprofundados	25	13	38
	São muito aprofundados	0	1	1
Total		50	62	112

Tabela 24 - Tabela de Contingência entre as variáveis 13 e 15

Anexo 64

Avaliação qualitativa do orientador de estágio: José Miguel Gaspar


Faculdade de Letras da Universidade do Porto Porto
Porto e JN, 26 maio de Maio de 2023
Assunto: Estágio de Bruna Pereira no Jornal de Notícias
A estagiária em apreço, Bruna Pereira, efetivou o seu plano curricular de estágio na secção de Cultura do Jornal de Notícias, na Redação-sede do Porto, e cumpriu as expectativas nela depositadas. A sua assiduidade é considerada exemplar, o mesmo se verificando na sua disponibilidade para o trabalho em horário pós-laboral, ou troca de dias de folga, preceito fundamental para o exercício do jornalismo. A estagiária demonstrou possuir iniciativa editorial, propondo trabalhos extra agenda. Verificamos com satisfação que o seu nível de responsabilidade é já elevado, característica que se traduz na qualidade final dos seus textos. A sua capacidade de reação, e tempo de resposta, são adequados ao seu nível de experiência. No cômputo geral, Bruna Pereira demonstrou possuir boas qualidades de previsão, organização e planeamento, distinções que a colocam em boa posição para aceder ao mercado de trabalho.
O Editor, José Miguel Gaspar  Carteira profissional de Jornalista: 2075